



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em **Psicologia da Família**.

Priscilla Delphine Araújo



FACULDADE DE FILOSOFIA
JULHO 2014



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Local do Estágio: Oficina de São José -
Braga

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família**

Priscilla Delphine Araújo

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**



FACULDADE DE FILOSOFIA
JULHO 2014

Agradecimentos

À Professora Fabrizia, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e apoio incansável que muito elevaram os meus conhecimentos e, sem dúvida, estimularam o meu desejo de querer saber mais e querer fazer melhor.

À Dr.^a Mafalda, obrigada pela sua disponibilidade, pela sua larga experiência e capacidade de análise e pela oportunidade que me deu ao integrar a Equipa de Psicologia. Desta forma, reconheço, com gratidão, não só a confiança que depositou em mim, desde o início como também, o sentido de responsabilidade que me incutiu em todas as fases do estágio.

Ao meu pai, meu herói, meu mentor...muito obrigada por teres sido o melhor pai do mundo, por me teres ensinado que quem luta alcança os seus objetivos e por me teres dotado desta tua garra que te caracteriza. Este percurso foi sempre feito a pensar em ti, e é a ti que o dedico! Onde quer que estejas, sei que estas orgulhoso!

À minha querida mãe e irmã, que juntas são a minha força de viver e de procurar sempre mais e melhor. Estou-vos eternamente grata por tudo e por estarem sempre presentes nas diversas etapas da minha vida. A vossa presença e apoio incondicional fazem toda a diferença no final do dia, obrigada por acreditarem em mim!

Ao meu irmão que demonstrou a maneira dele a sua preocupação constante neste meu percurso e me aturou muitas vezes nos meus desabafos. Obrigada pelos jantares tardios repletos de conselhos e diretrizes para seguir.

Ao meu namorado, pelo teu carinho constante e amizade. Ouvinte atento, que esteve sempre presente e me encorajou nos momentos mais difíceis. Obrigada pela tua força transmitida...Não teria conseguido sem ti.

À minha amiga Patrícia, percorrermos o mesmo caminho ao longo de 5 anos e foram muitos os momentos de estudo, diversão, apoio, cumplicidade mas sobretudo de amizade. Estás sempre cá dentro!

O meu profundo obrigado a todos os meus amigos pelo incentivo recebido ao longo dos anos, pela alegria e pelas distrações fundamentais nesta etapa da vida.

Ao Dr. Serafim e Dr.^a Liliana, o meu muito obrigada pelo vosso profissionalismo, pela sincera amizade e pela total disponibilidade que sempre revelaram para comigo.

À Ana Cécima pelo teu companheirismo, amizade e apoio incansável ao longo da minha experiência na OSJ, a tua presença foi essencial!

A toda a equipa técnica e educativa da OSJ pelo vosso contributo nas diversas áreas.

Expresso também a minha gratidão a todas as crianças e jovens acolhidas na OSJ, que tornaram a minha experiência ainda mais significativa.

Um agradecimento especial a toda a equipa que constitui a OSJ, por me acolherem de braços abertos, possibilitando uma adaptação ainda mais simples.

Resumo

O presente relatório descreve as atividades realizadas no Estágio Curricular integrado no Mestrado em Psicologia da Família, desenvolvido na Oficina de São José – Lar de infância e Juventude de Braga (OSJ), que decorreu entre setembro de 2013 e junho de 2014 e uma reflexão acerca das mesmas. A OSJ tem como objetivo acolher crianças e jovens afastadas do meio familiar de origem por várias razões, proporcionando uma educação integral fomentada em vários valores morais e cristãos, bem como possibilitando uma formação para superar desafios futuros. Desta forma, foram realizadas uma ação de formação centrada no tema da resiliência na relação dirigida aos técnicos e uma intervenção em grupo direcionada aos jovens sobre a compreensão da sua própria história e sobre o conceito de resiliência. Foi também realizado, um acompanhamento individual de um jovem de 15 anos com o objetivo de reintegrar a sua história familiar, explorando os possíveis apoios existentes. Foram executadas ainda outras atividades, nomeadamente a criação do “Cantinho da Psicologia” e a organização do Dia da Família.

Este relatório encontra-se dividido em cinco partes: apresentamos o Lar como instituição, os seus objetivos e o papel do psicólogo. De seguida descrevemos as observações realizadas e as necessidades relevadas. A seguir relatamos as atividades desenvolvidas com as relativas reflexões. Por fim apresentamos as conclusões e a reflexão sobre a experiência vivida.

Palavras-chave: crianças e jovens, acolhimento, famílias, resiliência.

Abstract

The present report describes the activities performed during the curricular internship integrated in the master's degree in Family Psychology, developed at Oficina de São José – Childhood and Youth home (OSJ) that occurred between September of 2013 and June of 2014.

The OSJ has the purpose of harbouring children and youngsters who are separate from their original family environment due to various reasons, providing an integral education fostered by Christian values and morals, as well as enabling knowledge to overcome future life challenges. There were also training actions performed centered around the theme of the resilience directed toward technicians and a group intervention directed to youngsters about the comprehension of their own history and about the concept of resilience. We also performed an individual accompaniment of a 15 year old with the objective of reintegrating his family history, exploring the possibility of existing support. Other activities were executed, namely the creation of “the Psychology Corner” and the organization of Family Day.

This report is divided into 5 parts: The presentation of the Home as an institution, its goals and the psychologist role. Then describe the observations performed and the necessities revealed as well report of the activities developed and the reflections made upon them. Finally, we present the conclusions and reflection on the experience.

Keywords: Key words: children and youth, families, resilienc.

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Breve descrição da OSJ	3
1.2. Breve descrição das práticas de acolhimento	4
1.3 Plano de atividades 2013-2014.....	5
1.4 Breve descrição do papel do psicólogo.....	5
2. OBSERVAÇÃO E LEVANTAMENTO DAS NECESSIDADES	6
2.1. Observação	6
2.2. Metodologia utilizada	7
2.2.Necessidades encontradas	7
3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	14
3.1. Ação de Formação	15
3.1.1 Fundamentação Teórica da Ação de Formação.....	15
3.1.2 Metodologia.....	16
3.1.3 Avaliação e reflexão pessoal	18
3.2. Intervenção em Grupo	20
3.2.1. Fundamentação Teórica da Intervenção em Grupo.....	22
3.2.2. Caracterização do grupo	26
3.2.3. Metodologia.....	26
3.2.4 Avaliação e Reflexão Pessoal.....	30
3.3. Acompanhamento Individual	36
3.3.1. História Familiar e Hipóteses de Trabalho	36
3.3.2. Descrição do acompanhamento Individual.....	39
3.3.3. Reflexão Pessoal do Acompanhamento Individual.....	42
3.4. Outras atividades	44
3.4.1 Criação do espaço para encontros individuais de psicologia	44
3.4.2. Dia da Família	45
3.4.3. Participação em outras atividades da OSJ	47
4. CONCLUSÃO	49
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXOS	56
Anexo I - Processo de elaboração do plano socioeducativo individual (PSEI)	57
ANEXO II – Organograma da OSJ	59
ANEXO III – Programa de acolhimento	60
ANEXO IV – Brochura de acolhimento	62
ANEXO V – Plano de atividades 2013/2014.....	64
ANEXO VI – Papel do psicólogo	80
ANEXO VII – Guião entrevista semiestruturada	81
ANEXO VIII – Estrutura metodológica da ação de formação.....	83
ANEXO IX – Panfleto da Ação de Formação.....	85
ANEXO X – Questionário de avaliação da Ação de Formação.....	86
ANEXO XI – Estrutura metodológica da intervenção em Grupo	87
ANEXO XII – Panfleto da Intervenção em Grupo.....	94
ANEXO XIII – Questionário de satisfação da Intervenção em grupo	95
ANEXO XIV – Notas de consulta J.	97

ANEXO XV - Genograma	111
ANEXO XVI – Linha cronológica.....	112
ANEXO XVII – Desenho dia na praia	113

Índice Quadro

1 - Análise dos pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças	08
2 - Avaliação da ação de formação	18
3 - Necessidades encontradas para a intervenção em grupo	21
4 - Planificação das sessões de intervenção em grupo	27
5 - Questionário de avaliação da satisfação na participação no programa	35

Índice Figura

1 - Fotografia do “Cantinho da Psicologia”.....	45
2 - Programa dia da família.	46

Abreviaturas/ Siglas

- **OSJ** – Oficina de São José
- **LIJ** – Lar de Infância e Juventude
- **PSEI** – Plano socioeducativo individual
- **CPCJ** – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da formação em Psicologia e, mais precisamente, em Psicologia da Família, desenvolveu-se um estágio, que nos possibilitou fazer a integração dos constructos teóricos adquiridos na fase de formação anterior. Dotando-nos de capacidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos até então, possibilitando igualmente o primeiro contacto com o trabalho desenvolvido por psicólogos e outros profissionais das ciências sociais.

O estágio foi desenvolvido na Oficina de São José – Lar de Infância e Juventude de Braga (OSJ), esta instituição tem como objetivo acolher crianças e jovens de sexo masculino e proporcionar-lhes um contexto muito próximo do familiar, investindo nas relações interpessoais e na educação de cada um, preparando-os desta forma para o futuro. É de ressaltar que os projetos de vida dos utentes são construídos visando o regresso e reintegração na sua família de origem. O estágio decorreu entre os meses de Setembro de 2013 e Junho de 2014, neste período foi possível desenvolver as atividades exigidas, assim como participar no funcionamento normal da instituição, seja a nível de atendimentos, visitas ou reuniões. A OSJ partilha objetivos comuns aos nossos, de facto, consideram fundamental um trabalho articulado com as famílias, não compreendendo a criança e jovem com um só mas sim como parte integrante de um todo. Esta premissa possibilitou-nos uma rápida adaptação ao local bem como desenvolver um trabalho coerente com a nossa formação com os intervenientes. Foi notório o interesse pelo nosso método de trabalho e foi-nos exequível sem que possível refletir em conjunto com vários elementos da equipa técnica. A nossa formação em Psicologia da Família facultou-nos caminhos de reflexão para uma intervenção direcionada às realidades com as quais a OSJ se defronta dia após dia.

A problemática do acolhimento durante a infância e a adolescência constitui um tema deveras relevante ao nível social, não somente devido ao número crescente de crianças e jovens acolhidas mas também devido à preocupação em dar resposta nos diversos centros institucionais e à necessidade de otimizar o desenvolvimento humano e a construção da cidadania (Siqueira & Dell’Aglia, 2010). Segundo os mesmos autores, crianças e jovens que vivem em acolhimentos institucionais, convivem com pessoas que passam a fazer parte da sua rede de apoio social e afetivo, fazendo da instituição a sua casa principal. Deste modo a possibilidade da criança ou jovem construir relações estáveis e satisfatórias com adultos dentro da instituição pode fomentar a sensação de

sentir-se em casa, com o sentimento de pertença reforçado e desenvolvendo o processo de resiliência dos mesmos (Mota & Matos, 2010). É de ressaltar que quando a criança ou jovem se sente cuidada e protegida, ela sente-se capaz de estabelecer relações afetivas com qualidade, mudando assim a sua maneira de encarar a vida. Apesar do ambiente institucional não ser considerado ideal para o desenvolvimento de uma criança e jovem, o acolhimento pode contribuir para o bem-estar dos mesmos, no sentido em que proporciona um ambiente mais organizado, com a oportunidade de construir relações afetivas incrementando o desenvolvimento global da criança e jovem (Serra & Mota, 2013). É desta forma fundamental o estabelecimento de vínculos com figuras significativas potenciadoras de recursos socio ecológicos que assumem um papel moderador no processo resiliente. Este microssistema prima por relações de proximidade, segurança e aceitação, podendo servir como fator protetor e desencadeador de resiliência (Serra e Mota, 2013). Deste modo, é de extrema necessidade promover a resiliência nesta população, transformando o período de acolhimento num período de oportunidades (Antunes, 2011).

Se ampliarmos a nossa visão para além do vínculo diádico e dos fatores determinantes dos primeiros anos de uma criança, tomamos consciência de que a resiliência está interligada numa rede de relações e experiências no decorrer do ciclo vital e ao longo das gerações (Walsh, 2012). Desta forma, o trabalho realizado ao longo do estágio curricular foi centrado na resiliência familiar e na compreensão da história familiar de cada uma das crianças e jovens acolhidas.

Assim sendo, o presente relatório abarca o trabalho desenvolvido, toda a sua planificação e implementação, bem como as conclusões e as reflexões que surgiram e que se demonstraram fundamentais para um futuro profissional.

Num primeiro capítulo far-se-á uma breve caracterização da instituição, dos seus objetivos bem como o papel do profissional de psicologia. No segundo capítulo serão abordados a observação e o levantamento de necessidades, começando com uma breve descrição das principais tarefas observadas passando pela metodologia utilizada e acabando com a apresentação nas necessidades encontradas. No terceiro capítulo serão abarcados as propostas de intervenção tais como a Ação de Formação, a Intervenção em Grupo e a Intervenção Individual, sem descurar das suas avaliações e reflexões. As outras atividades desenvolvidas em contexto de estágio serão de igual modo mencionadas. No quarto capítulo haverá espaço para uma conclusão inerente as

atividades implementadas no estágio e no último capítulo constará uma reflexão de toda a experiência.

1.1 Breve descrição da OSJ

Neste primeiro ponto do relatório de estágio proceder-se-á a uma breve descrição da instituição onde decorreu o estágio, ou seja, na Oficina de São José Braga – Lar de infância e Juventude (OSJ) bem como os objetivos da OSJ, o seu plano de atividades e o papel do profissional de psicologia.

A Oficina de S. José (OSJ, 2009) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), com sede em Braga. Enquanto Lar de Infância e Juventude (LIJ) tem como objetivo geral promover a concretização da medida de promoção do artigo 35º “Acolhimento em instituição” (lei 147/99 de 1 de Setembro, Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo). Deste modo, dá proteção às crianças e jovens do sexo masculino e procura colmatar e assegurar os direitos consagrados na Convenção dos Direitos da Criança, nomeadamente o direito à educação, ao bem-estar e ao desenvolvimento integral. Afim de otimizar a intervenção é fundamental uma caracterização cuidada da instituição, como tal, é necessário indicar a sua história, os serviços que dispõem, e o seu plano de atividades. Os objetivos da OSJ são, de acordo com o estabelecido no Regulamento Interno:

- a) “Acolher crianças e jovens privadas do meio familiar dito normal, proporcionando-lhes um meio propício a uma educação integral, alicerçada em valores morais e cristãos;
- b) Possibilitar às crianças e jovens uma formação profissional para que possam enfrentar, com mais confiança, os desafios com que ir-se-ão confrontar no futuro;
- c) Colaborar com instituições públicas e privadas que permitam enquadrar o processo educativo das crianças e jovens acolhidas na instituição.”

Como objetivo específico, para o triénio, a Oficina de São José, de acordo com o Projeto AUTONOMIA, financiado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, pretende: preparar e apoiar a (re)integração social e profissional das crianças e jovens que se encontram acolhidos na instituição pela promoção da autonomia.

O Objetivo do trabalho realizado na área de psicologia é organizado a partir de necessidades identificadas como prioritárias ao nível da intervenção, para este efeito é elaborado o Plano Socio Educativo Individual (PSEI) (Anexo I). Deste modo, a partir

do conjunto de informações recolhidas, estabelecem-se as intervenções prioritárias servindo, assim, de base para a criação dos objetivos de ação do PSEI, nomeadamente a obtenção de competências pessoais, sociais e escolares e intervenções nos contextos familiares de modo a possibilitar, através de recursos internos e externos, a criação de condições necessárias à concretização de um projeto de vida sustentável. Este processo tem como objetivo definir as orientações para a elaboração, aprovação, implementação, avaliação e revisão do PSEI do utente e da sua família. De facto, este plano visa promover a aquisição e desenvolvimento de competências pessoais, sociais e escolares, pretende a manutenção e desenvolvimento de competências já adquiridas e a reintegração do utente na sua família biológica ou alargada, num Lar Residencial de Autonomia ou a sua adaptação. De acordo com Vilares (2009), o PSEI entra em funcionamento logo após o acolhimento do utente, deverá elaborar-se num período máximo de 30 dias e deverá incluir os dados de identificação do utente e os cuidados de saúde a assegurar pelos colaboradores do Lar ou pelas entidades externas. É fundamental constar no plano as ações a implementar, os seus riscos, bem como os prazos para a implementação dessas ações previstas, os critérios de avaliação e periodicidade e revisão do mesmo.

1.2. Breve descrição das práticas de acolhimento

Após receber o pedido de acolhimento, acompanhado do respetivo relatório social, é analisado em reunião de equipa técnica que o aprovará ou não. A resposta é sempre dada por escrito e devidamente fundamentada.

No caso de o pedido ser deferido é agendado um encontro com todos os atores: criança/jovem, família ou representante legal, gestor de caso externo, gestor de caso interno e diretor técnico da instituição.

No que diz respeito à entrada da criança/jovem no Lar, esta é acompanhada pelo gestor de caso e por toda a equipa técnica e educativa (Anexo II). Deste modo pretende-se uma adaptação vivenciada da forma mais ajustada possível por parte da criança/jovem, tendo em conta que este momento influencia de forma determinante toda a integração e intervenção futuras nas dinâmicas do Lar. Sendo importante para o processo de integração num novo contexto pela criança/jovem. Assim, procura contrariar-se situações que possam tributar-se ou ser causadoras de angústia ou ansiedade. Durante os primeiros dias, o acolhimento é feito de acordo com o Plano de Acolhimento Inicial (Anexo III), ou seja, pela implementação de um conjunto de

atividades definidas que visam promover a adaptação da criança e jovem: apresentação ao grupo de crianças acolhidas; mobilização do Grupo de Apoio - conjunto de crianças e jovens da Instituição, que apresentam a Instituição e as rotinas da mesma; apresentação da Brochura de Acolhimento (Anexo IV) onde estão definidas as rotinas, os direitos e deveres da criança numa linguagem acessível e a realização de uma refeição de boas vindas (que inclui a ementa favorita).

A criança/jovem acolhida é integrada nas atividades planeadas mais adequadas às suas necessidades e motivações, inscritas no Plano Anual de Atividades.

1.3 Plano de atividades 2013-2014

Em relação ao plano de atividades do ano 2013/2014 da OSJ, as ações desenvolvidas, integram-se em seis eixos definido pela equipa de trabalho. O primeiro eixo corresponde ao mês a executar a atividade, depois segue o nome da atividade, o seu objetivo, a sua estratégia, os recursos materiais e humanos e a população alvo. Neste plano constam atividades como “Ponto de partida”, que visa preparar os utentes a preparar-se para mais um ano letivo, ou a Catequese, onde os interessados poderão participar para aprender mais sobre a vivência cristã e a sua integração na Paróquia (Anexo V).

1.4 Breve descrição do papel do psicólogo

Quanto ao papel do profissional de psicologia na OSJ e de acordo com o definido no Sistema de Gestão de Qualidade (SGQ) é esperado que aquele que leve a cabo (a) o apoio no acolhimento, designadamente na identificação de comportamentos significativos, (b) o estudo do comportamento e dos mecanismos mentais das crianças e jovens (c) o estudo e compreensão dos problemas que derivem das relações interpessoais das crianças e jovens acolhidos, analisando as perturbações internas e relacionais que as afetem (d) o acompanhamento psicológico das crianças em acolhimento (e) a realização da avaliação diagnóstica em contexto institucional a nível cognitivo, comportamental e afetivo, (f) a realização de avaliações psicológicas dos colaboradores da instituição, reportando necessidades de acompanhamento especializado à direção técnica. No âmbito do SGQ, está previsto que o psicólogo supervisione e coordene a elaboração e a avaliação dos PSEI e participe na organização do Processo Individual, sempre que solicitado pelo Gestor de Caso (anexo VI).

2. OBSERVAÇÃO E LEVANTAMENTO DAS NECESSIDADES

Com o intuito de propor e iniciar atividades no âmbito do estágio, é primordial existir uma observação cuidada e um levantamento das necessidades que esta instituição acarreta. Deste modo foi necessário entrevistar técnicos e funcionários da OSJ, nomeadamente, o diretor técnico, a psicóloga, o assistente social, a ecónoma e uma auxiliar. Em relação às crianças e jovens acolhidas, um pequeno grupo foi selecionado pelas psicólogas responsáveis para entrevista e todos os outros processos foram cuidadosamente analisados.

2.1. Observação

A observação deve ser entendida como um processo contínuo ao longo de todo o estágio, no entanto, este foi mais frisado nos primeiros seis meses, onde o papel da estagiária não era interventivo, mas sim baseado numa observação participante que envolvia uma reflexão constante da dinâmica das crianças e jovens e do papel do profissional de psicologia na OSJ. A partir daí é que se forjou a formulação de hipóteses do trabalho bem como os seus pontos de intervenção.

Desde do início foi possível assistir a todas as reuniões, sejam as de Equipa Técnica e Educativa bem como as de Equipa de Autonomia e de Gestores de casos. Nesses encontros semanais e mensais conseguimos compreender o funcionamento e a dinâmica da OSJ, aprofundar os processos e assistir aos frutos de um trabalho de equipa eficiente. Essa possibilidade de observar permitiu-nos estar a par das questões debatidas em reuniões, conhecer as problemáticas das crianças e jovens, bem como envolver-nos e compreender melhor a linguagem específica da OSJ.

No que diz respeito aos acompanhamentos individuais com as crianças e jovens acolhidas estas foram as observações mais significativas para nós, de facto, após a mudança de instalações, o gabinete de psicologia ficou em modo *standby* atrasando deste modo a nossa participação nesse contexto.

É de ressaltar de que o período dedicado à observação é fundamental para a boa integração e adaptação da estagiária. De facto, possibilitou-nos estar mais próximo do trabalho desenvolvido pelos técnicos bem como conhecer a realidade onde estão inseridas as crianças e jovens.

2.2. Metodologia utilizada

Atendendo ao contexto de estágio e dada a necessidade de se proceder ao levantamento e avaliação das necessidades existentes, considerou-se pertinente e adequado o recurso a métodos qualitativos de recolha de dados, pois ao tentar compreender o ser humano de uma forma qualitativa, tenta-se conhecê-lo enquanto pessoa em todas as suas dimensões, no seu próprio contexto de vida, o que possibilita que se aprofundem as suas próprias experiências de vida.

Deste modo, optou-se pela construção de entrevistas semiestruturadas direcionadas às diferentes equipas que exercem funções na OSJ, aos utentes acolhidos e aos pais. A preferência pela entrevista semiestruturada prendeu-se com a necessidade de gerir o tempo disponível e também pelo facto de possibilitar que se aprofundassem alguns dos temas, permitindo também a introdução de novas questões (Anexo VII)

Outro dos métodos utilizados para o levantamento das necessidades foi a observação que tem feito parte integral das atividades de estágio desde o início, sendo esta formalizada através da redação de notas de observação semanais que são sujeitas ao parecer e possível reformulação pela orientação e supervisão. Na elaboração destas são consideradas as observações atitudes e práticas decorrentes de diversas atividades, e da interação entre os utentes entre si e entre estes e os diferentes elementos das equipas técnicas e educativas. O interesse em documentar as observações efetuadas prende-se com o facto de estas descrições facilitarem a reflexão sobre o trabalho desenvolvido na instituição e facultarem igualmente a identificação de pontos frágeis e potencialidades destas práticas.

2.2 Necessidades encontradas

Assim, após a aplicação das entrevistas aos diversos intervenientes e a par da análise das notas de observação semanais, foi elaborada uma análise SWOT (“Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats”) (Humphrey, 2004), com o objetivo de tornar os dados recolhidos mais compreensíveis e assim, proceder-se ao levantamento e apresentação das necessidades de forma mais estruturada com vista à delimitação e estruturação das áreas que serão alvo da nossa intervenção, tanto no âmbito da ação de formação, como no programa de intervenção em grupo.

Quadro 1

Análise dos pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças (SWOT) (Humphrey, 2004)

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Ambiente informal		Proporciona aos utentes uma relação mais próxima e desinibida com os colaboradores, mantendo sempre o respeito entre todos.	
Coesão entre os jovens	Faixas etárias similares dificultam o convívio	Os utentes mantêm uma relação próxima entre eles, promovendo deste modo um espírito de grupo.	A diversidade das faixas etárias potencia o espírito de grupo, com idades muito similares esta situação tem mais dificuldades de se concretizar.
Integração no Lar positiva		Os utentes revelem uma boa integração, tanto pelo grupo de apoio como pelos restantes colegas e colaboradores. Os utentes apresentam uma visão positiva do Lar.	
Momento de partilha diário na roda		Momento positivo de partilha e reflexão onde todos os utentes podem participar livremente.	
Plano de atividades com oportunidade de escolha por parte do utente	Pouco papel ativo dado aos utentes para a sugestão de atividades	Promoção de uma vida saudável com a prática de desporto. Oportunidade de aprender a cozinhar, representar, participar em festas temáticas, bem como a promoção do trabalho em equipa.	Falta de autonomia dada aos utentes na realização/programação das atividades

Valor de justiça/injustiça presente nos utentes	Deveria dar-se mais ênfase na questão pedagógica (mudança) e menos a questão punitiva.	Não afastar os utentes, mas mostrar como se faz.	Os colaboradores deveriam admitir perante os utentes quando erram.
Responsabilidade atribuída a cada utente nas tarefas do Lar bem como a sua rotatividade.		Promoção de competências do dia-a-dia (pôr a mesa, limpar após as refeições, servir às refeições). Aumenta a proximidade dos utentes junto dos auxiliares, possibilitando conversas informais.	
Lar é agente potenciador de pequenas mudanças visíveis a longo prazo. Grande esfera relacional envolvente.		Contacto diário com os utentes fortalecendo a dimensão afetiva, otimizando deste modo a atenção dada a cada um.	
Condições físicas	Os quartos não são personalizados, impossibilitando a criatividade e a expressão dos utentes	Permite aos utentes estar num espaço que potencia o conforto e bem-estar. A sala de multimédia, de jogos e o campo sintético são os locais preferidos dos utentes.	Deveria haver espaço para os utentes extravasar e não isola-los em salas de estudo/reuniões.
	Funcionamento da rouparia, os utentes não têm possibilidade de escolher a sua própria roupa e esta também não se encontra arrumada nos armários.		Falta de responsabilidade atribuída aos utentes, desenvolvendo inabilidades de tratar da sua própria roupa (dobrar, arrumar, escolher)
	Salão de estudo sem atividades definidas. É visto pelos utentes como um aspeto negativo do Lar.		Desmotivação por parte dos utentes que entendem esse momento como um castigo.
Competências dos jovens: gestão da casa e cozinhar de forma autónoma	Sem capacidade dos utentes de se projetarem no futuro	Com o projeto de autonomia, os utentes com mais idade têm oportunidade de usar o	Dificuldade em sonhar e ter expectativas do futuro

		apartamento de autonomia para a elaboração de uma refeição de 15 em 15 dias. Criação do quarto de pré-autonomia afim de facilitar a sua integração posterior no apartamento.	
Contacto com a família de origem (visitas domiciliarias, deslocação ao Lar, telefonemas). Famílias são acompanhadas por várias equipas (segurança social, CPCJ...)	Contacto muito superficial com as famílias de origem devido ao escasso número de colaboradores e o elevado número de casos.	Projeto de vida do utente perspetivado com o regresso à família nuclear ou alargada.	Falta de consciencialização por parte dos utentes e respetivas famílias acerca das adversidades que estão a passar. Não existe um acompanhamento psicológico direcionado às famílias, dificultando o progresso dos utentes e das respetivas famílias. Criar alianças com as famílias.
	Pouco conhecimento dos utentes acerca da sua família. Potenciar momentos de reflexão.		Não existem momentos para a reflexão sobre a sua história familiar, pessoal e o motivo do seu acolhimento
Criação de casos prioritários para acompanhamento individual psicológico	Imprevisibilidade do trabalho afeta dinâmicas de intervenção com os utentes. Acompanhamento individual pouco direcionado. Diversidade de tarefas atribuídas dificulta acompanhamento.	As psicólogas definem os casos prioritários afim de conseguir intervir junto dos utentes.	O número de utentes dificulta a intervenção individual.
Disponibilidade e polivalência dos colaboradores	Escasso número de colaboradores, impedindo o acompanhamento	Cada colaborador representa uma figura de referência sempre disponível para os utentes.	Dificuldade em atender às necessidades de todos os utentes da mesma forma,

	especializado e o cumprimento das atividades previstas. Os colaboradores deveriam insistir mais no cumprimento das regras.	Devido à diversidade de papéis desempenhados no Lar (encarregado educação, gestor de caso, psicóloga/assistente social, educador,...) os colaboradores são promotores da socialização e da compreensão das regras para os utentes.	nomeadamente trabalhar a expressão oral dos mesmos.
Formação contínua dos técnicos	Distinção do papel de cada colaborador na instituição afim de não colidir com o trabalho de ninguém. Confiar no colega de trabalho.	Aquisição de competências para melhorar a intervenção junto dos utentes	Potenciar a confiança para otimizar o trabalho de equipa.
Espírito de doação, união e dedicação sempre presente nas equipas do Lar	Comunicação dos colaboradores, as equipas necessitam de amadurecer.	Perante adversidades as equipas formam apenas uma, tornando-se mais fortes	Otimizar a comunicação dentro das equipas e com as equipas afim de melhorar a sua intervenção.

Nesta sequência, destacamos como pontos fortes da instituição a valorização das relações e dos afetos, presentes no respeito mútuo verificado nos relacionamentos entre os utentes e os diferentes técnicos, educadores e auxiliares, que manifestam total abertura e disponibilidade para escutar e apoiar esta população. É de salientar a preocupação por parte da instituição em delimitar um conjunto diversificado de atividades estruturadas para a ocupação dos tempos livres dos utentes em acolhimento nomeadamente o desporto (futebol, rugby, Hip Hop, entre outros), a culinária e também atividades culturais entre as quais a catequese, o cinema e o teatro.

Outra das preocupações da OSJ relativamente aos utentes é o reconhecimento da necessidade de promover competências de autonomia, dado que a experiência ao longo destes anos tem demonstrado que o regresso às famílias de origem nem sempre é a resposta mais adequada. Deste modo, consideramos emergente trabalhar com os utentes atividades como a gestão económica, a realização de determinadas tarefas domésticas e o tratamento e emissão de alguns documentos como a abertura de uma conta bancária, emissão do cartão de cidadão, finanças, segurança social, saúde, etc.

Por outro lado, a OSJ assume que a família e as relações que aí se estabelecem, são singulares e não replicáveis, daí a manifesta e permanente preocupação por parte da instituição em manter o contacto com as famílias destes utentes desde o início do acolhimento. Porém com a implementação do Plano de Autonomia adaptado do *Umbrella* foi apontada como uma mais-valia uma vez que a instituição viu aumentado o seu número de técnicos. No entanto com a implementação da Gestão da Qualidade, o número de horas burocráticas foi acrescido e criou uma dificuldade em acompanhar com maior proximidade e regularidade os utentes, também ao nível do apoio psicológico.

A nível educativo e fruto das sucessivas observações levadas a cabo nos salões de estudo, em diferentes momentos do dia e com diferentes alunos, foi identificada como um ponto fraco o facto de não existirem atividades estruturadas que intencionalizasse a intervenção nestes momentos do dia. Ainda a este nível foi possível constatar que não se reconhecem nem se adequam as tarefas às necessidades individuais dos alunos o que impede que se promovam competências a nível cognitivo, refletindo-se estas carências numa falta de motivação para o estudo e para a aquisição de novas aprendizagens e conseqüentemente em baixos rendimentos escolares.

Através da compreensão da análise SWOT elaborada e após o estudo dos pontos fortes e fracos da instituição, decidimos que seria mais adequado, oportuno e exequível,

desenvolvermos a nossa intervenção tendo por base os pontos fracos identificados. Isto porque consideramos ser uma mais-valia investir em áreas que a própria instituição não reconhece como prioritárias e às quais não tem procurado dar resposta.

3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

A partir da observação e do estabelecimento de prioridades de intervenção na OSJ, definiu-se o foco dos projetos a desenvolver. Deste modo, apresentamos as propostas implementadas, isto é, uma ação de formação, uma intervenção em grupo e um acompanhamento individual.

A intervenção em grupo foi a primeira a ser implementada, esta tinha como objetivo de promover a reflexão sobre a sua própria história pessoal e facultar competências de resiliência familiar. Devido a especificidade de cada um dos jovens, a história familiar não foi tão aprofundada como desejado inicialmente pois colocava-os numa posição demasiada exposta. Após reformular este contratempo, optamos por analisar os desenhos separadamente numa avaliação inter sessão.

Por sua vez, ação de formação teve como população alvo os técnicos e educadores do Lar. O seu objetivo primava potenciar a reflexão acerca do conceito de resiliência familiar através da relação estabelecida com as crianças e jovens. Esta ação de formação estava inicialmente planeada com duas sessões, mas após reunir com a Dr.^a Mafalda, foi acordado que seria mais exequível juntar as duas sessões numa e implementa-la durante as férias da páscoa. Desta forma, após um pequeno reajuste a ação de formação foi a segunda atividade a ser desenvolvida.

Por último e devido a motivos alheios ao nosso desempenho, foi-nos possível realizar um acompanhamento individual de um jovem acolhido na OSJ de 15 anos. Esta atividade teve que ficar para último tendo apenas começado em abril devido a problemas de logística existentes no Lar.

Desta forma e após a análise SWOT (Humphrey, 2004), foi possível verificar que existe a necessidade de apresentar e fundamentar com os técnicos uma visão relacional de intervenção com os jovens acolhidos; e mais ainda introduzir conhecimentos acerca da resiliência e dos seus pressupostos teóricos e vantagens. Deste modo, consideramos pertinente orientar a ação de formação sob esse prisma. No que concerne a intervenção em grupo, esta teve como população alvo as crianças e jovens acolhidas na OSJ com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, sendo que o grupo é constituído por 8 elementos do sexo masculino os quais representam a população mais jovem da OSJ. Atendendo a que nesta faixa etária o acolhimento na OSJ pode não ser bem compreendido pelos utentes, pretendeu-se levar a integrarem as

suas experiências de vida passadas, levando-os a compreender o seu presente e projetar o seu futuro auxiliando-os com ferramentas que favoreçam a resiliência.

3.1. Ação de Formação

Atendendo às relações presentes entre os técnicos e educadores com as crianças e jovens da OSJ, optamos por focar a nossa ação na promoção destas relações mostrando quais os benefícios adjacentes das mesmas. De facto, uma relação de proximidade com uma figura de referência pode potenciar a resiliência da criança e jovem somente através da relação.

Assim sendo, realizamos uma ação de formação com uma sessão única com o objetivo geral de compreender o conceito de resiliência e fomentar a promoção do mesmo através de relações significativas dos técnicos para com os utentes. Deste modo, como objetivos específicos temos: refletir acerca do conceito de Resiliência Familiar segundo o modelo proposto por Froma Walsh e considerar as atitudes dos técnicos para a promover juntos dos utentes.

3.1.1 Fundamentação Teórica da Ação de Formação

Ao longo das últimas décadas, o conceito de resiliência tem sido objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento científico, que estudam o ser humano e o seu ambiente de relacionamento. Tem sido definida como a capacidade manifestada por alguns seres humanos para lidar, amenizar ou evitar os efeitos negativos que certas situações, consideradas com elevado potencial *stressante* e podem interferir com o desenvolvimento do ser humano. O conceito de resiliência familiar abrange a compreensão do bom funcionamento de uma família perante as adversidades da vida, ainda que algumas famílias que são abaladas por crises continuam em *stress* crónico, no entanto, é notável que muitas outras emergem destas adversidades com mais forças e mais recursos (Walsh, 2005). Este enfoque fundamenta-se na convicção de que tanto o crescimento do indivíduo como da família podem ser alcançados e demonstrar maior sucesso caso haja oportunidade de existir uma colaboração de todos os membros em relação à adversidade. Examina-se, assim, cada família tendo em conta os seus recursos específicos, limitações particulares quanto aos desafios com que se deparam. Estas situações podem variar, desde as tensões previsíveis nas épocas normativas de transição do ciclo vital, como por exemplo o divórcio, um novo matrimónio, o nascimento de um filho, a morte de um ente querido ou a perda do emprego; até a situações de tensão prolongadas como a imigração ou a violência (Walsh, 2004). É de ressaltar que o

modelo escolhido foi o de resiliência familiar. De facto, para os utentes, a institucionalização pode constituir uma situação de proteção e de oportunidade que não possuíam na família de origem (Poletto, 2007). Deste modo, indivíduos que tiveram longa permanência em instituições consideraram a mesma como norteadora e mediadora de riscos similar a uma função parental. Assim, com estes aspetos relacionados com o cuidado, os colaboradores ligados à instituição podem representar uma figura de vinculação segura, ou seja, uma pessoa significativa na vida do utente.

De facto, Froma Walsh explorou o conceito de resiliência em famílias e os seus achados são o resultado de anos de experiência no atendimento clínico e orientação de famílias e da prática de supervisão de casos acompanhados por outros profissionais de diferentes áreas. Assim, o objetivo da resiliência em família deve procurar identificar e implementar os processos chaves que possibilitam que famílias não só lidem mais eficientemente com situações de crise ou *stress* permanente, mas saiam delas fortalecidas. Desta forma, resiliência em família está ligada a processos de adaptação enquanto unidade funcional (Yunes, 2003). O fortalecimento e a possibilidade de gerar recursos próprios permitem que as famílias e os indivíduos respondam de maneira positiva, exitosa, às situações de crise e aos constantes desafios, de modo a que a sua recuperação seja de crescer a partir destas experiências (Walsh, 2005).

Inicialmente o conceito de resiliência era considerado como uma condição inata do individuo, como se fosse impenetrável ao *stress*. No entanto, após Werner (1993 cit in Walsh 2005) realizou um estudo sobre a vida de aproximadamente 700 crianças multiculturais, filhos de agricultores que viviam em condição de pobreza no Havai. Desta forma, um terço dos jovens estudados tornaram-se jovens competentes, carinhosos e confiantes, com capacidades ao nível social, cognitivo e emocional. Este estudo demonstrou que apesar de vivenciar uma infância difícil, existe potencial para desenvolver resiliência ao longo da vida, demonstrando ênfase na influência das relações no desenvolvimento deste conceito, com os familiares, amigos e figuras de referência (Walsh, 2005).

3.1.2 Metodologia

Inicialmente esta ação estava pensada para ser desenvolvida em duas sessões de menor duração. Porém, esta compôs-se por apenas uma sessão de formação devido à disponibilidade dos intervenientes, tendo sido retirado algumas atividades planeadas, dando um cariz mais dinâmico à formação em si. Deste modo, a sessão realizou-se no

dia 10 de abril por volta das 14h45, durou sensivelmente 130 minutos e contou com a presença de 8 técnicos dos 10 previstos inicialmente (Anexo VIII, Anexo IX). A Ação de Formação destinava-se aos técnicos e educadores da OSJ e foi divulgada pelo Diretor do Lar, Dr. Serafim Gonçalves numa reunião de Equipas Técnicas e Educativas.

De forma a estimular a interação do grupo, começamos por perguntar o que significa para eles o termo resiliência. Esta questão desencadeou a participação de todos criando-se deste jeito a primeira discussão acerca da resiliência. Encerrado este momento, foi apresentado a definição de Resiliência Familiar segundo Froma Walsh (2004).

A segunda atividade prendeu-se na evocação de alguns nomes de crianças/jovens acolhidas para identificar se são resilientes ou não, e como fomentar a promoção da mesma. Foi então dado início ao debate previsto, onde todos deram o seu contributo e justificaram as suas escolhas.

Demos então início ao terceiro momento da ação, onde foi pedido aos participantes para nomear estratégias para promover a resiliência através da relação. A partir daí surgiu um debate onde todos contaram relatos reais com as quais se deparavam no dia-a-dia na OSJ, e quais as suas estratégias para fortalecer a resiliência nas crianças/jovens acolhidas. O grupo estava bastante focado em determinados jovens, ao longo do debate foi notório o interesse em comentar certos aspetos do seu dia-a-dia. O grupo conseguia identificar estratégias no entanto dispersava em debater algumas situações. A nossa intervenção foi várias vezes precisa para redirecionar o grupo para a ideia inicialmente planeada. Esta atividade demorou mais do que previsto, no entanto, foi uma mais-valia, pois permitiu-nos observar a união do grupo e o respeito pelas intervenções dos colegas.

Terminada esta temática, foram esclarecidas as estratégias de Resiliência na Relação segundo Froma Walsh (2004).

É de ressaltar de que não houve lugar para o role play, visto este já não fazer sentido após ouvir inúmeros relatos de situações do dia-a-dia e pela hora tardia que coincidia com compromissos profissionais dos intervenientes. Quando esta última atividade foi proposta, alguns elementos tinham que se ausentar por motivos profissionais e o grupo iria ficar bastante reduzido. Desta forma, afim de não perder o grupo, optamos por deixar esta atividade visto que já tinham sido debatido várias situações. Consideramos que deveríamos ter começado pelos role-play dando um caso prático a cada equipa e só depois desta atividade dar lugar a um debate.

No final da ação foi entregue aos participantes a bibliografia utilizada para a realização da mesma.

3.1.3 Avaliação e reflexão pessoal

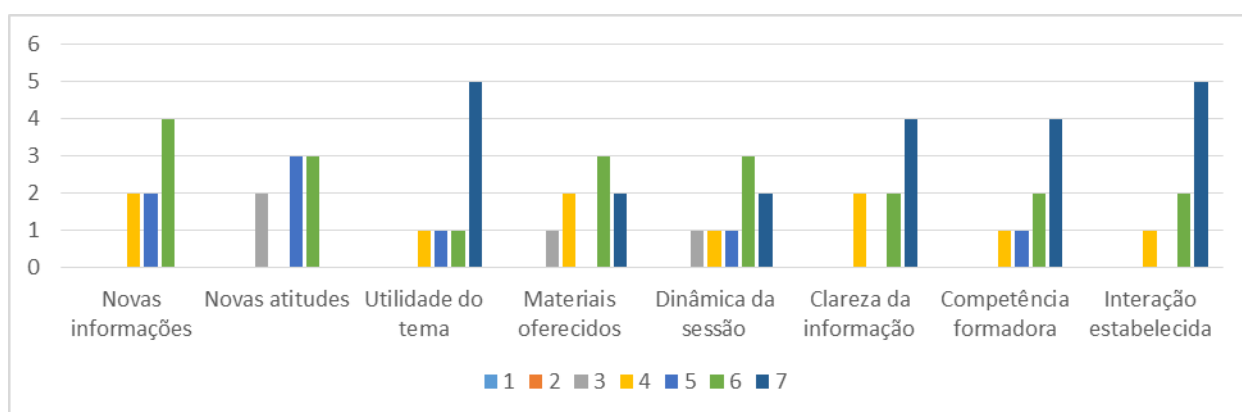
Para finalizar, foi pedido a cada formando para realizar oralmente uma avaliação da mesma. Individualmente foi-lhes pedido para realçar os pontos fortes e fracos e o que alterariam na ação de formação. Todos os formandos consideraram pertinente o tema da Ação de Formação e admitiram ter sido uma mais-valia para implementar no seu dia-a-dia na OSJ. Valorizaram os materiais entregues, a preparação da sessão, o desempenho da formadora bem como a sua postura profissional ao longo da sessão. Os participantes realçaram o facto de não ser fácil reunir o grupo por inteiro e obter a atenção de todos ao longo da sessão. Deste modo, enfatizaram o facto de a ação ter sido realizada com um cariz muito dinâmico, não deixando tempo para aborrecimentos por parte deles.

No que diz respeito às críticas construtivas, alegaram de que poderia ter sido realizada em conjuntos com outro Lar, dando espaço à uma partilha maior. Um dos participantes apontou para a reorganização das atividades previstas na ação, ou seja, o “role play” deveria ter sido antes das estratégias para deixar fluir as atividades de um modo mais homogéneo.

Em relação a avaliação quantitativa (Anexo X), os resultados obtidos foram os seguintes:

Quadro 2

Avaliação da ação de formação



De modo geral, caracterizaram a formadora como uma pessoa dinâmica e preparada para a sessão, interessada e atenta às dúvidas dos formandos, e com um discurso bem fundamentado. A reorganização da sessão, de modo a deixa-la mais coesa,

é uma sugestão pertinente para uma intervenção futura. É de salientar de que o Diretor Técnico, Dr. Serafim Gonçalves, pediu-nos a planificação de mais iniciativas deste género para aplicar a cada três meses.

A valorização geral da Ação de Formação “A Resiliência na Relação” é muito positiva, uma vez que esta permitiu-nos aprofundar um tema deveras interessante e integrador da nossa formação académica. Para além disto, permitiu-nos interagir com um grupo de formandos com nível de formação superior, colocando-nos desta forma perante um desafio.

No início, consideramos mais importante prepararmo-nos de forma a dominar o tema apresentado, deixando de parte a preocupação dada a população interveniente. De facto, quando a data da ação se aproximou, ficámos mais preocupados, contudo, depois da experiência, sentimos que foi uma atividade indispensável para concluirmos o percurso da nossa formação académica.

Apesar da ausência de dois técnicos, que avisaram previamente, o número de aderência foi significativo não alterando as dinâmicas planeadas. Consideramos que os objetivos da ação foram alcançados e devidamente trabalhados, quer entre os formandos quer com a dinamizadora. Compreendeu-se de que a Resiliência familiar pode ser promovida no dia-a-dia com pequenas estratégias enquanto figura de referência para as crianças/jovens acolhidas. Foram de igual forma exploradas situações reais e foram abordadas histórias de crianças/jovens acolhidas nas OSJ. Foi notório a preparação dos formandos para o tema da ação, com questões já pensadas anteriormente à formação.

Uma vez que a formação estava pensada para duas sessões, foi necessário reagrupar em apenas uma, o que resultou numa ação deveras extensa. Foram cerca de 130 minutos sem intervalo, na qual abdicamos da visualização da série de forma a reduzir o tempo previsto. No entanto, a adesão foi positiva devido ao cariz dinâmico da sessão. No que diz respeito a estrutura, esta necessita de ser alterada, abdicando desta forma da visualização da série e alterando a ordem das atividades. Nomeadamente realizar o role play antes das estratégias.

Considero que os aspetos principais acerca do conceito de resiliência e mais particularmente, a resiliência na relação foram devidamente compreendidos e refletidos. Sentiu-se por parte do grupo a necessidade em mencionar certos jovens que passaram pelas OSJ e onde o seu trabalho com eles foi deveras gratificante. Foi de igual modo perceptível um enfoque sobre quais os caminhos a seguir acerca de alguns jovens que

estão neste momento acolhidos, os quais apresentam uma maior resistência em estar num Lar de Infância e Juventude.

De acordo com a avaliação dos participantes no final da sessão, podemos concluir que os objetivos foram atingidos, pois demonstraram compreender o conceito de Resiliência na Relação e conseguiram refletir acerca das estratégias para fomentar a promoção da mesma junto dos utentes. No que diz respeito à avaliação feita à dinamizadora, esta permitiu-nos compreender qual a postura adequada a ter e o quão importante é a preparação antes da sessão. É de ressaltar de que alguns aspetos poderiam ser melhorados numa experiência futura, nomeadamente o controle do tempo. Ser pontual e rígido com os horários é primordial para um bom funcionamento da ação, tendo em conta de que nem todos os formandos são pontuais. A realização de um intervalo também teria sido importante, embora quando foi sugerido, os participantes optaram por não fazer. Consideramos que o tema abordado na ação de formação poderia ser mais explorado em outros encontros ou poderia ser alargado a outros subtemas relacionado com a resiliência.

A partir da avaliação realizada no final pelo grupo, concluímos que os objetivos foram alcançados pois demonstraram compreender o termo da “Resiliência na Relação” e juntamente com os relatos sobre os jovens acolhidos conseguiram refletir sobre possíveis caminhos para promover a resiliência nos mesmos.

De uma forma global, consideramos pertinente este espaço de aprendizagem, partilha e reflexão, tanto para a dinamizadora como para os formandos. A criação de um espaço onde todos possam partilhar e refletir acerca do conceito em questão, foi uma mais-valia da ação de formação “Resiliência na Relação”.

3.2. Intervenção em Grupo

Criámos uma intervenção em grupo, que foi realizada em seis sessões entre os meses de março e maio. As reflexões e respetivas planificações das sessões podem encontrar-se no Anexo XI. Esta intervenção em grupo foi pensada para responder as necessidades encontradas na análise SWOT realizada aquando do projeto de estágio apresentada no quadro seguinte.

Quadro 3

Necessidades encontradas para a intervenção em grupo

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Ambiente informal		Proporciona aos utentes uma relação mais próxima e desinibida com os colaboradores, mantendo sempre o respeito entre todos.	
Coesão entre os jovens	Faixas etárias similares dificultam o convívio	Os utentes mantêm uma relação próxima entre eles, promovendo deste modo um espírito de grupo.	A diversidade das faixas etárias potencia o espírito de grupo, com idades muito similares esta situação tem mais dificuldades de se concretizar.
Momento de partilha diário na roda		Momento positivo de partilha e reflexão onde todos os utentes podem participar livremente.	
Lar é agente potenciador de pequenas mudanças visíveis a longo prazo. Grande esfera relacional envolvente.		Contacto diário com os utentes fortalecendo a dimensão afetiva, otimizando deste modo a atenção dada a cada um.	
Contacto com a família de origem (visitas domiciliarias, deslocação ao Lar, telefonemas). Famílias são acompanhadas por várias equipas (segurança social, CPCJ...)	Contacto muito superficial com as famílias de origem devido ao escasso número de colaboradores e o elevado número de casos.	Projeto de vida do utente perspectivado com o regresso à família nuclear ou alargada.	Falta de consciencialização por parte dos utentes e respetivas famílias acerca das adversidades que estão a passar. Não existe um acompanhamento psicológico direcionado às famílias, dificultando o progresso dos utentes e das respetivas famílias. Criar alianças com as famílias.
	Pouco conhecimento dos utentes acerca da sua família. Potenciar momentos de reflexão.		Não existem momentos para a reflexão sobre a sua história familiar, pessoal e o motivo do seu acolhimento
Disponibilidade e polivalência dos colaboradores	Escasso número de colaboradores, impedindo o acompanhamento especializado e o cumprimento das atividades previstas. Os colaboradores deveriam insistir mais no cumprimento das regras.	Cada colaborador representa uma figura de referência sempre disponível para os utentes. Devido à diversidade de papéis desempenhados no Lar (encarregado educação, gestor de caso, psicóloga/assistente social, educador,...) os colaboradores são promotores da socialização e da compreensão das regras para os utentes.	Dificuldade em atender às necessidades de todos os utentes da mesma forma, nomeadamente trabalhar a expressão oral dos mesmos.

A partir desta análise optamos por centrar o foco da nossa intervenção na promoção da resiliência nos jovens e na compreensão da sua história familiar. Desta forma, as sessões foram orientadas e direcionadas nesse sentido afim de facultar ao

grupo não apenas um espaço de partilha e reflexão mas também um lugar onde poderão aprender mais sobre eles próprios.

3.2.1. Fundamentação Teórica da Intervenção em Grupo

No sentido de promover uma intervenção adequada junto desta população é necessário compreender a sua especificidade, considerando para o efeito o contexto familiar de proveniência bem como as consequências desenvolvimentais decorrentes dos riscos a que estiveram expostas.

A natureza dos laços emocionais edificados desde os primeiros anos de vida assume especial importância ao longo do desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente (Mota & Matos, 2008). Na perspetiva sistémica, os enfoques que tratam a transmissão transgeracional e intergeracional consideram relevante o registo do período em que cada uma dessas gerações viveu, percebendo-se desta forma que as suas vivências foram assinaladas por períodos com repercussões significantes para a compreensão de questões relacionadas ao transgeracional e ao intergeracional (Souza e Carvalho, 2010). De facto, segundo os mesmos autores, o indivíduo é entendido como um produto de muitas heranças que ocorrem no interior de sua família. Mas também da herança que ele arrecada das esferas social, económica e cultural, próprias do contexto em que a sua família está inserida no momento do seu nascimento e no período do seu desenvolvimento. A memória transgeracional está entre os principais conceitos explorados no contexto familiar (Sousa e Carvalho, 2010).

O abandono de crianças e adolescentes é uma realidade nos dias de hoje, e, embora existam diferentes definições nas diversas áreas do conhecimento (Psicologia, Sociologia, Direito, entre outros), todas querem evidenciar a necessidade da criança (Oriente & Sousa, 2005). Segundo Saraiva (2002) a escassez de recursos materiais elementares está presente em famílias com poucas condições de estrutura, o que ressalta numa situação de negligência em relação à educação dos seus filhos ou ao seu abandono. Esses fatores podem levar a institucionalização dessas crianças e adolescentes, visto que a família não cumpre o papel de cuidadora, fornecedora de apoio e proteção, manifestando inúmeros fatores de risco. A institucionalização pode ou não ser vivida como um risco para o desenvolvimento, esta conjuntura dependerá dos mecanismos pelos quais os processos de risco operarão seus efeitos negativos sobre as crianças e os adolescentes acolhidos (Yunes, Miranda & Cuello, 2004).

As instituições devem considerar o afeto presente nas relações entre seus integrantes, tanto entre crianças e adolescentes quanto entre estes e seus monitores. A ligação afetiva é erigida no envolvimento em interações diádicas, facultando o crescimento de sentimentos de uns para os outros, podendo ser reciprocamente positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos. A dimensão afetiva possui um lugar essencial das relações humanas, não devendo, portanto, ser eliminada enquanto componente propiciadora de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996).

No que diz respeito aos acolhimentos em regime permanente, as sequelas para o desenvolvimento emocional podem ser profundas, oscilando entre a delinquência a problemas de personalidade e desempenho na parentalidade afetado de forma negativa. No entanto, fatores protetores podem melhorar esses aspetos, nomeadamente com uma rede de apoio de qualidade (Grusec & Lytton, 1988, cit in Dalbem, 2005). As características das instituições implicam uma serie de aspetos relevantes para o desenvolvimento da adolescência, um dos pontos de destaque é o da formação de vínculos (Carvalho, 2002). De facto, existe um compromisso no que diz respeito ao estabelecimento de vínculos no contexto institucional, em função da ausência de estabilidade da presença de adultos. Existe uma grande rotatividade nos funcionários e uma grande taxa de absentismo, o que por consequência, fragiliza a rede de apoio social e afetiva dos adolescentes. Deste modo, devido à relação que estabelecem com os adultos, os adolescentes são colocados em situação de risco e vulnerabilidade, comprometendo o seu desenvolvimento emocional, a sua autonomia, a sua identidade e a sua autoimagem.

Freud e Burlingham (1960, cit in Baldem, 2005) salientam que ainda que não compense uma estruturação equilibrada de vínculos com adultos, a vinculação entre pares é um elemento de apoio primordial para os adolescentes institucionalizados. Segundo Carvalho (2002), a utilidade dos pares é conferida ao fornecimento de apoio emocional em condições de privação afetiva, de cuidados auxiliares, ascensão de desenvolvimento social e reabilitação. As interações com os pares tornam-se mais importantes do que com os adultos devido a serem mais constantes. É primordial manter crianças/adolescentes de diversas faixas etárias, convivendo num mesmo ambiente, afim de fornecer uma rede de apoio e estimulação para os moradores da instituição, principalmente quando estas crianças/adolescentes sofreram ruturas com as figuras de vinculação primária, em fase inicial da sua vida. Esta estruturação conota efeitos

positivos no desenvolvimento afetivo dos adolescentes, no entanto, apesar disso, estes denotam uma falta de carinho e atenção por parte dos adultos.

É de ressaltar que crianças/adolescentes institucionalizados em ambientes desfavoráveis e longe da sua família, mas que no entanto são resilientes, revelem uma capacidade notável para se desenvolver saudavelmente. De facto, uma relação de cariz significativa reduz os efeitos das adversidades e ajuda o processo de resiliência (Alexandre & Vieira, 2004). Se o ambiente onde o adolescente estava era muito desestruturado, este pode encontrar no abrigo mais estrutura e proteção. O que dá a instituição um papel crucial pois torna-se a sua única estabilidade (Tinoco, 2001).

Segundo Howard e Johnson (2004, cit in Dalbem & Dell’Aglío, 2008), face a um desenvolvimento de risco, a procura de uma figura de referência que forneça proteção, constitui um fator preditivo para fazer face à vulnerabilidade. Em situações de negligência e no predomínio de relações negativas prévias, estudos têm demonstrado que uma relação de confiança e de apoio com um membro da equipa da instituição é um preditor de melhores resultados (Wekerle et al., 2007).

Hawkins-Rodgers (2007) apresenta um programa de reorganização do comportamento vincutivo e da construção do processo resiliente em adolescentes institucionalizados, tendo como suporte principal, a intervenção efetuada pelos mentores e profissionais das instituições. Os adolescentes têm a oportunidade de desenvolver relações de longo termo com a ajuda do desenvolvimento de competências sociais e com a construção da resiliência, mostrando e experienciando respostas positivas face a eventos traumáticos.

É de ressaltar que os sujeitos resilientes, quando defrontados com momentos stressantes, apresentam uma maior tendência a buscarem apoio em figuras com as quais podem contar, sendo que as experiências de vinculação segura surgem nesse instante como parte do processo de resiliência (Sroufe, 1997). No caso de experiências de vinculação insegura, a vulnerabilidade incide sobre o facto dos indivíduos terem restringido a sua rede social, atenuando deste modo as suas “armas” contra o stress, no decurso das vivências negativas de apegos inseguros poderem significar riscos para a confiabilidade e busca de proteção. A institucionalização é um local onde os sujeitos devem construir referências identificativas positivas, do ponto de vista de construção do sujeito (Santana, Frosi e Koller, 2004). Ou seja, a sua nova casa deve ser capaz de orientar e proteger todos os adolescentes, de maneira a proporcionar uma rede de apoio social e afetivo, representando para eles um modelo a seguir.

Deste modo, o conceito de resiliência refere-se a um processo reintegrativo que resulta em crescimento, aprendizagem, auto entendimento e aumento na capacidade de superação e nos fatores protetivos (Dalbem, 2005). Ou seja, sem estratégias de resiliência, os adolescentes podem entrar em processo disruptivo, com a adoção de estratégias não adequados e disfuncionais, podendo ocorrer o uso de violência ou comportamento delinquentes como o consumo de drogas ou o roubo.

Os relacionamentos interpessoais, segundo Wills, Blechman e McNamara (1996, cit in Poletto & Koller, 2008) são compreendidos como promotores da adaptação das pessoas, nomeadamente as que vivem com altos níveis de *stress*, ao fornecer apoio emocional, instrumental e informações. Assim, segundo Poletto e Koller (2008) o apoio emocional diz respeito à disponibilidade de uma pessoa com quem a criança/jovem possa discutir os seus problemas, confiar os seus sentimentos; o apoio instrumental refere-se à ajuda ao nível escolar, transporte e assistência financeira; o apoio sob a forma de informações relaciona-se à disponibilidade de avisos, orientações e informações sobre os recursos da comunidade. Desta forma, a instituição pode ser considerada como um dos contextos de referência dos utentes, que, segundo Froma Walsh (2004) podem ser vistos como reforço e sustento de resiliência familiar. Daí a importância de valorizar cada contexto para promover estratégias resilientes.

Os autores Gomez e Kotliarenco (2010) defendem que para potenciar a resiliência familiar, é necessário que a família mantenha uma visão positiva, no entanto realista da situação, dominando o possível e aceitando o inevitável. Walsh (1998) promove os fatores de resiliência familiar como sendo; A natureza da família, ou seja, a sua coesão, ternura e preocupação pelos membros mais novos; A disponibilidade de fontes de apoio externo, o ambiente educacional aberto e limites; O desenvolvimento de interesses e vínculos afetivos, ou seja, presença de interesses e pessoas significativas fora da família favorecem a manifestação de comportamentos resilientes em circunstâncias familiares adversas. Deste modo, o marco da resiliência é especialmente indicado para auxiliar famílias que sofreram adversidades que mudaram aceleradamente o seu mundo (Barrera, Ramajo e Rosello, 2012).

Em suma, é necessário “ir buscar” junto dos utentes uma nova chave de leitura que permita uma tradução dos significados atribuídos às experiências passadas. De facto, o Modelo de Terapia Familiar dá ênfase à busca de recursos dos próprios utentes que estes julgavam não possuir (Ricci, 2003).

3.2.2. Caracterização do grupo

O grupo foi constituído tendo em conta alguns critérios centrais. O grupo foi escolhido conjuntamente com as duas psicólogas responsáveis e pelo diretor técnico da OSJ de modo a ser constituído de forma coesa com o objetivo de obter melhor aproveitamento da intervenção grupal. Desta forma, selecionaram-se as crianças e jovens consoante a sua faixa etária e a sua necessidade de pertença no grupo. Este último item foi alvo apenas das psicólogas da OSJ. Este grupo de intervenção é fechado, pois começou com um número fixo de participantes, não se aceitando a inclusão de mais membro a partir da primeira sessão (Vinogradov e Yalom, 1996).

3.2.3. Metodologia

A intervenção em grupo decorreu entre 25 de Março de 2014 e 13 de Maio de 2014, completando assim 6 sessões no total. O único horário para reunir o grupo é às terças depois do jantar, mas por ser um horário tardio considero que irá trazer mais dificuldades, pois os jovens encontram-se mais agitados. É de ressaltar de que não foram implementadas sessões durante as duas semanas destinadas às férias da Páscoa, dado que neste período o lar desenvolve atividades planificadas.

Quadro 4

Planificação das sessões de intervenção em grupo

SESSÃO	OBJETIVOS	
	GERAIS	ESPECÍFICOS
1- Apresentação	1) Promover a relação de empatia entre os participantes e a estagiária; 2) Promover a coesão do grupo; 3) Promover um espaço de confiança e harmonia de modo a favorecer a partilha.	-Aumentar o conhecimento mútuo dos membros; - Apresentar o objetivo da intervenção e o plano de atividades; - Indicar caminhos para relações de respeito entre os membros; -Reforçar a necessidade e motivar para um bom funcionamento do grupo, nomeadamente reforçar a assiduidade e a pontualidade.
2-“ Eu e a minha família”	-Promover a reflexão acerca da relação com as famílias de origem.	- Identificar aspetos positivos e menos positivos na sua família de origem; - Refletir acerca do seu papel e as suas expetativas na sua família de origem.
3- “A minha outra casa”	- Promover a reflexão acerca da sua experiência na OSJ.	- Refletir acerca dos aspetos bons e menos bons da sua experiência na OSJ; - Consciencializar acerca dos benefícios da sua experiência na OSJ.
4- “Ser forte!”	- Exposição e reflexão acerca do conceito de resiliência	- Identificar características de resiliência com o auxílio de um desenho animado.
5- “Que “armas” tenho?”	- Potenciar estratégias que auxiliam o conceito de resiliência	- Consciencializar acerca de como promover resiliência; - Promover competências de resiliência
6- Encerramento	- Avaliar a experiência da participação no programa “conhecer-me e ser forte!” - Promover a continuidade do processo de mudança, iniciado no programa.	- Redefinir os desejos dos participantes a partir da experiência da sua participação no programa; - Identificar recursos e obstáculos à concretização dos desejos; - Estimular o comprometimento com a realização dos desejos. - Aplicar questionário de avaliação da satisfação relativamente às sessões.

A sessão nº1 teve como objetivos gerais a promoção da relação entre os elementos e a monitoria do grupo, a promoção da coesão do grupo e de um espaço de confiança e harmonia de modo a favorecer a partilha. Os objetivos específicos visaram aprofundar o conhecimento mútuo entre os membros, apresentar os objetivos da intervenção e do plano de atividade, indicar caminhos para relações de respeito entre os membros e reforçar a necessidade e motivar para um bom funcionamento do grupo, reforçando a assiduidade e a pontualidade. Este primeiro encontro teve início às 21h20 e não às 21h como planeado. Este atraso ocorreu devido ao tempo despendido a tentar reagrupar os jovens para a sessão visto estes encontrarem-se todos dispersos. Durante este encontro foi entregue aos jovens um panfleto ilustrativo (Anexo XII) do que se iria passar ao longo do programa e uma capa a cada um para personalizar e trazer a cada encontro. Depois houve lugar a uma apresentação a partir de um jogo. Definiram-se de igual modo as regras e explicamos a caixa dos desejos. Todos individualmente refletiram acerca dos três desejos e escreveram no papel, foi realçado o facto de

ninguém ser autorizado a abrir a caixa até a última sessão, e que não é obrigatório partilhar os segredos. Terminamos assim a sessão nº1.

A sessão nº2 teve como objetivo geral promover a reflexão acerca da relação com as famílias de origem; os objetivos específicos visaram identificar aspetos positivos e menos positivos na sua família de origem e refletir acerca do seu papel e as suas expectativas na sua família de origem. O encontro iniciou-se com a visualização de uma série televisiva americana “Uma família muito moderna” que retrata, em estilo de comédia as complicações diárias que caracterizam as famílias do século XXI. Num segundo momento pedimos aos jovens que reconhecessem e enunciassem três aspetos positivos e três negativos sobre o conceito de família. Começamos pelos aspetos positivos e cada um partilhou de forma voluntária. Os aspetos positivos mencionados foram paz, amor, tranquilidade, aceitação e dedicação. Devido à dinâmica conseguida na troca de ideias e reflexão acerca dos aspetos positivos e menos positivos sobre o conceito de família, optamos por omitir a atividade prevista de criar uma história e passamos diretamente ao desenho da família. Nesse momento foi pedido ao grupo para desenhar uma família ou a sua família e que não necessitariam de partilhar com os colegas caso não quisessem. Apenas dois jovens partilharam os seus desenhos. Todos os desenhos foram guardados nas capas individuais. No final da sessão foi apresentado ao grupo a tarefa para as férias, ou seja, refletir acerca da sua experiência na OSJ. Os jovens reagiram de forma muito positiva a esta proposta, à qual acrescentaram registar essa tarefa em papel, de forma a organizar as ideias. O encerramento ocorreu de forma calma, visto já serem 22h30 e os elementos já se encontrarem mais cansados e já na sua hora de deitar.

A sessão nº3 teve como objetivo geral promover a reflexão acerca da sua experiência na OSJ e como objetivos específicos refletir acerca dos aspetos bons e menos bons da sua experiência na OSJ, bem como consciencializar acerca dos seus benefícios. Após aguardar alguns minutos para todos se acalmarem, falamos então da tarefa que tinha sido pedido para as férias, ou seja, refletir acerca da sua experiência na OSJ. Um a um cada elemento começou a falar da sua experiência, tendo sido pedido anteriormente para apontar os tópicos na sua capa a fim de ser uma reflexão própria. Alguns jovens apontaram aspetos negativos sobre a sua experiência na OSJ, porém, outros realçaram o facto da educação e da amizade que encontraram aqui e não possuíam em casa. No balanço final, todos concordaram que os valores ensinados aqui são fundamentais no entanto sentem-se como se estivessem aprisionados. No segundo

momento, o grupo foi dividido em dois, de quatro elementos cada. Aos dois grupos foi entregue uma banda desenhada com o início de uma história para completar. Foi dado sensivelmente trinta minutos para acabar a história e preparar o role-play. No final das apresentações os grupos refletiram sobre as histórias apresentadas e falaram das diferenças que elas continham. O último momento, e talvez o mais intenso da sessão, foi quando os jovens se expressaram sobre como se sentiram a fazer o role play, e mais precisamente, como foi a sua experiência aquando do seu acolhimento até a data.

A sessão nº4 teve como objetivo geral expor e refletir acerca do conceito de resiliência e como objetivo específico identificar características de resiliência com o auxílio de um desenho animado. Damos então início à sessão com uma breve explicação do que é “Ser Forte”, com o auxílio do desenho da árvore do panfleto. Em seguida, passamos à visualização do desenho animado “Os incríveis” que retrata a história de uma família com super poderes que atravessa diversas adversidades. Durante o filme são salientadas as estratégias de resiliência utilizadas por aquela família, nomeadamente nas relações familiares e de amizades. No final da sessão, estivemos sensivelmente quinze minutos a analisar os momentos mais marcantes do desenho animado e foi perguntado ao grupo em que aspetos os protagonistas conseguem “ser fortes” e que caminhos usaram para se tornarem “mais fortes” independentemente das adversidades encontradas.

A sessão nº5 tinha como objetivo geral potenciar estratégias que auxiliam o conceito de resiliência. No que concerne os objetivos específicos estes visaram consciencializar acerca de como promover resiliência potenciar competências de resiliência. Damos então o início a sessão com o grupo relativamente calmo, tendo em conta que o jantar foi servido mais cedo, o que possibilitou fazer um pequeno intervalo antes de darmos início à sessão. Começamos por questionar os jovens sobre o que tinha sido abordado na sessão anterior, relembrando algumas passagens do filme. Após este momento foi entregue ao grupo um exercício com o intuito de aprimorar o que foi retido na sessão anterior e deste modo esclarecer eventuais dúvidas. Esta atividade demorou mais do que previsto pois acabou por gerar um pequeno debate. Contudo, isto foi produtivo, pois os jovens apresentavam os seus pontos de vista. A segunda atividade consistia em elaborar fantoches; deste modo, foi fornecido aos jovens jornais e fita-cola, e a partir daí criarem o seu próprio fantoche. De seguida, o grupo foi dividido em quatro, e pediu-se aos jovens para elaborar histórias relacionadas com o tema “ser forte” e onde constassem as frases “após esta experiência aprendi”, “a minha família ajudou” e “os

meus colegas e educadores contribuíram”. No último momento houve lugar para as apresentações das histórias, que ocorreram de forma ordeira e todos respeitaram os colegas. No final de cada uma, o grupo abordava os pontos-chaves que identificavam como “ser forte”. No encerramento da sessão, fizemos um balanço geral sobre os aspetos mais importantes que foram trabalhados, realçando os exemplos e comentários usados pelos jovens durante o encontro.

A sessão nº6 foi inteiramente dedicada a avaliar a experiência da participação no programa e promover a continuidade do processo de mudança assim iniciado. No que diz respeito aos objetivos específicos estes visaram redefinir os desejos dos participantes através da sua experiência no programa, identificar recursos e obstáculos a concretização dos desejos e aplicar o questionário de satisfação relativamente às sessões. Começamos por lembrar o que tínhamos falado na sessão anterior e perguntamos se ficou alguma dúvida. Após esse momento, abrimos a caixa dos desejos e restituímos os desejos a todos os jovens. Os jovens optaram por partilhar apenas um desejo cada um. Os seus desejos estavam basicamente todos direcionados sobre ser feliz, fazer parte de um grupo, confiar mais nas pessoas, ser livre e ser mais forte. Os jovens não quiseram aprofundar os desejos mas concordaram todos com o facto de que a sua participação no programa ajudou a redefinir e futuramente alcança-los. A seguir fizemos um balanço da experiência com o auxílio de um questionário de satisfação. Depois cada participante pode partilhar o que mais gostou e o que poderia ter sido mudado. De um modo geral, gostaram todos das sessões, gostariam de ter tido mais algumas e que o horário fosse diferente. Em relação às atividades consideraram-nas muito adequadas e dinâmicas. O último momento da sessão foi reservado para finalizar o programa com a elaboração de uma tela para expor no “Cantinho da psicologia”.

3.2.4 Avaliação e Reflexão Pessoal

Através de uma análise cuidada de cada uma das sessões e relativamente aos objetivos planeados para as mesmas podemos fazer algumas observações. Deste modo, no que diz respeito à sessão nº1, esta apresentou falhas principalmente no início, isto é, pensávamos que seria mais fácil obter a atenção do grupo. De facto, foi um processo gradual que apenas no momento das apresentações e na criação das regras conseguimos os resultados que esperávamos. É de salientar de que era uma meta de alcance difícil, visto tratar-se da nossa primeira experiência enquanto dinamizadoras. A ansiedade sentida por nós para que tudo corresse da forma esperada também influenciou nas

expectativas criadas para a sessão, e para a intervenção no geral. Em relação à transparência da comunicação, penso que esta tarefa exigiu um esforço maior da nossa parte, pois envolveu traduzir os objetivos e dar exemplos de forma a clarificar melhor o que se pretendia com o programa para que os membros compreendessem. Esta sugestão surge reforçada pela Dr.^a Mafalda por estar ciente da compreensão dos jovens e afim de facilitar a implementação das sessões e a dinâmica do grupo. Deste modo, foi notório contemplar que os jovens aderiram mais quando lhes era dada a oportunidade de se exprimirem, do que na parte inicial onde detínhamos mais a palavra. Outro aspeto que gostaríamos de relevar é de que, quando estávamos a apresentar a “caixa dos desejos”, houve uma mudança no comportamento dos jovens, foi evidente a dificuldade dos rapazes, refletindo-se em suspiros e hesitações, em escrever algo que lhes fizessem sentir melhor. Em relação às apresentações, estas decorreram com um grande envolvimento dos jovens, revelando-se uma atividade positiva, pois coagiu o respeito pelo outro e despertou o interesse pelo que era dito.

Consideramos que os objetivos foram atingidos, no entanto, a dinâmica não foi a idealizada inicialmente. Começar pelos objetivos não foi a melhor estratégia adotada, deveríamos ter aguardado até obter mais calma ou então começar pelas apresentações. Não sentimos resistência nas atividades posterior à apresentação do programa, e os conteúdos emergidos na sessão contribuíram para um resultado geral positivo. Nomeadamente na criação das regras do grupo, ficamos abismados pelas regras ditas e pela participação ativa de todos os elementos. Ao longo da sessão tentamos abordar os tópicos de uma forma mais ativa, apelando para a participação de todos e reforçando a ideia de que nada do que é dito é errado e que todos podem participar desde que respeita as regras estipuladas por todos. A intencionalidade da sessão cumpriu os requisitos iniciais e não consideramos necessário alterar a sessão nº2. A nossa preparação para a sessão foi adequada, no entanto, a maneira utópica de como foi idealizada ultrapassa a realidade e encerramos a sessão com um sentimento de incumprimento da mesma. A primeira emoção que nos surgiu foi de insucesso, mas após discussão e desmitificação do que era esperado consideramos que atingimos os objetivos. De facto, o grupo compreendeu o que se irá passar ao longo do programa, os membros unificaram-se com as atividades desenvolvidas, nomeadamente a apresentação e as regras, e houve um espaço para a reflexão individual acerca das próprias expectativas do grupo/programa com a “caixa dos desejos”.

Em relação à sessão nº2, esta precisou ser reajustada no momento, exigindo capacidade de adaptação e flexibilidade. De facto, excluimos a história pois esta já não fazia sentido, tendo em conta a evolução da partilha. A atividade relativa aos aspetos positivos e menos positivos teve um desenrolar inesperado, pois todos quiseram participar e houve lugar à uma reflexão conjunta entre os jovens com a nossa mediação. Desta forma, a sessão teve os seus objetivos cumpridos, pois houve lugar a uma reflexão sobre o conceito de família e sobre o que esta representa para eles. Sentimos muito empenho na parte dos desenhos, tanto na escolha das cores para elaborar o mesmo como no momento de reflexão pessoal sobre “como representar a minha própria família”. Consideramos que a sessão nº2 decorreu melhor do que a sessão nº1, por esta ter começado com a visualização de um episódio, que asserenou o grupo. É de salientar de que os jovens detiveram uma postura diferente da sessão nº1 por já terem conhecimento do desenrolar da sessão e por existir uma relação de respeito mais saliente entre o grupo. No final da sessão apercebemo-nos de que a atividade destinada ao desenho da família ficou muito pouco explorada. Deste modo, surgiu a necessidade de explorar os desenhos feitos pelos participantes. Por esta razão, foi criado um espaço para uma avaliação dos mesmos entre as sessões, afim de possibilitar pô-los a refletir acerca do seu desenho. Esta avaliação teve uma duração de 10/15 minutos, e foi perguntado a cada um dos participantes o que há de positivo no desenho, o que há de menos positivo, o que sente que deveria aprofundar, e, o que o preocupa na família. Consideramos deste modo, que o objetivo geral da sessão foi atingido e foi ainda reforçado com a avaliação inter-sessão.

A avaliação inter-sessão decorreu no “Cantinho da Psicologia”, espaço reservado para os atendimentos individuais¹. Este local foi escolhido por ser um espaço sossegado e reservado, sem interrupções indesejadas. Os desenhos dos jovens foram entregues aos mesmos no final do programa, no entanto, uma fotografia foi tirada afim de constar nos anexos.

O Jovem A. apontou como elemento positivo no desenho a recordação que transmite felicidade paz e união. Como menos positivo relembra o passado, e sente que deveria aprofundá-lo mais. Alega que se preocupa muito com a sua avó, por esta estar a viver sozinha, e com os irmãos, que permaneceram em casa, o que não lhes dá acesso a

¹ Ver descrição do “Cantinho da Psicologia” no ponto 3.4.1. na pág. 45.

uma tão boa educação e transmissão de valores como ele. Considera-se um privilegiado por estar na OSJ.

O jovem R. não conseguiu aprofundar o desenho, o que denota uma grande resistência em falar da sua família, apenas disse que o que há de positivo no desenho é a sua família, e que de resto não existe nada de menos positivo nem nada que o preocupa na sua família.

O jovem M. salienta a avó como elemento positivo e que pensa muito nela quando está na OSJ. Quando se perguntou o que tinha de menos positivo o M. respondeu “cada rei morre numa batalha, numa morre sempre”. Esta declaração deixou-nos confusos, no entanto o jovem não quis aprofundar nem explicar a sua afirmação.

O jovem R. representou o seu pai e caracteriza-o como positivo. Preocupa-o o facto de não estar com ele visto este estar preso. Alegou estar preocupado com o pai porque não sabia se já tinha sido libertado ou não.

O jovem A.G. diz que desenhou a sorte e foi espontâneo no desenho. Não quis falar mais sobre o mesmo.

O jovem F. irmão do A. alega que a sua família não tem nada de menos bom e que está tudo normal, tudo unido. Não aprofundou mais o desenho.

O jovem J. descreveu o desenho como algo positivo pois permitiu desabafar algo, no entanto, diz que o “pior foi fazer porque fala de coisas tristes”. E preocupa-o as zangas na família, devido aos conflitos existentes.

O jovem R.C. diz que com o desenho conseguiu criar “sentimento e amor” e que gostaria de lhe dar “mais cor”. Sente-se preocupado com os irmãos pois eles “se desenvolvem sozinhos”. Queria fazer as coisas com autonomia e lidar bem com o que lhe acontece.

Com a avaliação inter-sessão foi-nos possível identificar resistência em falar da sua própria família de origem. No entanto, ao longo das sessões foi notório a sua crescente reflexão acerca da mesma. De facto, um dos elementos foi procurar a Dr.^a Mafalda com uma lista de questões relativas ao seu acolhimento que queria aprofundar. Para nós, isso representa um sucesso da implementação do programa. É evidente a presente ligação de todos estes jovens, preocupados com outros membros familiares. Todos os participantes demonstraram sofrimento em falar da sua família de origem e pouco ou nada conseguiram desenvolver. Este exercício foi um desafio tanto para nós como para os eles. De facto, os jovens possuem pouca habilidade em expressar as suas dores e em partilhar os seus sentimentos, necessidades ou desejos principalmente num

tema tão peculiar como o da família. É comum o sentimento de a querer proteger associado a vergonha em falar sobre ela, e para isso, optam por não se expor perante ninguém.

Em relação a sessão nº 3, esta decorreu conforme planeado e não precisou de nenhum reajuste. As atividades mantiveram a sua ordem inicial e o grupo, apesar de agitado no início, adaptou-se à dinâmica da sessão tendo sido deste modo atingidos todos os objetivos da sessão. O objetivo específico de consciencializar acerca dos benefícios da sua experiência na OSJ poderia ter sido mais aprofundado. Contudo, visto que o tempo previsto para a sessão não o permitiu, apenas conseguimos dar mais ênfase deste objetivo na fase inicial da sessão. O ideal teria sido ser reforçado ao longo de todo o encontro. Posteriormente, consideramos que se se alterasse a ordem da sessão nº2 com a nº3 poderia existir mais vantagens ao nível das reflexões pessoais. Ou seja, começar pela sua experiência na OSJ e apenas depois abordar a história familiar. No que diz respeito as atividades desenvolvidas, estas foram úteis tanto para chamar a participação de todos como para reaproximar todos os jovens alertando-os que todos estão numa fase similar e que juntos conseguem apoiar-se e principalmente confiar um nos outros. É de ressaltar de que em cada sessão o aspeto da confidencialidade foi sempre reforçado por parte do grupo. Deixando deste modo transparecer a necessidade de que eles tendem a desconfiar do outro, seja ele adulto ou colega.

No que concerne a sessão nº4, esta foi notavelmente a mais calma, pois o filme era extenso o que acalmou bastante os ânimos iniciais. Consideramos que a alternância entre atividades lúdicas e as visualizações de filmes nas sessões tem sido bastante positivo pois permite manter o interesse dos jovens em continuar e em participar no programa. É de salientar de que todos os objetivos foram cumpridos pois todos os participantes conseguiam identificar e explicar o conceito de resiliência. É de ressaltar que o grupo continuava unido desde da última sessão o que facilitou o trabalho a desenvolver, pois existia mais respeito entre eles e mais interesse no que era dito pelos colegas.

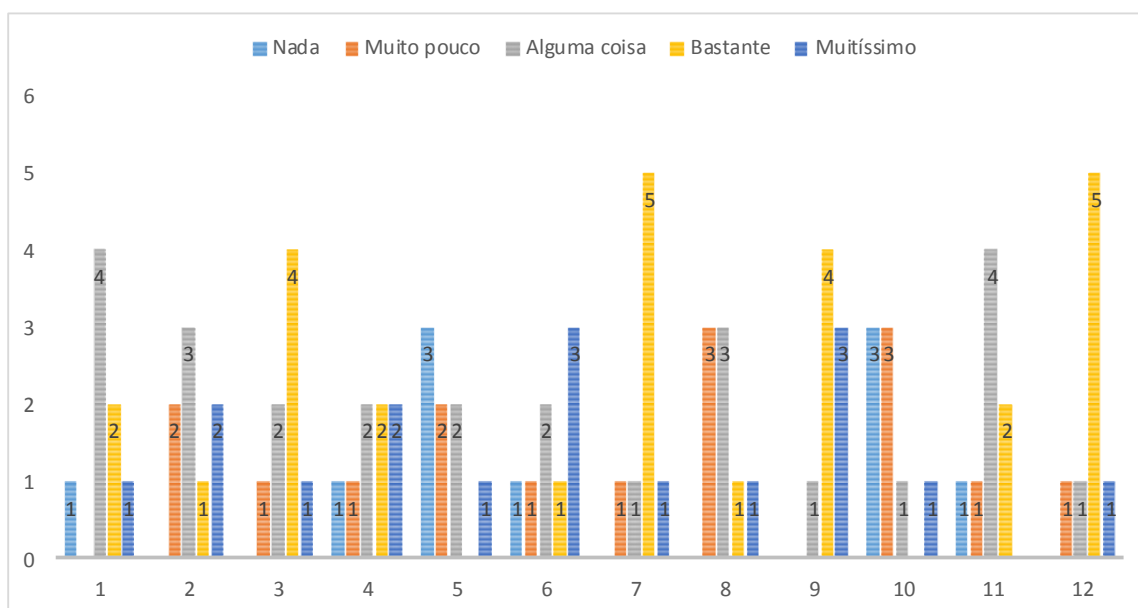
A sessão nº5 decorreu conforme planeado mantendo o esquema previsto. O grupo aderiu de forma positiva as atividades propostas; no entanto consideramos que os fantoches poderiam ter sido dispensados. Os jovens distraíram-se bastante na sua elaboração e tentavam aperfeiçoar o seu fantoche ao invés de concentrar-se na tarefa seguida. O tempo estipulado para a sessão foi ultrapassado e estivemos mais 35 minutos do que o previsto. Consideramos que a sessão teria sido mais vantajosa caso

retirássemos os fantoches e houvesse apenas espaço para um role play como aconteceu na sessão nº3. Por outro lado, o grupo uniu-se muito na criação do seu fantoche, ao trocar ideias e ao manifestar desejo de o guardar no seu quarto para recordar o grupo de intervenção. No que diz respeito aos objetivos, estes foram todos atingidos. No entanto, a consciencialização e as competências para promover a resiliência poderiam ter sido mais esmiuçados. Talvez através de uma história já pré-definida e deixando apenas espaço para a continuar como foi feito com a banda desenhada da sessão nº3. De uma forma geral, o espírito de grupo foi reforçado e o aspeto da confidencialidade não foi mencionado. Desta forma, concluímos que este aspeto já não era motivo de preocupação por parte dos jovens, o que possibilitou a criação de um espaço de confiança mútua.

No que concerne a avaliação geral realizada na sessão nº6 (Anexo XIII), os resultados obtidos foram os seguintes:

Quadro 5

Questionário de avaliação da satisfação na participação no programa



De um modo geral, a avaliação do programa “Conhecer-me e ser forte” teve um balanço positivo. Os assuntos abordados e a sua pertinência para os jovens também obteve uma avaliação positiva. No que concerne a proximidade da dinamizadora com o grupo consideramos ter sido conseguida. Em relação ao cansaço sentido, este está bastante saliente, provavelmente devido a hora da implementação do programa. E no que diz respeito a utilidade das sessões a maioria concorda em que tenham sido uma mais-valia para eles.

Consideramos que o programa foi um sucesso, de facto os jovens aderiram de forma voluntária e mostraram-se cada vez mais participativos e unidos ao longo das sessões. No entanto, o horário acabou por influenciar a dinâmica das sessões, mas visto este ser o único disponível para o grupo, conseguimos alcançar os objetivos previstos inicialmente. Foi notório de que a troca de experiências e a reflexão em grupo com jovens que partilham situações semelhantes tornou-se uma mais-valia significativa para o programa. Esta intervenção foi de igual modo significativa para nós, pois permitiu-nos desenvolver competências variadas que vão desde a planificação e organização das sessões, adequando objetivos plausíveis à população em questão, passando pela capacidade de interagir, escutar e aprender com o grupo.

3.3. Acompanhamento Individual

Depois de dados os primeiros passos em termos de observação participante, foi possível realizar uma intervenção individual com o jovem J. Este acompanhamento foi inicialmente realizado pela Dr.^a Mafalda mas com a nossa presença enquanto observadores. No entanto, após dois encontros e com a aprovação tanto da nossa orientadora local como da nossa supervisora, começamos a conduzir os encontros mas sempre com a supervisão da Dr.^a Mafalda.

3.3.1. História Familiar e Hipóteses de Trabalho

O mais importante numa intervenção realizada num contexto de acolhimento de menores é a importância de um trabalho direcionado para limitar os danos que afetam o jovem (Coletti & Linares, 1997).

É de supra necessidade contextualizar de forma breve a história do jovem para compreender o desenrolar dos encontros. No que concerne a saúde do jovem, este encontra-se medicado por lhe ter sido diagnosticado hiperatividade e epilepsia. É de ressaltar de que as crises de epilepsia começaram quando a mãe o deixou na casa da avó abdicando do seu papel de mãe. Atualmente, o J. tem 15 anos e frequenta o 9º ano. Está acolhido no lar desde fevereiro de 2013 e usufrui da autorização da CPCJ para ir para a casa da avó de 15 em 15 dias aos fins-de-semana. A avó vive com o primo F. (foi adotado por ela) que necessita de cuidados redobrados por se encontrar numa cadeira de rodas. Neste momento a senhora desenvolveu problemas de saúde e não consegue receber o J. todos os fins-de-semana como acontecia inicialmente. Na casa da sua avó materna o jovem não partilha quarto e relaciona-se bem com todos. Esporadicamente o J. dorme na casa do pai onde o agregado já é mais extenso, pois moram lá cinco filhos e

a madrasta. Quando o jovem pernoita lá, divide o quarto com o M., filho da madrasta que nasceu em Luxemburgo.

O jovem apresenta uma relação conflituosa com a mãe. De facto, esta não mostra interesse no jovem, nem o visita na OSJ, e quando se encontram é na casa da avó materna. A mãe teve outro filho fruto da sua relação com o companheiro atual, relação esta bastante tumultuosa. É de salientar que o pai e a avó materna de J. têm um ótimo relacionamento e demonstram preocupação para com o jovem. Os pais nunca foram casados e separaram-se quando o J. tinha três anos. A medida de proteção do jovem foi renovada por mais 6 meses devido à avó não ter condições de saúde para o receber permanentemente e por não conseguir dar a medicação e o cuidado de que o J. necessita. Estes dados foram retirados dos relatórios entregues pelas CPCJ e com a entrevista semiestruturada SCICA aplicada pela Dr.^a Mafalda.

Deste modo, sentimos necessidade de aprofundar a história familiar do jovem, afim de aprimorar quais as suas redes de apoio e favorecer um auto e hétero conhecimento sobre as relações significativas na sua vida. Com a aplicação do Genograma (anexo XV) foi possível aprofundar e obter mais conhecimento destas relações para reintegrar a sua história familiar. Segundo Guarnieri (2007), a estabilidade da família deriva da sua estrutura comunicacional, a qual se baseia no laço de retroalimentação. A família não pode ser vista como um grupo de indivíduos distintos, mas sim, como um conjunto de relações onde os laços estão profundamente enraizados em padrões de expectativas recíprocas.

O Genograma é um instrumento essencial para promovermos o conhecimento dos processos de desenvolvimento familiar e precisaria ser uma componente primordial do “kit” do terapeuta (Andolfi, 2013). O Genograma pode ser entendido como uma espécie de árvore genealógica que consiste partir das gerações atuais e ir até às gerações precedentes (Delage, 2008). Segundo o mesmo autor, inúmeras dimensões podem ser observadas, exploradas e experimentadas pela família. Ao longo do processo o jovem mostrou-se interessado e atento às instruções. É de salientar que a comunicação não-verbal é tão reveladora que pode demonstrar estado de tensão ou de relaxamento, um olhar pode comunicar diferentes pensamentos, emoções e os olhos são os principais instrumentos para captar mensagens (Figueredo, 2005). O jovem optou por não representar as pessoas já falecidas, por não achar necessário, com exceção do avô materno. Ao longo da elaboração do Genograma o J. relatou que só conheceu o pai há cerca de dois anos atrás, daí não saber muito sobre a sua família do lado paterno. O

jovem também disse que esteve a morar com a madrinha até aos 12 anos. O J. apresenta uma relação de dependência com a avó materna e destaca-a como a pessoa mais importante da sua família. Esteve a cargo da mesma até ter sido sinalizado pela CPCJ. Mencionou ter uma relação forte com a madrinha e com uma tia que mora perto da Trofa, no entanto poucas vezes está com ela. Ao longo deste encontro foi notório que o J. tinha alguma dificuldade em indicar os nomes dos familiares, nomeadamente os do lado paterno. Pouco aprofundou sobre os relacionamentos descritos e sobre os elementos da sua família e foi curioso o facto de optar por não representar o “primo Filipe” no seu Genograma, alegando que não é seu primo, é só alguém que a avó acolheu.

Posteriormente abordamos a família paterna do J.. Como este apenas conhecia o pai há relativamente dois anos, optamos por perguntar como foi conhecer cada elemento da família paterna. O jovem contou que conheceu o pai através do padrinho, que sempre lhe prometera que iria encontrar o pai e apresenta-lo ao J.. Após um encontro no tribunal com os padrinhos e a mãe do jovem, o pai de J. foi até a casa dos padrinhos. O jovem estava dentro de casa e o padrinho chamou-o e disse-lhe que tinha uma pessoa que queria conhecê-lo. Foi para a entrada da casa e perguntou quem era, e o padrinho respondeu: “é o teu pai!”. Após ouvir este relato questionamos o jovem acerca da sua reação. O J. respondeu que foi a correr, feliz, para os braços do pai. Logo de seguida foi com o pai para a carrinha e foram buscar o irmão à casa da mãe. Alega que todos se mostraram contentes e recetivos com a sua presença. No decorrer do atendimento questionamos o jovem sobre se em algum momento perguntou ao pai o porquê de ter aparecido só agora. Ele alega que não quer saber, que o mais importante é conhecê-lo e que o resto não interessa. A mãe não reage de forma positiva ao fato do J. ter uma relação próxima com o pai. E cada vez que tem oportunidade aproveita para “falar mal” dele. Segundo Andolfi e Angelo (1989), o terapeuta familiar deve ser capaz de entender o mundo de cada membro da família, afim de funcionar como nexos relacionais consciencializando-se de alguns aspetos mais específicos e pessoais. A atuação do terapeuta nesse enfoque visa a reformulação desses modos de interpretação cristalizados, mostrando alternativas interpretativas de forma a reformular tanto o passado como o presente (Andolfi & Angelo, 1989) A reciprocidade é a base de todas as relações humanas, é como se cada um conseguisse descobrir a sua identidade pessoal apenas quando se relaciona com o outro. Desta forma, permite-se conhecer-se e

reconhecer-se melhor a si mesmo no decurso da interação, com o que partilha ou não (Andolfi, 2003).

O objetivo terapêutico pode também ser entendido como traduzir em termos de intervenção, aspetos que se referem a escolhas de métodos (Andolfi, 2013).

Deste modo, a partir do Genograma foi possível estabelecer as hipóteses de trabalho para com o jovem considerou-se essencial integrar a sua história familiar explorando os possíveis apoios existentes, intensificando as relações e a sua consistência para a preparação de uma eventual saída da OSJ. A única estrutura familiar a que tem acesso imediatamente o terapeuta é a estrutura disfuncional; umas das suas tarefas é localizar possíveis áreas de flexibilidade e mudança (Minuchin, 1982). Devemos tentar perceber os comportamentos do J., os quais inicialmente podem ser incompreensíveis, mas que através da análise das dinâmicas familiares adquirem significados (Coletti & Linares, 1997). Segundo Andolfi (2013), não existe uma epilepsia, um distúrbio neurológico ou uma deficiência em geral que não tenha componentes relacionais igualmente importantes. De facto, o jovem mencionou que quando discute com a mãe esta tende a desmaiar e ele fica triste com esta situação. Descreve a mãe como uma pessoa depressiva e com pouco amor-próprio pois alega que ela “não consegue deixar o companheiro” mesmo sendo vítima de violência doméstica. É notório o desejo de pertença e de lealdade patente neste jovem. De facto, ele é constantemente reencaminhado para a casa de alguém ou para uma instituição e procura desesperadamente ser aceite. O facto de não questionar o pai sobre esta ausência comprova este desejo.

3.3.2. Descrição do acompanhamento Individual

O acompanhamento do jovem desenrolou-se entre abril e julho de 2014 e contou com um total de nove encontros, oito individuais e uma reunião juntamente com a Dr.^a Liliana e o Dr. Serafim com o pai e a madrasta de J.

Os dois primeiros encontros foram de observação e tiveram como objetivo estabelecer uma relação de confiança e obter um conhecimento mais aprofundado sobre o jovem. De facto, nestes encontros a nossa orientadora aplicou a Entrevista Clínica Semiestruturada para Crianças e Adolescentes dos 6 aos 18 anos (SCICA). Este instrumento aborda diferentes áreas gerais tais como atividades, escola, amigos, relações familiares, fantasias, autopercepção, sentimentos, queixas somáticas, álcool

droga e problemas com a lei. No segundo encontro foi também implementado o desenho da família imaginária (Anexo XV) pela Dr.^a Mafalda.

No terceiro encontro aplicamos o Genograma ao J. com o intuito de aprofundar a sua história possibilitando deste modo um auto e hétero conhecimento. Toda a sessão foi supervisionada pela Dr.^a Mafalda Malheiro. No quarto encontro aprofundamos as histórias familiares que ficaram por esclarecer, tentamos também perceber as dinâmicas nas quais o jovem estava inserido. E elucidamos o jovem sobre os aspetos positivos que vigoram na sua família. Desmistificando a ideia de família perfeita ou imperfeita que o J. tem criado e mencionado ao longo da intervenção. Contudo, somente conseguimos abordar o lado materno do jovem. No quinto encontro, abordamos o lado do paterno do Genograma e conseguimos refletir em conjunto com a nossa supervisora e orientadora acerca do objetivo da nossa intervenção. Desta forma, o primeiro visava trabalhar a reintegração da sua história e o segundo explorar outros apoios além do existente na OSJ para possibilitar uma eventual saída do jovem.

O sexto encontro tinha como objetivo explorar e compreender o porquê de estar acolhido. A sessão teve que ser modificada porque começou com o jovem um bocado alterado devido a uma chamada de atenção que teve na sala de estudo. De facto, este chegou ao atendimento muito revoltado por uma atitude que uma das educadoras teve com ele. Após abordar esse assunto com o J., este alegou que se sentia preso por estar aqui e que não iria voltar a assinar o papel de prorrogação da medida da CPCJ.

Nesse momento, aproveitamos para esclarecer o jovem sobre essas dúvidas e elucidá-lo sobre os benefícios de estar na OSJ. Optamos por escrever uma linha cronológica (Anexo XVI) juntamente com o J. para ele observar as mudanças que ocorreram na sua vida. Com este exercício conseguimos que o jovem visualizasse as alterações e mostrar o lado positivo de estar acolhido na OSJ. Aproveitamos o conceito de prisão para mostrar ao jovem que por vezes estar fora de casa é conseguir aproveitar as oportunidades que nos dão para voltar mais preparado para casa. O J. acrescentou que ao longo do ano e meio passado no colégio, conseguiu aprender determinadas regras e valores que não tinha “por ser demasiado rebelde” antes do seu acolhimento. No sétimo encontro retomamos o objetivo da sessão anterior, e aprofundar a relação do jovem com o pai. Desta forma pedimos ao jovem para retratar um dia na casa do pai. O jovem desenhou um dia na praia, com os irmãos, o pai e a madrasta. Retratou a hora do almoço onde o pai e a madrasta estão a preparar o churrasco e ele e os irmãos estão a brincar. Salientou que gosta muito desses programas de verão. Reforçou esta ideia e contou uma

situação onde ele e as irmãs recolheram estrelas-do-mar e conchas na praia para guardar em casa. Algum tempo depois, o pai criou uma moldura e inseriu as descobertas da praia juntamente com uma fotografia de todos tirada nesse dia para pendurar em casa. Esta atitude demonstrou devoção e carinho do pai para com a sua família. No final do encontro, a psicóloga Liliana entrou em contacto connosco para nos informar das novidades em relação ao pai. De facto, este retribuiu as chamadas e marcou um encontro onde estaremos também presentes. Aquando de uma conversa com a avó do jovem, esta contou que o pai iria pedir a custódia permanente do filho. Desta forma, estaremos preparados para conhecer e explorar esta eventual possibilidade na sua vinda a OSJ.

No oitavo encontro foi-nos possível reunir com o pai e a madrasta de J. durante aproximadamente 2 horas. Este encontro foi conduzido pela Dr.^a Liliana e pelo Dr. Serafim. Começamos por reunir apenas com o Senhor J. afim de abordar questões que diziam respeito à sua relação com a mãe do jovem. O pai do J. começou por dizer que foi toxicodependente durante três anos e que foi nesse período que conheceu a mãe do jovem e que resultou no nascimento de J. Caracterizou a relação como tumultuosa e que conseguiu sozinho passar por um período de desintoxicação. Não se orgulha desta fase da vida, mas desde daquele momento em que ficou livre de drogas, tentou sempre aproximar-se do filho, mas a progenitora nunca o permitiu. Foi casado e dessa relação nasceu A. e depois doutro relacionamento veio o J. e desde daí teve duas gémeas com a companheira atual, com a qual partilha mais de 13 anos de vida comum. A sua companheira já tinha 3 filhos de outro relacionamento, dois rapazes e uma rapariga. No total moram sete pessoas diariamente na sua casa, e aos fins-de-semana ou vem o A. ou o J. Explicou-se aos presentes, e já com o jovem J. na sala de reuniões, de que este processo não dependia apenas da OSJ e que teriam que articular com a CPCJ. Caso não houvesse impedimento da parte deles, então o jovem passaria a ir a casa todos os fins-de-semana e consoante o desenvolvimento do processo e priorando o bem-estar do jovem, poderia se, *a posteriori*, estudar a hipótese de sair definitivamente da OSJ para a casa do pai

No último acompanhamento foi explicado ao jovem o que tinha sido falado durante a reunião com o pai e a madrasta, realçando alguns aspetos, nomeadamente a disponibilidade do pai em recebê-lo em sua casa e dinâmica familiar. O J. acrescentou que o pai já tinha conversado com ele durante o fim-de-semana e que lhe disse para ele se aplicar nos estudos para poder voltar para casa. De seguida, esclarecemos acerca dos

procedimentos habituais da OSJ e demos ênfase ao seu envolvimento nestes encontros connosco, pois foi a partir da partilha dele que conseguimos criar esta ponte com o pai. De facto, não existiam dados nos processos da CPCJ ou nos relatórios da OSJ sobre a figura paterna, apenas a relatavam como ausente. No entanto, após a construção do Genograma, foi-nos possível apurar a sua presença assídua na vida do jovem. No último momento pedimos ao jovem para fazer um balanço do que foi conseguido nestes encontros, o J. disse que gostava muito de estar connosco e que sentia-se a vontade na nossa presença. Acrescentou que fica triste por não estar mais connosco mas que vê que já tem muitas pessoas que lhe querem bem e estão preocupadas e dedicadas a ele. Reforçamos as ideias dos procedimentos da CPCJ não serem “de um dia para o outro” e que tanto a OSJ como o pai e a madrinha estão “a remar para o mesmo sentido”.

Demos então como concluído a nossa primeira intervenção individual.

3.3.3. Reflexão Pessoal do Acompanhamento Individual

O acompanhamento individual é primeiramente um “serviço” de ajuda oferecido aos utentes, são eles o *focus* da nossa atenção. Embora se compreende que esta primeira experiência possa ter sido enriquecedora e importante para o nosso crescimento pessoal e profissional. Exigiu da nossa parte uma grande preparação antes dos encontros e uma reflexão constante em conjunto com a Dr.^a Mafalda e a Professora Fabrizia.

Quanto ao nosso papel, este foi cada vez mais desafiador ao longo dos encontros. Quando deixamos o papel de observador das sessões, tivemos que estar devidamente preparados antes de cada encontro (anexo XIV). Na sessão seguinte à aplicação do Genograma tivemos que reformular as questões porque numa fase inicial o jovem apenas respondia sim/não e não desenvolvia as respostas. Mas quando optamos por pedir ao jovem para contar histórias que tinham acontecido afim de nós conseguirmos visualizar e compreender melhor as situações, a sessão começou a correr melhor. Sentimos alguma vergonha por parte do J. nalguns pormenores que o jovem contava. No entanto, tentamos tirar partido desse momento, mostrando ao jovem todos os aspetos e relações positivas que possui na sua família.

Durante o sexto encontro tivemos que redefinir os objetivos planeados atempadamente. No entanto, visto o contexto onde o acompanhamento é inserido, temos que estar preparados para estes imprevistos e alterações de humor. Desta forma, consideramos que conseguimos escutar e orientar o jovem sobre os aspetos positivos

presentes na sua vida não se deixando embarcar pelo negativismo ou pelas birras. No final da sessão, o J. disse que iria pedir desculpa a educadora por ter exagerado sem razão aparente. Esta atitude surgiu sem que nós mencionássemos essa questão.

Durante a reunião foi-nos possível observar esta família, e, embora numerosa, tem boas capacidades de reflexão em situações de crise. O pai do J. contou que quando se reaproximou do filho foi após uma ida a tribunal onde viu que a progenitora não estava “limpa” e não autorizou em que ela ficasse com a custódia do mesmo. A partir daquele momento, contou com a ajuda da madrinha do jovem para uma reaproximação gradual. Mantém um bom entendimento tanto com a madrinha como com a avó e estas foram sempre as únicas preocupadas com ele. Admite ajudar a avó do neto com 100euros por mês e embora se encontra desempregado, realiza trabalhos por fora para receber mais algum para não faltar nada a nenhum elemento da família.

Durante diversas vezes no decurso da reunião, o pai e a madrasta de J. mostraram vontade em ficar com o J. Desta forma, foi-lhes pedido um contato regular com o mesmo, incluindo telefonemas durante a semana. Desta forma, a OSJ dará entrada com o pedido na CPCJ para o jovem começar a ir todos os fins-de-semana a casa. Uma semana na casa da avó e a outra na casa do pai. E dividir de igual forma durante as férias em agosto.

No último acompanhamento individual, tentamos abordar os pontos discutidos ao longo dos encontros, criando uma ligação entre todos os momentos e expondo o já alcançado pelo jovem e por nós. Demonstramos que foi um trabalho que não conseguíamos desenvolver sem a ajuda um do outro. De facto, aprende-se também através de relações com pessoas que parecem que aprendem connosco. Para isso, é necessário ter a capacidade e a humildade de pensar que mesmo quem está numa posição problemática pode facultar-nos informações valiosas sobre como a ajudar (Andolfi, 2003).

Estar perante os jovens da OSJ era uma experiência dada como adquirida para nós, no entanto, defrontarmo-nos com a sua história contada na primeira pessoa torna o nosso papel mais complexo. De facto, estar perante um jovem com uma experiência interna de tamanha dimensão torna-nos inseguros quanto a nossa capacidade de acompanhar uma pessoa com estas dificuldades. É fundamental não nos deixar levar pelo nosso medo e partir para as incertezas, pois é desde aí que conseguimos em conjunto com as orientações da nossa supervisora e orientadora que estipulamos o caminho a percorrer. É de ressaltar que colocar-se no papel do outro facultou-nos um

entendimento e uma perspectiva diferente. Segundo Andolfi (2013), a redefinição do problema significa dar um significado diverso daquele habitualmente representado, abarcando um valor relacional produtivo.

3.4. Outras atividades

Ao longo de todo o ano, desenvolvemos diversas atividades, mas apenas optamos por salientar as que se prendem com o papel do psicólogo, e que passamos a descrever a seguir.

3.4.1 Criação do espaço para encontros individuais de psicologia

Após as remodelações ocorridas no ano letivo 2012-2013, o gabinete de psicologia deixou de existir. Surgiu então, a necessidade de preencher essa lacuna na OSJ. Após reunir com as psicólogas e o diretor da OSJ foi-nos atribuído um espaço para a criação do gabinete (Anexo XII). Este espaço encontra-se numa área inutilizada perto do escritório da gráfica. Inicialmente essa proposta não foi bem recebida. No entanto, após reflexão em equipa, teve-se em conta as vantagens do espaço ser fora da nossa área habitual, permitindo aos jovens maior confidencialidade aquando da utilização.

No entanto, o espaço necessitava de obras, nomeadamente novos rodapés e pintura nas paredes. A direção autorizou essas obras e a partir daí ficou ao nosso cargo decorar o espaço utilizando recursos que já existiam na OSJ. Desta forma, utilizamos materiais que estavam guardados na parte antiga do Lar, nomeadamente mesas, cadeiras, tapetes, armários e pinturas elaboradas pelas crianças e jovens. Necessitamos unicamente de comprar dois poufs para o acompanhamento individual ser realizado num contexto mais informal. Foram também acrescentadas duas pinturas realizadas pelos jovens no contexto da intervenção em grupo, por nós desenvolvida, como forma de decorar uma parede que estava vazia.

O espaço dispõe de uma secretária com três cadeiras, para sessões de avaliação, um armário para guardar todos os materiais relativos ao trabalho de psicologia, uma mesa redonda com seis cadeiras para intervenção em grupo e dois poufs para a intervenção individual.



Figura 1. Fotografia do “Cantinho da Psicologia”.

O espaço foi estruturado desta forma após várias tentativas que visavam criar um espaço acolhedor com poucas distrações para as crianças e jovens. Após o consenso de todos os intervenientes o resultado final é o que consta na figura 1.

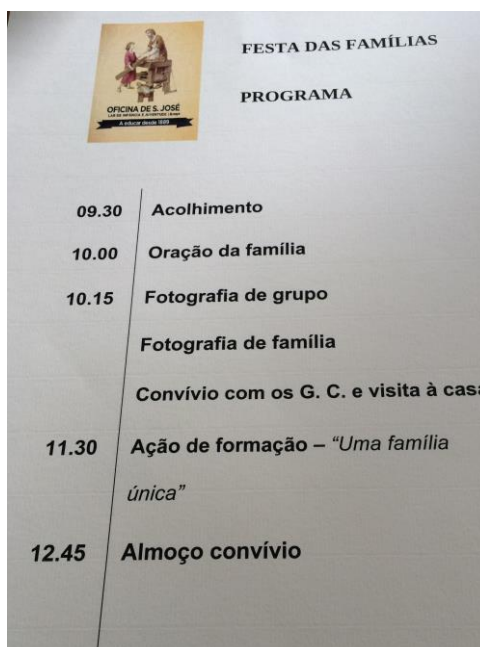
Em relação ao nome, este foi decidido em equipa de psicologia, e optou-se por chamar o espaço de “Cantinho da Psicologia”. Esta opção preza salvaguardar o local como acolhedor e convidativo, deixando os rótulos de “gabinete” ou “consultório” que se encontravam antes das mudanças de instalações.

Desta forma, o “Cantinho da Psicologia” foi apresentado às crianças e jovens, num momento da “roda diária”, que o espaço se destinava a todos os interessados em que querer falar sobre qualquer tema ou para eventuais questões que os preocupam. Desta forma, estipulamos um horário onde cada psicóloga está disponível para acolher quem vier, possibilitando os jovens de escolher com qual dos psicólogos quer se encontrar.

3.4.2. Dia da Família

No dia 24 de maio de 2014 realizou-se o dia da família na OSJ (figura 2). No mês de janeiro foi-nos proposto ter uma participação mais ativa na festa do dia da família. O diretor técnico deu-nos a oportunidade de planear esse dia. Após abraçar esta oportunidade procuramos perceber como decorriam estas festas para podermos proceder à sua planificação. Desta forma, o primeiro passo desta atividade foi delinear a sua estrutura e com a ajuda da Professora Fabrizia e a equipa de gestores de caso, chegamos à construção de um roteiro de atividades para esse dia. A entrega dos convites foi feita pelas crianças e jovens o quanto antes para podermos perceber o número de pessoas esperadas e a exequibilidade das atividades previstas. Este dia teve como objetivo oferecer aos familiares e crianças e jovens acolhidas um convívio diferente do habitual. Desta forma, o dia foi inteiramente planeado para os familiares poderem passar mais

tempo com as crianças e jovens, conhecer as instalações da OSJ e principalmente proporcionar um escape as suas rotinas diárias, numa festa destinada para todas as idades. Esta festa das famílias foi deste modo planeada conforme podemos visualizar na figura 2.



The image shows a printed program for a family festival. At the top left is a small logo for 'OFICINA DE S. JOSÉ' with a religious illustration. To the right, the text reads 'FESTA DAS FAMÍLIAS' and 'PROGRAMA'. Below this, a list of activities is presented with corresponding times. A vertical line separates the times from the activity descriptions.

Time	Activity
09.30	Acolhimento
10.00	Oração da família
10.15	Fotografia de grupo
	Fotografia de família
	Convívio com os G. C. e visita à casa
11.30	Ação de formação – “Uma família única”
12.45	Almoço convívio

Figura 2. Programa dia da família.

O dia começou com a receção às famílias feito pelas crianças e jovens, pelos técnicos e educadores e alguns auxiliares. Nesse dia, todos estavam presentes de forma a proporcionar um belo dia as famílias. Após a receção, houve lugar a uma pequena oração com uma reflexão orientada pelo Cônego Pe. Fernando Monteiro, diretor da OSJ. Por volta das 10h15 deu-se início a visita às instalações da OSJ, permitindo às crianças e jovens mostrar aos familiares os espaços onde vivem. Ao mesmo tempo, algumas famílias ficaram na parte de baixo para tirar uma fotografia junto do mural da entrada que representa a imagem do Lar realizada pelas crianças e jovens.

Terminadas as fotografias e a visita, realizou-se então o momento de reflexão e de partilha por um casal convidado para o efeito. Convém realçar que o casal foi escolhido pela Professora Doutora Fabrizia e que previamente visitou e conheceu o diretor técnico para aprofundar o que seria falado e estipular os objetivos da sua intervenção. A ação de formação do casal durou sensivelmente uma hora e um quarto e teve uma grande aderência por parte dos familiares visto que no fim um pequeno debate se gerou entre os participantes.

Após a ação de formação do casal, uma almoço convívio com mesas já devidamente preparadas. Ao mesmo tempo várias atuações das crianças e jovens tomaram lugar, e um grupo de música popular foi animando a festa com músicas conhecidas por todos. No final, cada família levava para casa a fotografia que tinha sido tirada de manhã e um azulejo com um íman que foi elaborado no âmbito dos 125 anos da OSJ.

A festa das famílias teve uma grande aderência por parte dos familiares o que proporcionou muita alegria as crianças e jovens. O ponto alto para nós foi sem dúvida o da ação de formação, pois não estávamos a prever o grande envolvimento dos familiares. Este dia foi considerado por todos como um sucesso e passará a ser organizado uma vez por ano.

3.4.3. Participação em outras atividades da OSJ

Durante os meses de estágio foi-nos possível participar nas reuniões de Equipa de Autonomia, Equipa Técnica e Educativa, Equipa de Gestores de Caso. A primeira tinha lugar de três em três semanas, a segunda e a terceira eram semanal. Devido ao nosso horário estipulado inicialmente juntamente com a minha orientadora local, apenas participei em três reuniões de Equipa de Gestores de Caso. É de ressaltar que participávamos e não acompanhávamos apenas estas reuniões, tendo direito a voto como qualquer outro técnico do Lar.

Deste modo, participamos em conjunto com toda a equipa técnica e educativa em momentos de reflexão e de discussão de ideias e atitudes para adotar sempre com o intuito de tornar a OSJ num lar com uma dinâmica cada vez mais aproximada com a de uma família.

Para além das reuniões foi-nos possível participar em visitas domiciliárias juntamente com uma técnica da Segurança Social, onde se procedia à observação das condições de habitabilidade da família assim como a existência de bens fundamentais ao desenvolvimento adaptado dos menores.

Ao longo do ano letivo foi-nos possível acompanhar por diversas vezes a Dr.^a Mafalda aos encontros com o diretor de turma de três crianças e jovens do 9ºano. Estas reuniões eram de quinze em quinze dias e tinham como objetivo acompanhar de uma forma mais próxima o percurso escolar dos jovens.

Colaborámos de igual forma em algumas festividades do Lar, tais como alguns aniversários das crianças e jovens, festa de Natal, festa de S. José e atividades nas férias da Páscoa.

4. CONCLUSÃO

O estágio na OSJ foi uma experiência única para aplicar o aprendido ao longo da minha formação académica na Universidade Católica Portuguesa, mas também representa uma confrontação com as realidades encontradas no Lar, tornando-se num momento de crescimento pessoal e profissional.

Todo o tempo passado no Lar permitiu-nos observar e participar em dinâmicas até aí desconhecidas. Desta forma surge a constatação de que as crianças e jovens juntamente com os profissionais enfrentam inúmeras dificuldades, nomeadamente de cariz relacional. Deste modo, a proposta das tarefas a desenvolver durante estágio foram no sentido responder às necessidades encontradas no projeto de estágio. Todo o trabalho desenvolvido com toda a equipa revelou-se muito importante na nossa integração e intervenção junto da OSJ.

O meu trabalho como psicóloga estagiária não se resumiu apenas às tarefas delineadas no projeto. Foram realizadas atividades integradas na OSJ, nomeadamente, reuniões com o grupo Gulbenkian sobre o projeto de autonomia a ser desenvolvido neste momento no Lar. Esta atividade permitiu-nos compreender como funcionam os projetos creditados às instituições. Além disso, todas as quartas-feiras ficávamos encarregue de um grupo de jovens depois do jantar onde visualizávamos filmes em francês, momento muito aguardado pelos jovens. Foi-nos de igual forma possível assistir e participar num trabalho de equipa onde várias áreas se juntam com um só propósito, não apenas dentro da OSJ como também com a Segurança Social e CPCJ de Braga.

A observação de acompanhamentos individuais ficou muito aquém da esperada devido a problemas de logística, de facto o “Cantinho da Psicologia” ficou finalizado apenas em meados de Março e até essa data as psicólogas da OSJ não intervinham de maneira formal com as crianças e jovens. Deste modo, foi-nos apenas possível acompanhar um jovem. Assumindo uma postura profissional, responsável e ética e tendo já terminado o tempo previsto de finalização do estágio, continuamos a assegurar o acompanhamento psicológico do J., até que o processo não esteja plenamente concluído. Esses encontros contam com a supervisão da Professora Doutora Fabrizia e da Dr.^a Mafalda, uma vez por semana até concluir o processo, respeitando assim as questões éticas e deontológicas de um profissional em Psicologia da Família.

A intervenção em grupo mostrou que, por vezes, o trabalho em grupo pode ser tanto ou mais eficaz que uma intervenção individual, pois criam-se situações de união e apoio ao aceitar o outro em situação semelhante. Essa grande disposição em aceitar quem tem uma história de vida parecida gera uma maior disposição para a mudança e a integração do próprio sofrimento experiência.

No que concerne a ação de formação, essa foi uma revelação para nós. De facto, a ideia inicial era expor conteúdos sobre a resiliência familiar, mas ao planear a sessão sob forma de debate e reflexão sobre o conceito, tornou o desenvolvimento da ação ainda mais interessante. Foram levantadas questões que não teriam surgido caso a ação fosse muito direcionada como pensada anteriormente. A coesão do grupo foi também uma mais-valia nessa nossa experiência enquanto formador, pois são elementos que já estão habituados a trabalhar em conjunto e principalmente com muita capacidade de reflexão.

Durante o estágio foi notório a nossa aprendizagem em relação à nossa postura. Esta tem que ir de encontro ao nosso papel como psicólogo. Temos que estar cientes do nosso comportamento, das verbalizações que fazemos perante os outros técnicos mas também perante as famílias e as crianças e jovens. Tudo o que transmitimos, e a forma como transmitimos, irá levar a uma mensagem ao recetor e uma reflexão posterior.

No momento em que tomei conhecimento do meu local de estágio surgiu uma enorme satisfação pois sabia que outros estágios já tinham lá decorrido e que o nosso modelo de intervenção era bem aceite pelo Lar. No entanto, sabíamos que as expectativas eram elevadas devido ao excelente trabalho desenvolvido por colegas dos anos anteriores. Devido a problemas alheios não nos foi possível realizar o pré-estágio que nos permitiria fazer um levantamento de necessidades atempadamente. O início do estágio ocorreu logo no início de setembro e conseguimos recuperar o tempo “perdido”.

Nos primeiros meses a nossa adaptação foi lenta. Entramos em pleno regresso as aulas o que gera sempre muita confusão num Lar onde residem 45 crianças e jovens. A nossa orientadora local alertou para o facto de até meados de novembro essa desordem é normal o que lhe deixaria pouco tempo para trabalhar enquanto psicóloga. Em setembro tinha que entregar os CASA, processos que acompanhamos de perto mas que não poderia fazer pois não conhecíamos os jovens. Depois houve a avaliação dos PSEI e a elaboração de novos. Durante esse processo foi-nos permitido assistir e tirar notas de eventuais dúvidas. Ao mesmo tempo, estávamos já a elaborar o nosso projeto de estágio. Em janeiro já tínhamos o projeto concluído, com entrevistas e levantamento

de necessidades terminado. Em retrospectiva consideramos que um pré-estágio teria sido enriquecedor e teria ajudado na nossa integração e entrega de projeto. No entanto, os quatro primeiros meses na OSJ foram ricos em observação participante com profissionais de áreas distintas e crianças e jovens com realidades bem diferente da nossa, o que nos proporcionou um leque de novas aprendizagens.

Após a entrega do projeto sentimos que fazíamos parte integrante da equipa. A partir daí conseguimos planejar as nossas tarefas de estágio dando o nosso contributo ao Lar. O apoio prestado permitiu-nos implementar as tarefas corretamente. No que concerne a intervenção em grupo, contamos com o apoio de todos para a sua realização. A nossa orientadora ajudou-nos a preparar devidamente as sessões antes da sua implementação, os educadores de serviço permitiram aos jovens sair mais cedo das suas tarefas para poder participar na intervenção. Estes pormenores fizeram toda a diferença, pois tínhamos apoio em todos os sentidos. Em relação a ação de formação, esta conseguiu ser planeada de uma semana para a outra. De facto, aproveitamos as férias da Páscoa para a sua implementação. Visto ser um período em que todos os técnicos e educadores estariam livres dos seus afazeres fora da OSJ, o diretor técnico decretou que seria pertinente realizar a ação logo na primeira semana de férias. Devemos admitir que esta decisão repentina apanhou-nos desprevenidos, no entanto, conseguimos ultrapassar a dificuldade do tempo e facultar uma ação que foi proveitosa para todos os intervenientes.

Uma das principais dificuldades encontradas foi tentar mostrar os benefícios do modelo relacional sistémico aplicado à realidade da OSJ. De facto, não contarmos no Lar com nenhuma pessoa que tivesse uma formação com o mesmo enfoque sistémico e que pudesse orientar a nossa ação segundo a mesma, complexificou o nosso trabalho. Mas esse impedimento permitiu-nos desenvolver a nossa capacidade de reflexão. Outra dificuldade com a qual nos deparamos e que no nosso ponto de vista, deixou-nos mais pobres, foi em termos de observação de intervenção individual. Consideramos que iríamos ter tempo para observar e depois implementar, no entanto não nos foi possível. Começamos o estágio logo após as obras de remodelação, o que deixou tudo e todos em standby. Mas apesar desse contratempo, conseguimos em conjunto com a nossa orientadora local e a nossa supervisora dar a volta à situação.

O acompanhamento individual acabou por ser a tarefa mais difícil e exigente mas ao mesmo tempo gratificante que realizamos ao longo do estágio. Talvez por ser a mais aguardada de todas. Tivemos a oportunidade de contactar com a história de um

jovem que não tinha sido seguido por nenhum psicólogo anteriormente. Conseguimos aplicar instrumentos de avaliação/intervenção do modelo relacional sistémico mas também forjar uma relação de empatia, de escuta e conceber hipóteses de trabalho plausíveis de serem trabalhadas com o jovem.

Ao longo do estágio foi nos possível reunir todas as semanas com a Dr.^a Mafalda e com a Professora Fabrizia, criando deste modo as orientações pertinentes para a implementação do projeto. Além destas orientações, o Dr. Serafim (diretor técnico) e a Dr.^a Liliana (psicóloga responsável) foram fontes incansáveis de apoio e diretrizes. O estágio tornou-nos sem dúvida mais ricos tanto a nível pessoal como profissional. Alcançamos os objetivos traçados inicialmente e procuramos aplicar da melhor forma os conhecimentos adquiridos ao longo da formação e transmiti-los aos profissionais que se cruzaram no nosso caminho e que ainda se irão cruzar.

Das expetativas que tínhamos em setembro, algumas foram-se concretizando e outras não. Aprendemos a não ser tão controladores e diretivos, deixando espaço para o silêncio, pois nem tudo corre como esperamos ou planeamos.

É de ressaltar que a orientação em conjunto com mais duas colegas na Universidade Católica foi deveras proveitosa. Nesses encontros semanais conseguíamos expor o que tínhamos feito durante a semana e focar situações da realidade quotidiana para o grande interesse de todas. A partilha de opiniões e sugestões entre estagiárias foi verdadeiramente enriquecedora.

O modelo relacional sistémico olha para o ser humano dentro da sua esfera relacional e não apenas como um indivíduo. Desta forma, pretendemos continuar a aprender cada vez mais e a enriquecer a nível profissional segundo a perspetiva deste modelo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexandre, D.T. & Vieira, M.L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em estudo*, 9 (2), 207-217.
- Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto alegre: Artes médicas.
- Andolfi, M. (2003). *El coloquio relacional* (Vol. 87). Editorial Paidós.
- Andolfi, M. (2013). *A criança como recurso terapêutico*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Antunes, M. D. P. (2011). *Fatores de risco e de proteção associados à resiliência: estudo comparativo entre adolescentes que vivem com a família e adolescentes acolhidos em lar de infância e juventude*. Dissertação de mestrado em educação especial. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Araújo, R. C. S. A. & Mota, C. P. (2012). *Resiliência e auto-conceito em jovens institucionalizados: qualidade da ligação a figuras significativas*. Dissertação de mestrado em psicologia clínica. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Barrera, J. F., Ramajo, B.P. & Rosello, J. M. T. (2012). Trabajo social con familias y resiliência familiar: un analisis de la relación entre ambos conceptos. *Revista Atlantida*, 4, 91-102.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Carvalho, A.M. (2002). Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios. Em E. Lordelo, A. M. A. Carvalho & S.Koller (Orgs.), *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp.19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dalbem, J.X. & Dell’Aglío, D.D. (2008). Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. *Psico*, 39 (1), 33-40.
- Dalbem, J.X. (2005). *Características da representação do apego em adolescentes institucionalizados e processos de resiliência na construção de novas relações afetivas*. Tese de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia.

- Delage, M. (2008). *La résilience familiale*. Paris: Odite Jacob.
- Figueredo, P. D. (2005). A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação do casamento. *Ciências e Cognição*, 06, 123-132.
- Gomez, E. & Kotliarenco, M. A. (2010). Resiliencia Familiar: un enfoque de investigación e intervención con familias multiproblemáticas. *Revista de Psicología*, 19 (2), 103-132.
- Guarnieri, A. C. (2007). A comunicação no vínculo conjugal. *Escola de Comunicação e Artes de Universidade de São Paulo*.
- Hawkins-Rodgers, Y. (2007). Adolescents adjusting to a group home environment: a residential care model of re-organizing attachment behavior and building resiliency. *Children and Youth Services Review*, 29, 1131-1141.
- Humphrey, A. (2004). *The Origins of the SWOT Analysis Model*. Retirado de http://www.softex.br/portal/softexweb/uploadDocuments/_mpsbr/artExPRO2PI-MPSBR-v1p0-PDF.pdf
- Minuchin, S. (1982). *Família Funcionamento & Tratamento*, Trad de Jurema Alcides Cunha. Porto alegre: artes medicas.
- Mota, C. P. & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e auto controle. *Análise psicológica*, 2 (18), 245- 254.
- Mota, C.P & Matos, P.M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia e Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Oficina de S. José (OSJ). (2009). *Educar Para a Afetividade: Projeto Educativo Triênio 2009-2012*. Manuscrito não publicado.
- Oriente, I. & Sousa, S.M.G. (2005). O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em revista*, 11 (17), 29-46.
- Poletto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de promoção. *Estudos de Psicologia*, 25 (3), 405-416.
- Poletto, M. (2007). *Contexto ecológico de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade*. Tese de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia – Porto Alegre, Brasil.
- Santana, J., Frosi, T., Koller, S. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*. *Porto Alegre*, 16 (2), 59-70.

- Saraiva, J. E. M. (2002). Contextualizando a problemática. In: Terra dos Homens (Org.). *Cuidar de quem cuida: reintegração familiar de crianças e adolescentes em situação de rua (7-12)*. Rio de Janeiro: Booklink Publicações.
- Serra, L. I. F. & Mota, C. P. (2013). *Qualidade da relação entre irmãos e outras figuras significativas em adolescentes institucionalizados: desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes*. Dissertação de mestrado em psicologia clínica. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Siqueira, A. C. & Dell'aglio, D. D. (2010). Crianças e adolescentes institucionalizados: Desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26, (3), 407-415.
- Souza, C. L. L. & Carvalho, M. A. (2010). *Padrões transgeracionais repetitivos que incidem nas relações familiares*. Trabalho apresentado para especialização em Terapia Sistêmica de casal e família, Centro de Estudo de Família e casal, Brasil.
- Tinoco, V. (2001). *O luto de crianças institucionalizadas em casas abrigo*. Tese de mestrado, Núcleo de Família e Comunidade da Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP.
- Vinogradov, S. & Yalon, I. (1996). *Guia breve de psicoterapia em grupo*. Barcelona: Edições Paidós Ibérica.
- Walsh, F. (2005). Resiliência familiar: um marco de trabajo para la prática clínica. *Sistemas Familiares*, 21(1-2), 76-97.
- Walsh, F. (2004). *Resiliencia familiar. Estrategias para su fortalecimiento*. Buenos Aires: Amorrortu editores
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no individuo e na família. *Psicologia em Estudo*, esp, 75-84.
- Yunes, M., Miranda, A., & Cuello, S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.

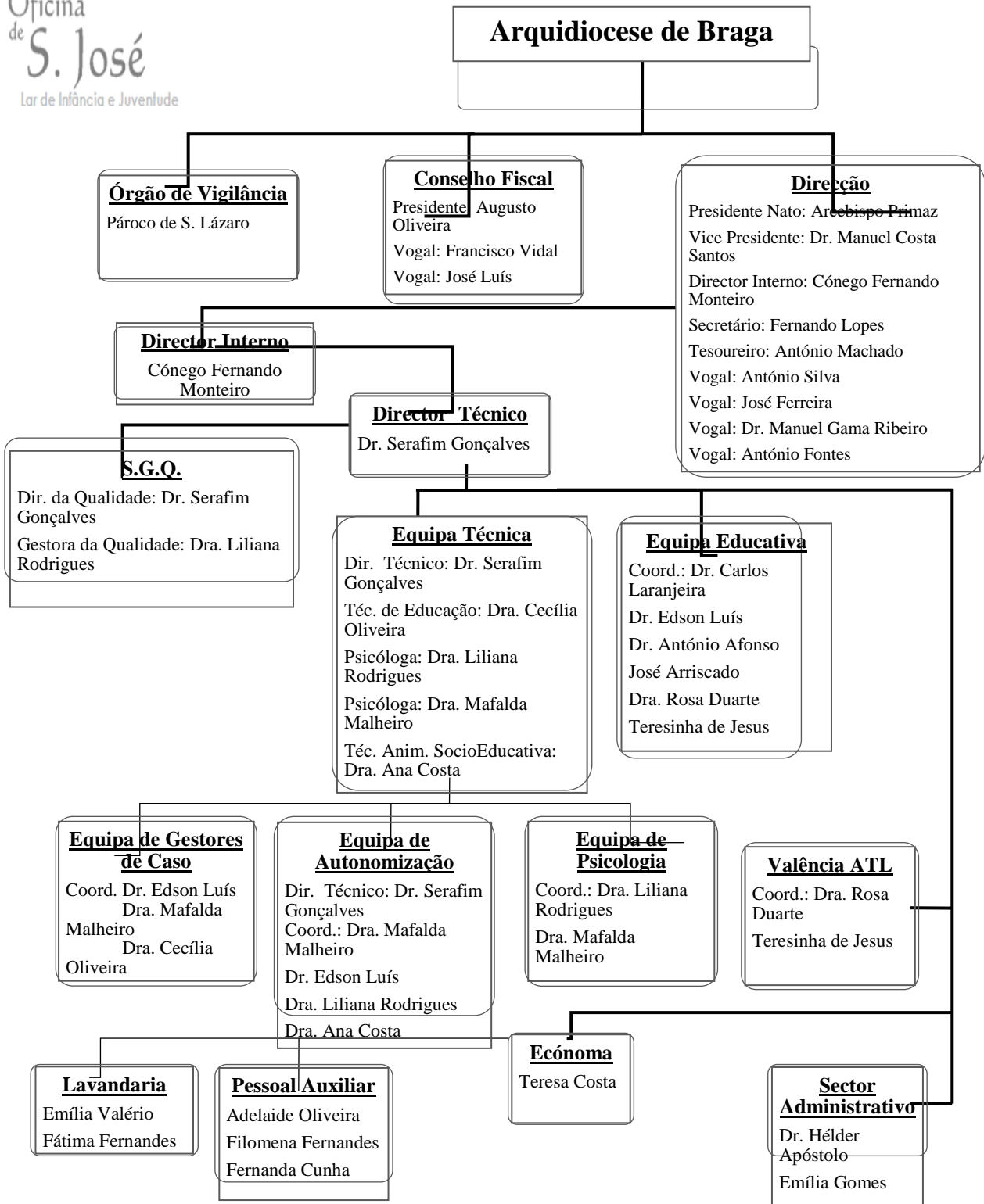
ANEXOS

ANEXO I - PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PLANO SOCIOEDUCATIVO INDIVIDUAL (PSEI)

FLUXOGRAMA		DESCRIÇÃO
Equipa Técnica	<pre> graph TD A([Análise de dados]) --> B[Definição de objectivos de desenvolvimento] </pre>	<p>O conjunto da informação recolhida (avaliação diagnóstica efectuada durante o período de acolhimento e informação recebida de outras entidades (CPCJ, Escola,...) sobre a criança/jovem acolhida(o), serve de base para a identificação das suas necessidades sociais e educativas, objecto de intervenção por parte do Lar.</p> <p>Desta informação vários aspectos há a ter em conta aquando da definição dos objectivos de cada intervenção::</p> <p>Existência de comportamento social que, pela sua gravidade exija intervenção imediata; avaliação da necessidade de definir uma ordem de prioridade para as áreas de intervenção identificadas; se a criança/jovem detém os pré-requisitos necessários para atingir os comportamentos desejados objecto de intervenção; identificação dos instrumentos a utilizar na observação e registo de resultados e frequência necessária; se a intervenção delineada é passível de implementação no Lar; necessidade de formação específica (elaboração de registos, comportamentos a adoptar, ..) dos recursos humanos envolvidos no plano (colaboradores da instituição, outras crianças/jovens da instituição); a identificação da melhor forma de "aproximação" à criança/jovem a quem o programa se destina, percebendo o que a motiva; a definição dos critérios a utilizar para determinar o grau de sucesso do plano; formas alternativas de intervenção caso o acompanhamento da execução do plano demonstre uma evolução no sentido da falha.</p> <p>A definição dos objectivos é efectuada tendo por base as competências e aquisições, os pontos fracos e análise de situações críticas, bem como os pontos fortes e a existência forças integradoras do desenvolvimento da criança/jovem (itens fundamentais de ancoragem para as intervenções a desenvolver). Os objectivos estarão orientados tanto para a promoção do desenvolvimento da criança/jovem como da própria família, capacitando-a, do ponto de vista educativo, para atingir as condições necessárias à definição de um projecto de vida adequado e viável (reintegração, integração na família alargada, adopção, integração em família de acolhimento e autonomização).</p>
Equipa Técnica (supervisão do Psicólogo)	<pre> graph TD B[Elaboração do PSEI] </pre>	<p>Após definição dos objectivos, proceder-se-á à definição das estratégias e actividades a desenvolver para os atingir.</p> <p>O PSEI poderá ser constituído por uma ou mais intervenções, consoante as necessidades identificadas: quando a criança/jovem necessita de intervenções de natureza diferente, cada intervenção dará origem a um planeamento autónomo relativamente aos restantes. Ele poderá conter as estratégias a desenvolver, no interior da instituição, com a família, na escola ou local de trabalho (projectos escolares, projectos de educação para a saúde, projectos de educação para a cidadania, etc.).</p> <p>De modo a potenciar os meios sociais, culturais e educativos disponíveis proporcionando uma educação o mais completa possível à criança/jovem acolhido e simultaneamente garantir os sucesso dos objectivos de intervenção do Lar, poderá ser necessário obter a colaboração de outras instituições ou elementos da comunidade. Estas intervenções, a realizar com outras instituições, integram o PSEI e são objecto de um Plano de Cooperação (PC).</p> <p>Faz parte do PSEI a preparação da saída das crianças/jovens do Lar (é uma das áreas objecto de intervenção). Esta intervenção é suportada pela IT.15.</p> <p>As intervenções que integram o PSEI de cada c/j (identificadas no <i>Índice de Intervenções</i>) são numeradas sequencialmente; as que resultam de um PC são identificadas com código alfanumérico composto por 2 algarismos correspondentes ao nº da intervenção (ex.:01), iniciais do primeiro e último nomes da c/j (ex.: MS) e os dois últimos algarismos do ano de realização.</p>
DI +DT	<pre> graph TD C[Aprovação] --> D(()) </pre>	<p>A Direcção do Lar procede à avaliação do PSEI, tendo em conta as necessidades e os recursos existentes. Caso identifique obstáculos, deverá encetar esforços para encontrar os meios e recursos capazes de suprir as dificuldades identificadas (formação, material pedagógico, espaço físico, ...) ou discutindo com a equipa técnica alternativas e propostas de solução, de forma a permitir a implementação e realização do plano, indicando, quando aplicável, a data em que prevê a reunião das condições necessárias para a persecução dos objectivos. A aprovação do PSEI (incluindo eventuais PC) é efectuada no próprio impresso. Sempre que a Direcção não aprove um PSEI ou sugira alterações, este facto é registado em impresso próprio (OSJ 058).</p>

FLUXOGRAMA		DESCRIÇÃO
Equipa técnica e intervenientes	<pre> graph TD Start(()) --> Implementar[Implementar] </pre>	<p>O PSEI aprovado é implementado, nos moldes estabelecidos, sendo a sua execução acompanhada pelo responsável técnico; Quando existem PC, estes são propostos às Instituições destinatárias.</p> <p>Caso se verifique a inadequação do Plano a qualquer nível (objectivo ou estratégia) ou que os resultados obtidos estejam aquém do esperado, este facto deverá ser comunicado ao coordenador que poderá decidir a sua revisão (reformulação).</p>
Equipa técnica	<pre> graph TD Implementar --> Avaliar[Avaliar] </pre>	<p>No final do tempo estabelecido para a intervenção, efectua-se a avaliação, verificando o grau de atingimento dos objectivos.</p> <p>Esta avaliação é coordenada pelo Psicólogo, participando nela todos os técnicos intervenientes na definição do PSEI. O conjunto da informação disponível, decorrente da implementação do plano, é analisada: informações do responsável pela criança/jovem, relativas à sua evolução diária face ao comportamento em causa; registos das actividades desenvolvidas no Lar ou acompanhadas por este; relatórios provenientes de outras entidades em cooperação. Estes registos estão identificados no OSJ.057 "Avaliação do PSEI".</p> <p>Os resultados desta avaliação são dados a conhecer a todos os intervenientes no processo e sempre que possível partilhados com a família da criança/jovem.</p>
Equipa técnica	<pre> graph TD Avaliar --> Dec{Objectivos cumpridos?} Dec -- Não --> Reformular[Reformular PSEI] </pre>	<p>Da avaliação podem resultar duas situações: os objectivos foram atingidos na totalidade ou os objectivos não foram alcançados. Caso ocorra a segunda hipótese, as razões do insucesso são identificadas questionando-se vários aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As capacidades da criança/jovem foram bem estimadas? • Terão os objectivos estabelecidos sido demasiado ambiciosos? • As estratégias propostas foram escolhidas de acordo com os reais interesses e capacidades da criança/jovem? • O Plano foi aplicado com a consistência exigida? • O método foi o adequado?
Equipa Técnica	<pre> graph TD Dec -- Não --> Reformular[Reformular PSEI] Reformular --> Implementar </pre>	<p>Após identificação das causas de insucesso, o PSEI (incluindo eventuais PC) deverá ser novamente elaborado corrigindo-se as variáveis que contribuíram para a ausência de sucesso da intervenção.</p>
Equipa Técnica	<pre> graph TD Reformular --> Validar[Validar PSEI] </pre>	<p>Da avaliação realizada pode resultar a necessidade de reelaborar um novo plano com alterações de objectivos e/ou estratégias.</p> <p>Os comportamentos/competências adquiridas são objecto de acompanhamento até ser considerado necessário.</p>

ANEXO II – Organograma da OSJ



ANEXO III – Programa de acolhimento inicial

Oficina
de S. José

Programa de Acolhimento Inicial

IT. 07

OBJECTIVO

Definir as directrizes gerais para a implementação do programa de acolhimento de crianças e jovens.

RESPONSABILIDADES

Gestor de caso

DESCRIÇÃO

Este programa destina-se a favorecer e facilitar a integração da criança/jovem acolhida, procurando-se para tal a familiarização com os adultos e pares da Instituição, conhecimento das regras e rotinas bem como a identificação e a organização do espaço pela criança.

Para que tal se concretize, é essencial o papel do gestor de caso (previamente definido), tornando-se imperioso a colaboração de todos os elementos das equipas técnica, educativa e demais colaboradores da Instituição.

A proximidade com as outras crianças/jovens, é igualmente, essencial para a integração da criança recém-acolhida. Estabelece-se, para tal, um grupo de crianças/jovens com um perfil considerado adequado para favorecer a integração de uma nova criança- Grupo de Apoio.

Refira-se, ainda, que para facilitar a integração na escola o gestor de caso contacta o D.T., prestando informação pertinente para promover uma melhor resposta pedagógica à criança/jovem.

1º dia-

Aquando da chegada de uma nova criança/jovem ao Lar, e com a colaboração do/s elementos da Equipa de Acolhimento presentes nesse horário, faz-se a apresentação ao grupo de crianças que se encontrem no Lar procurando-se, ainda, que a mesma seja integrada na actividade/rotina que esteja a decorrer no momento.

A apresentação ao grande grupo faz-se no período em que todas crianças/jovens estão na Instituição- no momento da reflexão antes do jantar "Roda", através de uma dinâmica de "Quebra Gelo", em que cada elemento faz a sua apresentação. A nova criança é apresentada por um elemento da Equipa de Acolhimento, com quem conviveu durante o dia.

Após o jantar é feita a apresentação do quarto, a partir de um elemento que esteja no mesmo espaço e que é destacado previamente para o mostrar responsabilizando-o, ainda, para apoiar mais de perto o novo elemento.

2º dia-

A criança é integrada nas dinâmicas e rotinas, com uma atenção especial por parte dos adultos (educadores) e elementos do Grupo de Apoio que estejam presentes.

A partir da informação recolhida na entrevista inicial (nomeadamente o tipo de refeição favorita), marca-se, previamente, a refeição/jantar, para o 2º dia de acolhimento, de acordo com os gostos pessoais da criança, fazendo-se essa referência a todo o grande grupo na hora do jantar procurando-se, desta forma, favorecer a integração da mesma.

O G.C manterá contactos diários com a criança/jovem, durante o primeiro mês.

ANEXO IV – Brochura de acolhimento

Rotinas

De manhã acordamos e cuidamos da higiene pessoal. Depois de tomar o pequeno-almoço vamos para a escola ou ficamos no Lar (conforme o horário de aulas), onde estudamos e brincamos.



Almoçamos todos juntos e convivemos com os amigos.

De tarde regressamos à escola.

Ao fim da tarde, voltamos para o Lar e participamos em várias actividades lúdicas e brincadeiras (futebol; jogos; T.V; Clubes de Teatro; Música; Expressões Plásticas).

Também estudamos e fazemos os t.p.c, com a ajuda dos educadores e voluntários.

Jantamos com os colegas e, no final, colaboramos na arrumação do refeitório com o apoio dos educadores.

À noite, preparamos a mochila e terminamos os t.p.c ou o estudo para os testes.

Por fim, vamos dormir.

Actividades

- Estudar e aprender
brincar com os
- Praticar vários
escolas de futebol,
fazemos torneios
jovens ;



coisas novas Conviver e
colegas;
desportos (fazer parte de
andebol,natação) e
com outras crianças e

-Participar no Grupo de Teatro;

-Aprender músicas novas e tocar instrumentos musicais;

- Usar a criatividade em actividades de expressão plástica;
- Fazermos convívios, passeios e colónias de férias
- Praticamos desportos no salão de jogos;

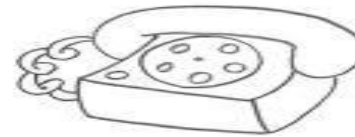
Princípios e regras

- Somos um grupo/equipa que tem por base princípios como o respeito, a amizade, a partilha e a entre-ajuda;
- Devemos cuidar o espaço e os bens de cada um;
- Participar nas tarefas e actividades do Lar;

Direitos das crianças/jovens

- * Crescer num ambiente de respeito, afecto e apoio;
- * Ter oportunidade para fazer brincadeiras e novas aprendizagens;
- * Manter contacto com a família e pessoas amigas;
- *Ter o seu espaço e pertences;
- * Ser feliz;





Rua do Raio nº 75
4710-923 Braga

Tel: 253609100

Fax: 253609104

Correio electrónico:

oficina.s.jose.lar@hotmail.com

Deveres

- * Respeitar as outras crianças/jovens e os adultos;
- * Respeitar as regras do Lar e o seu funcionamento;
- * Participar nas actividades e rotinas
- * Cumprir os horários estabelecidos;

Direitos das famílias

- * Conhecer as dinâmicas e normas do Lar;
- * Ser ouvida e respeitada;
- * Estar a par da trajectória da criança/jovem na Instituição e do que se pretende desenvolver junto dela (PSEI);
- * Ser acompanhado com vista à melhoria das suas condições;

Deveres

- * Respeitar as regras e normas de funcionamento do Lar;
- * Respeitar as crianças/jovens e os adultos;
- * Cumprir os horários, responsabilidades e objectivos definidos;
- * Oferecer condições para o bem-estar da criança/jovem



ANEXO V – Plano de atividades 2013/2014

A definir	<ul style="list-style-type: none"> • “Ponto de partida” 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar as boas vindas ao novo ano letivo motivando as crianças e jovens para os desafios que se avizinham; • Proceder a uma breve apresentação do plano de atividades para o novo ano; • Explanar todas as regras, horários e dinâmicas diárias a ter em conta nos comportamentos no quotidiano individual; • Consciencializar para o esforço e trabalho individual no desenvolvimento da autonomia de cada um. 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição de regras básicas de funcionamento e logística da casa; • Elaboração de um powerpoint com toda a informação pertinente; • Reunião geral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas técnica e educativa; Equipa auxiliar; • Equipamento e suportes informáticos e de multimédia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no Lar de Infância e Juventude (LIJ)
Durante o mês de Setembro	<ul style="list-style-type: none"> • “Prepara-te para a escola” 	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar os materiais e manuais escolares necessários para cada criança/jovem integrado quer no ensino regular quer no profissional; • Envolver as crianças e jovens na organização dos seus materiais escolares, responsabilizando-as pela conservação e manutenção dos mesmos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma lista do material necessário de acordo com as necessidades de cada um, o ano de escolaridade e os pedidos dos professores; • Organizar e distribuir os materiais em conjunto com cada criança/jovem estudante, 	<ul style="list-style-type: none"> • Rosa Duarte; Teresa Costa; Educadores. • Livros escolares; suportes e material de escrita; materiais de matemática e geometria; mochilas; capas/micas arquivadoras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ integrados no ensino regular e profissional.

<p>1 vez por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Catequese 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a integração de algumas das nossas crianças/jovens na catequese da Paróquia; • Conhecer a cultura e vivência cristã; • Responsabilizar cada um pelo compromisso assumido com a catequese através da assiduidade, cumprimento de horários e tarefas estipuladas pelos catequistas; • Participar ativamente nas atividades programadas pela catequese. 	<p>fazendo o devido registo no impresso do Material Escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Integração na paróquia; • Assegurar que outras atividades não colidam com o horário da catequese. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rosa Duarte; Educadores; Catequistas; Pároco; • Catecismos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ inscritas na catequese.
<p>De 2 em 2 meses</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “People! Mudei a casa!” 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade, a imaginação e o gosto pela decoração; • Promover a participação das crianças e jovens na decoração dos diferentes espaços, potenciando o sentido de pertença, zelando pelo seu bom estado de conservação e estética; 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento das crianças e jovens; • Práticas de expressão plástica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa; Rosa Duarte e Teresinha de Jesus; • Crianças e Jovens da Instituição; • Materiais de expressão plástica variados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p>Todos os dias (2ª a 6ª)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de Estudo 	<ul style="list-style-type: none"> • Explorar a vertente dinâmica dos vários espaços. • Acompanhamento das crianças e jovens nas 	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento individualizado; • Planos pedagógicos (fichas, exercícios, jogos); 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas Técnica e Educativa; • Voluntários; • Materiais pedagógicos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as Crianças e Jovens estudantes acolhidos no LIJ.

<p style="text-align: center;">Ao longo do ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nós na Internet 	<p>tarefas escolares, promovendo o desenvolvimento das suas competências individuais;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover o gosto pelo estudo; • Fomentar a partilha de saberes entre crianças e jovens, de forma a que aqueles que apresentam melhor desempenho escolar ajudem os que têm mais dificuldades; • Trabalhar no sentido de tornar cada criança e jovem mais autónomo na gestão do tempo e tarefas de estudo; • Promover a colaboração de voluntários no apoio ao estudo individual e grupal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Colaboração de Voluntários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Edite Value; Voluntários; Equipas Técnica e Educativa; • Material informático. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ. • Todos os Colaboradores e voluntários do LIJ; • Comunidade em geral.
<p style="text-align: center;">Ao longo do ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu Aniversário” 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar uma equipa de colaboradores responsáveis pela dinamização e atualização do sítio do LIJ que possibilite, também, a participação e envolvimento das crianças e jovens; • Dar a conhecer a história da Oficina de S. José, assim como o seu modelo pedagógico; • Divulgar as atividades realizadas, promovendo um espaço de partilha de experiências com a comunidade; • Dar a conhecer e partilhar com outros lares o projeto de Autonomia que o nosso LIJ está a implementar. • Celebrar o aniversário de cada criança e jovem, promovendo um momento especial dedicado ao aniversariante e aos seus amigos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar uma equipa de colaboradores; • Incentivar o envolvimento de todos; • Articulação com os nossos voluntários. • Colocar as datas de aniversário de cada um no plano mensal de atividades; • Fazer uma festa ao gosto do aniversariante; • Oferecer um presente e 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestores de Caso; Equipa Educativa; Cooperativa João Paulo II. • Bolo de aniversário; presente de aniversário (plafond de 5€); prato favorito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.

<p>De 2 em 2 meses</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Placard Interativo 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar cada criança e jovem na sua individualidade, fortalecendo a sua auto-estima; • Envolver cada criança e jovem na preparação do seu dia de aniversário. 	<p>confeccionar o prato favorito.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Afixação de vários conteúdos relacionados com o tema; • Reservar um espaço dedicado à escrita de opiniões e/ou sugestões; • Decoração apelativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa; • Placard; materiais de artes plásticas; afixadores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; • Todos os colaboradores e voluntários do LIJ.
<p>De 2 em 2 meses</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Valores de todas as cores 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um espaço dedicado ao tema bimensal, expondo e divulgando as atividades realizadas e os seus produtos; • Criar um espaço de opinião, promovendo a participação e protagonismo das crianças e jovens; • Potenciar a participação de todos os colaboradores, através das suas ideias e opiniões, fomentando uma boa interação com as crianças e jovens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sortear um valor a cada dois meses; • Destinar um placard ao valor bimensal onde cada um poderá participar com opiniões, histórias e informações; • Dedicar um momento da semana ao valor bimensal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas Técnica e Educativa; • Placard; materiais de escrita e desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p>Pelo menos 1x por mês</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu e a PASEC” 	<ul style="list-style-type: none"> • Sortear um valor para ser dinamizado bimensalmente; • Desenvolver um processo dinâmico e transformador, flexível e integrador, de aprendizagem e aperfeiçoamento de valores morais universais; • Potenciar o crescimento de cada criança e jovem baseado em valores íntegros, sólidos e coerentes formadores de personalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Método: Ver, Julgar e Agir; • Simbologia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Teresa Costa; • PASEC; • Crianças e jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ que estejam interessados.

<p>Ao longo do ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto “Autonomia” 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um espaço de partilha e reflexão, utilizando dinâmicas próprias da Animação Socioeducativa e Cultural; • Potenciar o intercâmbio com outros grupos, assim como a participação em várias atividades promovidas pela PASEC; • Trabalhar o sentido de pertença a um grupo através de dinâmicas de confiança, auto-conhecimento e conhecimento do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão; • Intercâmbios; • Atividades de animação. 	<p>dos grupos da PASEC.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p>Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Clube de Teatro 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover práticas que desenvolvam competências individuais, sociais e culturais tendo em vista o processo gradual de autonomização; • Promover metodologias didáticas e participativas, centradas nas Crianças e Jovens, nos seus interesses, necessidades e competências; • Desenvolver processos que promovam atitudes e comportamentos de autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ações de formação; • Grupos de trabalho; • Criação de um dossier individual; • Aplicação do Programa Umbrella. • Integrar o conceito autonomia em todas as dinâmicas e atividades diárias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipa de autonomia; • Equipas técnica e educativa; • Equipa de auxiliares; • Voluntários; • Materiais pedagógicos; suportes e material de escrita; capas arquivadoras; • Instrumentos de multimédia; • Programa Umbrella. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ inscritos no clube de Teatro.
<p>Pelo menos 1x por semana</p>			<ul style="list-style-type: none"> • Técnicas de expressão dramática e corporal; • Dinamização de peças de teatro; • Ensaios semanais. 	<ul style="list-style-type: none"> • António Fernando e Adélia. • Adereços teatrais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e

<p>Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atelier de Música 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a expressão artística através de técnicas de expressão corporal e dramática; • Potenciar o desenvolvimento de competências individuais, relacionais e de autonomia; • Promover a auto-estima e a capacidade de representação dos atores; • Desenvolver e ensaiar peças de teatro, promovendo a apresentação das mesmas sobretudo nas atividades estruturantes do LIJ. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender um instrumento musical; • Aprender e ensaiar músicas; • Ensaios semanais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Gomes; • Instrumentos musicais variados. 	<p>jovens do LIJ inscritos no atelier de Música.</p>
<p>Ao longo do ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina da Culinária 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver competências musicais através da aprendizagem e experimentação de vários instrumentos de música; • Estimular o gosto musical através da promoção de atuações do grupo em momentos festivos. • Explorar algumas possibilidades e/ou Parcerias que permitam ao grupo otimizar a sua aprendizagem; • Envolver o grupo na organização e dinamização do seu próprio programa de ação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar e confeccionar várias receitas; • Jantares convívio do grupo; • Fazer sobremesas para toda a comunidade educativa; • Livro de receitas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa e Natércia Oliveira; • Utensílios de cozinha; ingredientes alimentares; máquina fotográfica; capa arquivadora; cola e papel; computador e impressora. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ inscritos na Oficina da Culinária.
<p>Aos Sábados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ações de formação 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um espaço que permita a aquisição de conhecimentos básicos de cozinha; • Aprender e experimentar várias técnicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Primar por ações de formação ativas e participativas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas Técnica e educativa; • Convidados; Voluntários; 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.

<p style="text-align: center;">Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Natação • Futebol 	<p>culinárias, promovendo a aquisição de competências básicas para o dia-a-dia de uma vida autónoma;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover alguns dias dedicados à gastronomia através da elaboração de algumas refeições; • Criar um livro de receitas com base nas aprendizagens e nos produtos finais de cada dia. <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver ações de formação subordinadas aos temas bimensais; • Promover a participação de todos num processo coletivo de formação e reflexão; • Apostar nas ações de formação como meio de prevenção, informação e aquisição de competências úteis para as várias vertentes da vida de cada um, promovendo o desenvolvimento da sua autonomia. <ul style="list-style-type: none"> • Promover a prática desportiva, desenvolvendo o gosto pelo desporto, nomeadamente a natação; • Fomentar hábitos de vida saudáveis, tendo em conta que estes devem fazer parte de uma vida autónoma; 	<ul style="list-style-type: none"> • Usar audiovisuais, jogos e materiais relacionados com a ação. • Parceria com a Câmara Municipal de Braga; • Jogos aquáticos. • Dar a conhecer a panóplia de clubes em que podem ser inscritos; • Exercícios de coordenação motora e de técnica; • Torneios intra e extra LIJ; • Fazer interligação entre o desporto e ações de formação realizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de escrita; audiovisuais; • Equipa Educativa; Câmara Municipal de Braga; • Carrinha; calção de banho, touca, chinelos, toalha, produtos de higiene pessoal. • Paulo Gomes; Educadores. • Clubes desportivos; • Equipamento e material desportivo; • Carrinha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ que ficam no mesmo durante o fim-de-semana. • Todas as crianças e jovens do LIJ que estejam interessados. • Todas as crianças e jovens do LIJ inscritos no rugby.
<p style="text-align: center;">Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rugby 				

<p>Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Capoeira 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a prática desportiva através da inscrição de algumas crianças e jovens nos clubes desportivos, potenciando uma melhor integração na comunidade através do convívio com outras crianças e jovens; • Possibilitar às crianças e jovens que não pertencem a nenhum clube desportivo a prática de futebol no LIJ, através de treinos semanais; • Desenvolver o gosto pelo desporto, fomentando valores como o fair-play, espírito de equipa e assimilação de regras; • Promover hábitos de vida saudáveis; • Fomentar o sentido de pertença, explorando as suas competências pessoais e de autonomia, valorizando-as; 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer as regras e estratégias da modalidade; • Treinos semanais; • Torneios extra-LIJ; • Fazer interligação entre o desporto e ações de formação realizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedro Aguilár; Universidade do Minho; • Equipamento e material desportivo; • Carrinha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ que estejam interessadas.
<p>Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Hora da Ginástica” 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a prática desportiva, desenvolvendo o gosto pela mesma, experimentando e aprendendo um desporto diferente, nomeadamente o rugby; • Trabalhar valores como o fair-play, espírito de equipa e assimilação de regras, testando algumas competências de autonomia; • Fomentar hábitos de vida saudáveis; 	<ul style="list-style-type: none"> • Exercícios de coordenação motora e de técnica; • Experimentar os instrumentos musicais típicos da capoeira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prof. Moacir; Ana Costa; Educadores de serviço; • Roupa desportiva; rádio; carrinha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças, jovens e colaboradores do LIJ que quiserem participar.
<p>Pelo menos 1x por semana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho jeito para isto” 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a prática desportiva, desenvolvendo o gosto pela mesma, experimentando e aprendendo um desporto diferente, nomeadamente o rugby; • Trabalhar valores como o fair-play, espírito de equipa e assimilação de regras, testando algumas competências de autonomia; • Fomentar hábitos de vida saudáveis; 	<ul style="list-style-type: none"> • Visionamento de vídeos de aulas de exercícios; • exercício ao ar livre; Corridas e caminhadas; • Testes que avaliem a evolução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa e Edson Luís; • Materiais e suportes de multimédia; • Equipamento desportivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ que estejam
<p>De 3 em 3 meses</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho jeito para isto” 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o desenvolvimento de aptidões físicas naturais, destacando-se a coordenação 	<ul style="list-style-type: none"> • Testes que avaliem a evolução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipamento desportivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ que estejam

<p style="text-align: center;">Pelo menos 1x por trimestre</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Repórteres em Ação” 	<p>motora;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover a socialização e o desenvolvimento de hábitos salutareos importantes para o desenvolvimento da autonomia de cada um; • Conhecer a modalidade da capoeira, aprendendo as músicas tradicionais e o manuseamento dos vários instrumentos. • Promover um espaço dedicado à prática de exercício numa perspectiva de educar para a atividade física regular; • Fomentar a participação dos colaboradores do LIJ promovendo o convívio saudável e relações de proximidade, uma vez que funcionam como exemplo e motivação para as crianças e jovens; • Formar um grupo que desenvolva o gosto pela prática de exercício estimulando sentimentos de pertença. • Proporcionar a cada criança e jovem a escolha de uma atividade de acordo com os seus gostos e aptidões, tendo em conta o leque de oferta; 	<ul style="list-style-type: none"> • Parcerias com organizações ligadas ao desporto e artes recreativas ou até mesmo voluntários; • Dança; desporto; teatro. • Recrutar “pequenos repórteres” para cada edição; • Trabalhar e conhecer técnicas de expressão escrita; • Conhecer e aprender truques próprios da comunicação “jornalística”; • Envolver a comunidade educativa e colaboradores do LIJ. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas técnica e educativa; • Adágio Estúdio de Dança; Basquetebol SCBraga; Tin-Bra. • Edson Luís; Crianças e jovens solicitados pelo coordenador; • Material informático e digital; suportes e materiais de escrita; internet. 	<p>interessados.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ. • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p style="text-align: center;">1x de 2 em 2 meses</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “A Hora do Conto” 				

<p>31 Out.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Cinema na Praça” 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a oportunidade de poderem experimentar um grupo variado de atividades; • Fomentar o sentido de responsabilidade e compromisso no sentido de não desistirem à primeira contrariedade. • Formar um grupo de crianças e jovens que dinamizem o Jornal da Oficina de S. José de forma autónoma e supervisionada por um adulto; • Divulgar as atividades dinamizadas no LIJ e abordar temas do interesse comum, promovendo um espaço de partilha de experiências com o mundo; • Criar rubricas que expressem os gostos e interesses de todos; • Despertar o interesse pelos meios de comunicação e explorar a vertente jornalística; • Aprender técnicas de expressão escrita desenvolvendo competências de literacia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Convidar pessoas para dinamizarem a hora do conto; • Levar a hora do conto para outros locais; • Incentivar os rapazes a dinamizarem a hora do conto. • Criar um ambiente descontraído; • Projeção dos filmes em tela gigante; • Escolher os filmes consoante os temas que se pretendem abordar; • Impulsionar a reflexão crítica; • Esporadicamente, distribuir uns aperitivos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Equipas Técnica e Educativa; • Possíveis parcerias: Centésima Página; Prof. Castanheira; Machado; outros convidados; • Livros variados; • Ana Costa; • Filmes; suportes e materiais informáticos; mantas, almofadas e cadeiras; bebidas e aperitivos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p>12 Nov.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Halloween 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um espaço dedicado à leitura de uma história de forma dinâmica e interativa; 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de expressão 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa, Rosa Duarte; • Materiais de 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ presentes no momento da atividade.
<p>19 Dez.</p>					

<p style="text-align: center;">5 Março</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Magusto • Festa de Natal 	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a participação de todos reforçando que ler é bom em todas as idades; • Incentivar o gosto pela leitura, de forma a que esta não seja encarada como uma obrigação escolar; • Introduzir o hábito da leitura como forma de enriquecimento individual, numa perspetiva de que bons hábitos favorecem o ser autónomo. • Dinamizar uma sessão de cinema relacionada com o tema bimensal, seguida de “dois dedos de conversa” em ambiente descontraído e informal; • Explorar e desenvolver o sentido crítico de cada um através da análise e apreciação dos filmes em grupo; • Fomentar o gosto pelo cinema como forma de ampliar horizontes, tendo em conta que todas as experiências são promotoras do desenvolvimento da autonomia de cada um. 	<p>plástica: desenhos e construção de abóboras;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pinturas faciais; • Jogo “Caça ao doce”. <ul style="list-style-type: none"> • Jogos tradicionais competitivos; • Jantar convívio entre toda a comunidade educativa. <ul style="list-style-type: none"> • Celebração Eucarística preparada com a colaboração das crianças e jovens; • Sarau recreativo preparado pelas crianças e jovens; • Jantar convívio entre toda a comunidade educativa, direção e voluntários do 	<p>expressão plástica; abóboras; materiais de corte; materiais de pintura facial; disfarces; velas; guloseimas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa; Equipa de Auxiliares; • Materiais reutilizáveis; bens alimentares; assadores; mesas; utensílios descartáveis; aparelho de som. <ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa; Colaboradores do LIJ • Equipamento informático e digital; Sistema de som; Materiais de expressão plástica; adereços; • 15€ para compra de um presente para cada 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; • Colaboradores e voluntários do LIJ. • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; • Todos os Colaboradores do LIJ; • Direção do LIJ; • Todos os voluntários do LIJ. • Todas as crianças e jovens do LIJ presentes no momento da
<p style="text-align: center;">19 Março</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Carnaval 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver uma dinâmica que permita vivenciar algumas das brincadeiras típicas deste dia; 			

<p>20 Março</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O Dia do Pai 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolver as crianças e jovens na organização da atividade promovendo competências de autonomia. 	<p>LII;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrega de um presente a cada criança/jovem. 	<p>criança/jovem.</p>	<p>atividade.</p>
<p>Març/Abr</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Festa de S. José 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e reviver as tradições e património cultural, através de alguns jogos tradicionais e de um arraial minhoto; • Promover um convívio saudável entre as crianças/jovens e os colaboradores do LIJ; • Envolver as crianças e jovens na logística de toda a atividade, promovendo práticas de autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de expressão plástica; • Concurso; • Prémio para os vencedores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa, Rosa Duarte; • Materiais de expressão plástica; disfarces; pinturas faciais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ.
<p>Maio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 125 Anos a Educar! 	<ul style="list-style-type: none"> • Assinalar a época Natalícia através da Celebração Eucarística no LIJ preparada em interação com as crianças e jovens; • Promover um momento de convívio entre a comunidade educativa, a direção do LIJ, os voluntários e colaboradores, através da apresentação de um programa cultural e recreativo, preparado pelas crianças e jovens; • Potenciar as relações inter-pessoais, estimulando valores de respeito, civismo e solidariedade; • Valorizar cada criança e jovem na sua 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de expressão plástica criativa; • Personalizar cada trabalho; • Troca de ideias sobre o tema. • Celebração Eucarística preparada com a colaboração das crianças e jovens; • Sarau recreativo preparado pelas crianças e jovens; • Jantar convívio 	<ul style="list-style-type: none"> • Rosa Duarte e Teresinha de Jesus; • Materiais de expressão plástica. • Ana Costa; • Colaboradores do LIJ; • Equipamento informático e digital; Sistema de som; Materiais de 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; • Todos os Colaboradores do LIJ; • Direção do LIJ; • Todos os voluntários do LIJ. • Profissionais da área

<p>4 Maio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Todos juntos no Desporto” 	<p>individualidade, através da entrega de um presente a seu gosto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover um momento de convívio entre as crianças e jovens e os colaboradores do LIJ; • Potenciar o espírito criativo de cada um, quebrando barreiras de inibição perante os outros; • Evidenciar que até nas mais pequenas e simples atividades podemos adquirir conhecimentos que nos tornam mais autónomos. 	<p>entre toda a comunidade educativa, direção e voluntários do LIJ.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Workshops práticos 	<p>expressão plástica; adereços;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equipas técnica e Educativa; Catarina Tomás; • Instituições parceiras com fins similares; • Oradores convidados 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; • Colaboradores e voluntários do LIJ.
<p>1 Junho</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O Dia da Mãe 	<ul style="list-style-type: none"> • Assinalar o Dia do Pai através da elaboração de pequenas lembranças para cada criança e jovem (se assim o quiser) oferecer ao seu Pai (ou alguém significativo); • Refletir sobre o que é ser pai, tendo em conta os itens de trabalho do projeto de autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação da prática desportiva; • Participação de todos os colaboradores (masculinos e femininos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ana Costa; • Professores de ginástica voluntários; • Material e equipamento desportivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens do LIJ que estejam interessados.
<p>Junho</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O Dia Mundial da Criança 	<ul style="list-style-type: none"> • Assinalar o aniversário da Oficina de S. José, lembrando o seu Santo Padroeiro e solenizar o dia através de uma celebração Eucarística preparada em conjunto com as crianças e jovens; 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de expressão plástica criativa; • Personalizar cada 	<ul style="list-style-type: none"> • Rosa Duarte e 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as crianças e jovens acolhidos no

<p>A definir</p> <p>Julho</p>	<ul style="list-style-type: none"> Mundialito.Com – “Desafia a tua Autonomia” “100 Fronteiras” Férias na Praia 	<ul style="list-style-type: none"> Promover um momento de convívio entre a comunidade educativa, a direção do LIJ, os voluntários e os colaboradores através da apresentação de um programa cultural e recreativo, preparado pelas crianças e jovens; Potenciar as relações inter-pessoais, estimulando valores de respeito, civismo e solidariedade; Comemorar os 125 anos do LIJ. Assinalar os 125 anos da Instituição através da preparação de umas jornadas de trabalho promotoras de troca de experiências e reflexão que sejam enriquecedoras para o nosso trabalho; Dinamizar um final de tarde dedicado a várias práticas desportivas promovendo a participação de toda a comunidade educativa; Fomentar o convívio saudável e relacionamento de proximidade através do desporto; Promover a prática desportiva como base importante de uma vida saudável, assumindo os adultos um exemplo de incentivo e 	<p>trabalho;</p> <ul style="list-style-type: none"> Troca de ideias sobre o tema. Jogos de equipas; Jantar especial; Convívio noturno. Competição entre equipas; Adaptação de algumas regras básicas; Divisão dos escalões por faixa etária; Intercâmbio com outras crianças/jovens; Prémios de participação para todas as equipas. Viajar e conhecer novos lugares; Optar por um programa que 	<p>Teresinha de Jesus;</p> <ul style="list-style-type: none"> Materiais de expressão plástica. Ana Costa e Rosa Duarte; Materiais pedagógicos; material informático e de som. Ana Costa; Equipamento e materiais desportivos; Lanche. 	<p>LIJ;</p> <ul style="list-style-type: none"> Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; Crianças e jovens de outros LIJ. Todas as crianças e jovens acolhidos no LIJ; Colaboradores e voluntários do LIJ. Todas as crianças e
---	---	--	---	---	--

		<p>motivação para as crianças e jovens;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reforçar a ideia de que um estilo de vida saudável ajuda-nos a crescer em autonomia. • Assinalar o Dia da Mãe através da elaboração de pequenas lembranças para cada criança e jovem (se assim o quiser) oferecer à sua Mãe (ou alguém significativo); • Refletir sobre o papel da mãe para o crescimento individual tendo em conta os itens de trabalho do projeto de autonomia. • Assinalar o Dia Mundial da Criança com atividades desportivas e lúdico-recreativas; • Celebrar o dia e valorizar cada criança na sua individualidade; • Proporcionar o intercâmbio com outras crianças e jovens através de um torneio na modalidade de futebol; • Propiciar o reencontro de amigas criadas, potenciando o nascimento de outras, sem esquecer o espírito desportivo e de fair-play; • Fomentar o espírito autónomo de cada um assumindo atos responsáveis, de fair-play e trabalho em equipa. 	<p>conjugue a vertente cultural e lúdico-recreativa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sessão de esclarecimento acerca das regras e cuidados a ter na praia; • Divisão de todas as crianças/jovens em grupos mais reduzidos; • Planeamento de atividades diárias. 	<p>• Edson Luís e Mafalda Malheiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2000€ • Equipa Técnica e Educativa; • Teresa Costa; • Para -ventos; guarda-sóis; brinquedos; protetor solar; toalhas de banho; calções de banho; malas térmicas; utensílios de cozinha; bens alimentícios; carrinha; autocarro. 	<p>jovens acolhidos no LIJ.</p>
--	--	---	---	--	---------------------------------

		<ul style="list-style-type: none">• Proporcionar um dia ou um fim de semana especial através da visita e conhecimento de novos lugares;• Fomentar as relações entre as crianças e jovens e fortalecer os laços afetivos destas com os funcionários do LIJ;• Alargar os horizontes geográficos das crianças e jovens. <ul style="list-style-type: none">• Fomentar o convívio e a vivência da época balnear;• Desenvolver atividades lúdicas que trabalhem pequenas questões de autonomia de forma divertida e interativa;• Promover a integração dos educandos admitidos para o ano letivo seguinte;• Promover a integração de estagiários para o ano letivo seguinte.			
--	--	--	--	--	--

ANEXO VI – Papel do psicólogo

Nome da Função/Cargo

Psicólogo

Substituto

Outro psicólogo

Perfil / Competências Mínimas

- Licenciatura em Psicologia e Inscrição na ordem dos psicólogos;
- Gosto pelo trabalho em equipa;
- Polivalência;
- Flexibilidade;
- Experiência na função de um ano;
- Maturidade Pessoal;
- Gosto e apetência para trabalhar na área da infância e juventude;

Funções/Responsabilidades e Autoridade

- Estuda o comportamento e os mecanismos mentais das crianças e jovens e procede a investigações sobre problemas psicológicos em domínios tais como o fisiológico, social, pedagógico e patológico;
- Estuda os problemas resultantes das relações interpessoais das crianças/jovens acolhidos analisando as perturbações internas e relacionais que as afectam;
- Investiga os factores diferenciais quer biológicos, ambientais e pessoais do seu desenvolvimento, assim como o crescimento progressivo das capacidades motoras e das aptidões intelectivas e sensitivas;
- Procede ao apoio e acompanhamento psicológico das crianças internas;
- Avaliações e intervenções psicológicas;
- Promoção a nível do estudo;
- Apoio ao estudo;
- Acompanhamento das crianças junto do Director/Coordenador de turma;
- Realização da avaliação diagnóstica em contexto institucional (cognitivo, comportamental, afectivo ...);
- Supervisionar a elaboração dos PSEIs e coordenar a sua avaliação;
- Realizar orientações vocacionais;
- Elaboração de relatórios psicológicos para envio a entidades competentes;
- Apoio na elaboração do Plano de Actividades, sempre que solicitado;
- Apoio no acolhimento (nomeadamente na identificação de comportamentos significativos);
- Acompanhamento nas visitas de estudo, sempre que solicitado;
- Participar na organização do PI, sempre que solicitado pelo Gestor de Caso;
- Efectuar a avaliação psicológica dos colaboradores da Instituição reportando necessidades de acompanhamento à Direcção Técnica;
- Outros trabalhos designados pelo superior hierárquico.

ANEXO VII – Guião entrevista semiestruturada

Participantes: Crianças e Jovens da Oficina São José (OSJ)

Objetivos:

- Compreender a experiência da vivência das crianças/jovens acolhidos na Instituição;
- Identificar constrangimentos e potencialidades da vida na OSJ;
- Perceção por parte das crianças e jovens do trabalho desenvolvido pelos profissionais;

Apresentação

Gostaria de agradecer a tua disponibilidade nesta entrevista, sendo que os dados obtidos serão utilizados para perceber a tua experiência do dia-a-dia no OSJ e quais as necessidades do Lar neste momento, segundo a tua opinião. A participação é voluntária e pode ser, a qualquer momento, suspensa, sem necessidade de apresentar razões. Todas as questões de confidencialidade serão cumpridas.

Guião:

- 1- Há quanto tempo estás no colégio?
- 2- Como foram os primeiros dias no colégio?
- 3- Durante a tua estadia cá, como tem sido a tua integração? (jovens recentemente acolhidos)
- 4- Quando pensas no colégio, qual é a primeira palavra que te vem à cabeça?
- 5- Tens irmãos contigo no colégio?
- 6- O que mais gostas de fazer?
- 7- O que menos gostas de fazer?
- 8- Qual o momento do dia que mais gostas?
- 9- Qual o momento do dia que menos gostas?
- 10- Como te sentes na participação da roda?
- 11- Gostas dos funcionários do colégio?
- 12- Quando precisas muito de falar com alguém, com quem vais ter?
- 13- Como te relacionas com os outros funcionários?
- 14- Mudarias alguma atividade desenvolvida durante o ano no colégio?
- 15- Em relação à tua família, o que pensas sobre ela?
- 16- O que gostavas que mudasse na tua família/casa dos teus pais?
- 17- Quando fores adulto, o que queres ser? Qual o teu sonho?
- 18- Queres acrescentar mais alguma coisa?

Guião entrevista semiestruturada

Participantes: Equipa Oficina São José (OSJ)

Objetivos:

- Compreender a experiência de trabalho dos profissionais;
- Identificar constrangimentos e potencialidades da atividade profissional;
- Conhecer focos de trabalho de modo a orientar a futura intervenção;

Apresentação

Gostaria de agradecer a sua disponibilidade na participação desta entrevista, sendo que os dados obtidos serão utilizados para perceber a experiência de trabalho no OSJ e quais as necessidades do Lar neste momento. A participação é voluntária e pode ser, a qualquer momento, suspensa, sem necessidade de apresentar razões. Todas as questões de confidencialidade serão cumpridas.

Guião:

- 1- Há quanto tempo está no Lar?
- 2- Quando pensa no Lar, qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça?
- 3- Quais os aspetos mais positivos/relevantes da sua atuação no lar?
- 4- Quais as limitações do seu papel desempenhado no lar?
- 5- Acha a sua formação adequada para o trabalho que desempenha?
- 6- Em que aspeto a sua formação facilita a sua intervenção?
- 7- Como caracteriza a população da instituição? Quais as problemáticas?
- 8- Como define a sua intervenção juntos dos utentes?
- 9- Como descreveria a relação do Lar com as famílias dos utentes?
- 10- Existe algum tipo de intervenção direcionado às famílias?
- 11- Que expectativas possui em relação ao seu contributo no Lar?
- 12- Quais as necessidades existentes em relação ao Lar e aos seus utentes?
- 13- Que mudança efetuará no Lar neste momento?
 - 8.1 – Que vantagens e/ou desvantagens em realizar essa(s) mudança(s)?
- 14- Como caracteriza o seu ambiente de trabalho?
- 15- Sente necessidade de adquirir formação em alguma área como forma de melhorar o seu desempenho profissional?
- 16- Há mais algo que considere que deva ser acrescentado?

Para a psicóloga, adicionalmente às anteriores:

- 17- O lar disponibiliza o acompanhamento individual?
- 18- Este acompanhamento poderá ser extensível às famílias de origem?

ANEXO VIII – Estrutura metodológica da ação de formação
AÇÃO DE FORMAÇÃO
“A RESILIÊNCIA NA RELAÇÃO”

SESSÃO – A resiliência na relação

Tempo estimado da sessão: 147 minutos

Objetivos Gerais:

- Compreender o conceito de resiliência e fomentar a promoção do mesmo através de relações significativas dos técnicos para com os utentes.

Objetivo Específico:

- Refletir acerca do conceito de resiliência segundo o modelo proposto por Froma Walsh;
- Considerar as atitudes para a promover junto dos utentes.

1. Abertura/Boas-vindas (10 minutos)

A estagiária acolhe o grupo e é entregue aos formandos uma capa com folhas brancas, uma caneta, um panfleto com os objetivos da ação de formação, a duração da sessão e as suas atividades. A estagiária apresenta com os objetivos da ação de formação, e esclarece eventuais questões que possam surgir.

2. Introdução (30 minutos)

Será perguntado aos formandos se conhecem o termo resiliência e o que significa para ele esse conceito. Após ouvir os formandos, a estagiária faz uma apresentação breve com exemplos teóricos sobre os principais conceitos de resiliência, a sua evolução até ao conceito de resiliência familiar segundo Froma Walsh.

3. Identificar resiliência na OSJ (30 minutos)

A segunda atividade consistirá em identificar se algumas crianças/jovens acolhidas são resilientes ou não e como fomentar a promoção da mesma. Foi então dado início ao debate previsto, onde todos deram o seu contributo e justificaram as suas escolhas.

4. Debate (20 minutos)

No terceiro momento da ação, será pedido aos participantes para nomear estratégias para promover a resiliência através da relação.

Terminada esta atividade, serão esclarecidas as estratégias de Resiliência na Relação segundo Froma Walsh (2004).

5. Intervalo (5 minutos)

6. Role play (30 minutos)

Os formandos são divididos em grupos de dois/três elementos para a elaboração de uma situação que ilustre o aprendido ao longo da ação de formação. No final cada grupo apresentará o seu trabalho através de um role-play.

7. Bibliografia (3 minutos)

Será entregue a todos os participantes a bibliografia utilizada para a elaboração desta ação de formação de modo a que possam individualmente pesquisar mais acerca deste conceito.

9. Encerramento (12 minutos)

Os formandos terão que discutir acerca dos aspetos positivos e negativos da ação de formação “A resiliência na relação”, através de uma reflexão final.

Material necessário:

Panfleto, bibliografia, capa, folhas brancas e caneta.

ANEXO IX – Panfleto da Ação de Formação



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA



**Psicóloga
Responsável**

Email:
priscillaraujo11@gmail.com

"A Resiliência na Relação"



Ação de Formação

OBJETIVOS	PROGRAMA	
a) Compreender o conceito de resiliência	⇒ Abertura	 <p><i>"A resiliência é a capacidade de se recuperar de situações de crise e aprender com ela. É ter a mente flexível e o pensamento otimista, com metas claras e a certeza de que tudo passa."</i></p>
b) Fomentar a promoção do mesmo através de relações significativas dos técnicos para com as crianças/ jovens	⇒ O que é a resiliência?	
	⇒ Debate	
	⇒ Intervalo	
	⇒ Casos Práticos	
	⇒ Role Play	
	⇒ Bibliografia	
	⇒ Encerramento	



Oficina de S. José

ANEXO X – Questionário de avaliação da Ação de Formação

Avaliação da Ação de Formação “A Resiliência na Relação”

Esta avaliação é anónima e além de ser um instrumento de ajuda para a Estagiária e as Supervisoras, também pretende avaliar a eficácia da formação. Toda a reflexão para nós é primordial e permitira aprofundar e melhorar as dimensões mais fracas. Deste modo, pedimos a maior sinceridade possível e agradecemos à sua participação na Ação de Formação.

Marque com um X onde considere mais adequado. Tendo em conta que 1 representa péssimo e 7 excelente.

		1	2	3	4	5	6	7
1	Considera que foi uma fonte de novas informações de reflexão							
2	Sentiu que desenvolveu novas atitudes/comportamentos na ação quotidiana							
3	Utilidade do tema trabalhado na Ação de Formação							
4	Materiais oferecidos							
5	Dinâmica da sessão							
6	Clareza da informação							
7	Competência geral da formadora							
8	Interação estabelecida com o público-alvo							

Outros aspetos que gostaria de acrescentar:

ANEXO XI – Estrutura metodológica da intervenção em Grupo

PROGRAMA “CONHECER-ME E SER FORTE!”

SESSÃO 1: APRESENTAÇÃO

Tempo estimado da sessão: 50 minutos

Objetivos Gerais:

- Promover a relação de confiança entre os elementos e a monitora do grupo;
- Promover a coesão do grupo;
- Promover um espaço de confiança e harmonia de modo a favorecer a partilha.

Objetivos Específicos:

- Aprofundar o conhecimento mútuo entre os membros;
- Apresentar o objetivo da intervenção e o plano de atividades;
- Indicar caminhos para relações de respeito entre os membros do grupo;
- Reforçar a necessidade e motivar para um bom funcionamento do grupo, nomeadamente reforçar a assiduidade e a pontualidade;

1. Abertura/Boas-vindas (5 minutos)

Acolhimento do grupo.

2. Introdução (10 minutos)

Pergunta: “Têm alguma ideia daquilo que vamos fazer em conjunto ao longo das sessões?”. Segue-se um momento de diálogo com os participantes, durante o qual os mesmos sintam que aquilo que dizem tem importância. Após este momento de escuta, a estagiária apresenta os grandes objetivos do programa, a saber: a) Refletir e desenvolver relações de respeito e valorização do outro para que se facilite um sentimento de coesão e confiança mútua durante e após a intervenção; b) Potenciar a reflexão acerca da sua própria história pessoal e compreender o porquê de estarem institucionalizados; c) Promover competências de resiliência segundo a autora Froma Walsh (2004; 2005). Será apresentado de forma breve, as atividades que serão desenvolvidas durante a intervenção em grupo. Por fim, perguntar se

consideram a proposta apresentada muito diferente daquela que imaginavam e se gostariam de propor algo mais.

3. Apresentação dos participantes (15 minutos)

Formar aleatoriamente grupos de dois elementos. Cada elemento apresenta o seu colega (nome, idade, naturalidade, ano escolar), diz o número de irmãos e suas idades, e a constituição do agregado. E assim sucessivamente (avisar que podem sempre acrescentar algo, se assim o desejarem). Esta atividade terá como suporte material um caderno, onde todas as anotações serão realizadas. Esse caderno irá acompanhar os participantes durante todas as sessões. No final das apresentações, os participantes terão a oportunidade de personalizar o seu caderno com autocolantes e lápis de cor fornecidos.

4. Regras para o grupo (5 minutos)

É apresentado algumas regras para o bom funcionamento do grupo:

- O que é dito no grupo fica no grupo;
- Não há certos ou errados: o importante é que todos participem;
- Aceitamos o ponto de vista de cada um;
- A escuta é fundamental;
- O grupo é sinónimo de pertença, eu sou o grupo e o grupo somos nós.
- Deixamos o telemóvel numa caixa reservada para o mesmo à entrada.

6. Desejos (15 minutos)

Convidar os participantes a registarem numa folha três desejos para si. No final do programa os desejos serão devolvidos a cada participante, que avaliará se os mesmos puderam ser, de alguma forma, contemplados. Ao longo do programa, e sempre que for oportuno, a monitora deve referi-los, incentivando os participantes a torná-los realidade. Além disso, deve motivar os participantes a partilhar os seus desejos com o grupo, podendo ter a sua ajuda para os concretizar.

Nota: A monitora deverá estar atenta, caso haja participantes que tenham alguma dificuldade na escrita e/ou leitura, de modo a poder ajudá-los. Os desejos devem ser colocados numa caixa. Fotografa-se diversos momentos de cada sessão e expõe-se no

início da sessão seguinte. A partir daqui são exploradas as vivências mais significativas da sessão anterior.

Material necessário:

Panfletos do programa; Caderno; Folhas; Caixa dos desejos; Máquina fotográfica; Sumos e rebuçados.

SESSÃO 2: EU E A MINHA FAMÍLIA?

Tempo estimado da sessão: 62 minutos

Objetivo geral:

- Promover a reflexão acerca da relação com as famílias de origem

Objetivos específicos:

- Identificar aspetos positivos e menos positivos na sua família de origem;
- Refletir acerca do seu papel e as suas expetativas na sua família de origem.

1. Resumo da sessão anterior (5 minutos)

Acolhimento. A partir das fotografias, a estagiária convida os participantes a partilhar as vivências da sessão anterior.

2. Filme (22 minutos)

Visualização de um episódio da série “Uma família muito moderna”.

A comédia ‘Uma Família Muito Moderna’ é uma série que dá um olhar moderno pelas complicações diárias que caracterizam as famílias do século XXI. Com um olhar satírico, ‘Uma Família Muito Moderna’ capta os absurdos, as esquisitices e o bizarro da família de uma maneira viva, alegre e única que se conjuga com um pouco de humor negro e espiritual capaz de transformar a série num retrato quase fiel à realidade. É difícil não nos revermos a nós mesmos, à nossa mãe, aos nossos filhos ou aos nossos familiares em algumas cenas e momentos da série.

3. História (30 minutos)

Após a visualização do episódio os participantes serão convidados a em conjunto refletir sobre três aspetos positivos e menos positivos de família e a partir desses aspetos deverão criar uma história. No final todos os participantes terão que refletir sobre as suas expetativas na sua família, com a elaboração de um desenho.

4. Preparação da próxima sessão (5 minutos)

Pedir aos participantes para pensarem no que significa para eles esta experiência de estar na OSJ.

Terminar a sessão, perguntando como se sentiram e se têm alguma questão.

Material necessário: Videoprojector; Computador; Filme; Cadernos;

SESSÃO 3: “A MINHA OUTRA CASA”

Tempo estimado da sessão: 58 minutos

Objetivo geral:

- Promover a reflexão acerca da sua experiência na OSJ.

Objetivos específicos:

- Refletir acerca dos aspetos bons e menos bons da sua experiência na OSJ;
- Consciencializar acerca dos benefícios da sua experiência na OSJ.

1. Revisão da sessão anterior (8 minutos)

Acolhimento. Sumariar brevemente a sessão anterior deixando espaço para que surjam reflexões e comentários ou questões acerca do que mais chamou a atenção.

2. História (20 minutos)

Os participantes serão divididos em dois grupos de quatro elementos. É pedido a cada grupo para escrever uma pequena história que servirá como base para a realização de um role-play. Será entregue a cada grupo uma banda desenhada com o início da história, os elementos terão que a completar. Todos os elementos deverão participar e a história deverá refletir a vida no colégio.

3. Role-Play (30 minutos)

Os dois grupos passarão a realizar um pequeno role-play. No final de cada apresentação será pedido ao grupo que assistiu à representação para comentar a história e qual a sua mensagem principal. O grupo que representou deverá concordar ou não com o outro grupo, criando desta forma um debate.

Aquando das representações fotografias serão tiradas aos participantes.

4. Conclusão

No final do debate, será feito um balanço da sessão, onde todos poderão exprimir como se sentiram durante a experiência do role play e o que retiveram dela.

Material necessário: cadernos, marcadores, banda desenhada, máquina fotográfica.

SESSÃO 4: “SER FORTE!”

Tempo estimado da sessão: 78 minutos

Objetivo geral:

- Exposição e reflexão acerca do conceito de resiliência

Objetivos específicos:

- Identificar características de resiliência com o auxílio de um desenho animado.

1. Revisão da sessão anterior (8 minutos)

Acolhimento. A partir das fotos, partilhar algum comentário ou questão à sessão anterior, ou, em relação a outro assunto surgido.

2. Filme (60 minutos)

Os participantes irão assistir ao desenho animado “Os Incríveis”. A história segue as aventuras de uma família de ex-super-heróis: Bob Parr, sua esposa Helen Parr, uma mulher elástica e seus três filhos estranhos – os jovens Violet e Dash, e um bebé. Parr era um dos paladinos da luta contra o crime, vivia combatendo o mal e salvando vidas. Um dia ele e sua família são obrigados pelo governo a adotar identidades civis e a se mudar para um bairro do subúrbio. Em resumo, devem se tornar pessoas aparentemente normais. Parr vai trabalhar como funcionário burocrata em uma companhia de seguros e Helen se torna uma pacata dona de casa. Os dois filhos maiores fazem um tremendo esforço para parecerem normais.

3. Discussão do filme (10 minutos)

No final do filme, haverá lugar a um debate entre os participante sobre em que aspetos a protagonista é uma pessoa forte, que estratégias usou para se tornar mais forte independentemente das adversidades encontradas.

Material necessário:

Filme, Fotografia, Máquina fotográfica, TV.

SESSÃO 5: “QUE “ARMAS” TENHO?”

Tempo estimado da sessão: 60 minutos

Objetivo geral:

- Potenciar estratégias que auxiliam o conceito de resiliência

Objetivos específicos:

- Consciencializar acerca de como promover resiliência;
- Promover competências de resiliência

1. Revisão da sessão anterior (7 minutos)

Acolhimento. Pela fotografia da sessão anterior, que posteriormente será exposta no cartaz final, dar espaço aos participantes para que possam sumariar brevemente a sessão anterior e partilhar reflexões, comentários ou questões acerca dos aspetos que mais chamaram a atenção.

2. Exercício “Ser forte” (8 minutos)

Com o intuito de aprimorar se os participantes retiveram o que aprenderam na sessão nº5, uma ficha com 5 perguntas verdadeira/falsa será entregue. Logo de seguida haverá lugar para a correção da mesma.

3. História (10 minutos)

Será pedido a todos os participantes que reflitam em grupo de dois elementos uma história que inclua o conceito de ser forte com as frases chaves: “após esta experiência aprendi...”; “a minha família ajudou...”; “os meus colegas e educadores contribuíram...”.

4. Apresentação (30 minutos)

Os participantes poderão representar as suas histórias com a ajuda de fantoches. No final haverá uma discussão acerca das histórias ouvidas.

5. Finalização (5 minutos)

Ressalvar os aspetos mais importantes acerca do que é ser forte, se possível utilizando exemplos e comentários das sessões.

Material necessário:

Ficha, caderno, canetas, fotografias, fantoches, máquina fotográfica.

SESSÃO 6: ENCERRAMENTO

Tempo estimado da sessão: 60 minutos

Objetivos gerais:

- Avaliar a experiência da participação no programa “Conhecer-me e ser forte!”
- Promover a continuidade do processo de mudança, iniciado no programa.

Objetivos específicos:

- Redefinir os desejos dos participantes a partir da experiência da sua participação no programa;
- Identificar recursos e obstáculos à concretização dos desejos;
- Estimular o comprometimento com a realização dos desejos.
- Aplicar questionário de avaliação da satisfação relativamente às sessões.

1. Revisão da sessão anterior (8 minutos)

Acolhimento. Dar espaço aos participantes para que possam resumir, brevemente, a sessão anterior, partilhar reflexões, comentários ou questões acerca dos aspetos que mais chamaram a atenção.

2. Desejos (20 minutos)

Num segundo momento, a estagiária entrega os desejos a cada participante, de seguida cada um partilha com o grupo os desejos que escreveu na primeira sessão, e mencionar caso pretenda fazer alguma alteração e o porquê.

3. Avaliação (12 minutos)

Dizer aos participantes que a presente sessão destina-se a fazer um balanço da experiência da participação no programa, ao mesmo tempo que pretende incentivar a concretização dos desejos definidos, por eles, na primeira sessão. Num primeiro momento, pedir que respondam ao Questionário de Avaliação da Satisfação na Participação no Programa “Conhecer-me e ser forte!”.

4. Cartaz (20 minutos)

Será elaborado uma tela onde algumas frases alusivas ao que foi aprendido ao longo da intervenção em grupo. Esta tela será posteriormente afixada no “Cantinho da Psicologia” de psicologia da OSJ.

Material necessário:

Caixa dos desejos; Questionário de Avaliação da Satisfação na Participação no Programa; Cartolina; Fotografias; Lápis de cor.

ANEXO XII – Panfleto da Intervenção em Grupo

Datas previstas:

SESSÃO 1: 25-03

SESSÃO 2: 01-04

SESSÃO 3: 22-04

SESSÃO 4: 29-04

SESSÃO 5: 06-05

SESSÃO 6: 13-05



**Psicóloga
Responsável**

priscillaraujo11@gmail.com

“Conhecer-me e ser forte!”



Programa de Intervenção em Grupo

Objetivos

- Refletir e desenvolver relações de respeito e valorização do outro para que se facilite um sentimento de harmonia e confiança mútua durante e após a intervenção;
- Potenciar a reflexão acerca da sua própria história pessoal e compreender o porquê de estarem no colégio.
- Promover capacidades para se tornarem mais fortes.

Sessões

SESSÃO 1: APRESENTAÇÃO

SESSÃO 2: EU E A MINHA FAMÍLIA?

SESSÃO 3: “A MINHA OUTRA CASA”

SESSÃO 4: “SER FORTE!”

SESSÃO 5: “QUE “ARMAS” TENHO?”

SESSÃO 6: ENCERRAMENTO



“Ser forte é a capacidade de se recuperar de situações de crise e aprender com ela. É ter a mente flexível e o pensamento otimista, com metas claras e certeza de que tudo passa.”

ANEXO XIII – Questionário de satisfação da Intervenção em grupo
QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO NA PARTICIPAÇÃO NO
PROGRAMA “...”

(Questionário adaptado por Pinto, A. & Vilela, J. (2012). Em Stoiber, K, C., & Kratochwill T. R., 1998. *Handbook of group intervention for children and families*. EUA: Allyn and Bacon)

Peço-te que me dês a conhecer a tua satisfação em relação às sessões. A tua opinião é muito importante, pois permite o ajustamento/melhoramento da dinamização das próximas sessões. Obrigada pela tua colaboração.

Coloque um círculo à volta da resposta que mais se aproxima daquilo que sentes.

1. Estou satisfeito com a dinamização das sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

2. Os assuntos abordados nas sessões vão de encontro aos meus interesses?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

3. Os participantes têm-se ajudado uns aos outros?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

4. Os participantes têm controlado a condução das sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

5. Os participantes entram em conflito durante as sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

6. Enquanto participante tenho-me envolvido ativamente nas sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

7. Enquanto participante tenho partilhado, durante as sessões, os meus pensamentos, sentimentos e preocupações?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

8. Sinto-me próximo dos outros participantes?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

9. Sinto-me próximo da estagiária?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

10. Tenho-me sentido aborrecido ou cansado ao longo das sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

11. Tenho-me sentido ansioso ao longo das sessões?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

12. As sessões têm-me sido úteis?

Nada Muito Pouco Alguma coisa Bastante
Muitíssimo

ANEXO XIV – Notas de consulta J.

Observação e Reflexão Intervenção Individual

Encontro n^o1 – J.

O encontro foi realizado no “Cantinho da Psicologia” no dia 01 de Abril de 2014 pelas 14 horas e durou cerca de 45 minutos. O “Cantinho da Psicologia é um espaço aberto a todas as crianças e jovens da OSJ para visitar sempre com o intuito de conversar sobre as dúvidas ou para desabafar de forma voluntária e confidencial. É igualmente utilizada pelas psicólogas da OSJ para a intervenção individual de algumas crianças e jovens com problemáticas prioritárias.

A intervenção individual foi realizada pela Dr.^a Mafalda Malheiro ao jovem J. e teve como objetivo estabelecer uma relação de confiança e obter um conhecimento mais aprofundado sobre o jovem. O instrumento utilizado pela psicóloga foi a Entrevista Clínica Semiestruturada para Crianças e Adolescentes dos 6 aos 18 anos (SCICA). Esta entrevista aborda diferentes áreas gerais tais como atividades, escola, amigos, relações familiares, fantasias, autopercepção, sentimentos, queixas somáticas, álcool droga e problemas com a lei.

É de supra necessidade contextualizar de forma breve a história do jovem para compreender o desenrolar da sessão. No que concerne a saúde do jovem, este encontra-se medicado por lhe ter sido diagnosticado hiperatividade e epilepsia. É de ressaltar de que as crises de epilepsia começaram quando a mãe o deixou na casa da avó abdicando do seu papel de mãe. Desta forma, o J. tem 15 anos e frequenta o 9º ano. Está acolhido desde fevereiro de 2013 e usufrui da autorização do tribunal para ir para a casa da avó e do pai de 15 em 15 dias aos fins-de-semana. A avó vive com o primo Filipe (foi adotado por ela) que necessita de cuidados redobrados por se encontrar numa cadeira de rodas. Neste momento a senhora carece de saúde e não consegue receber o J. todos os fins-de-semana como acontecia inicialmente. Na casa da sua avó materna o jovem não partilha quarto e relaciona-se bem com todos. Esporadicamente o J. dorme na casa do pai onde o agregado já é mais extenso, pois moram lá três filhos e a madrasta. Quando o jovem pernoita lá, divide o quarto com o M., filho da madrasta que nasceu em Luxemburgo. O jovem não mantém grandes contactos com a mãe. De facto, esta não mostra interesse no jovem, nem o visita na OSJ, e quando se

encontram é na casa da avó materna. A mãe teve outro filho fruto da sua relação com o companheiro atual, dedicando-se apenas a estes elementos da família. É de salientar que o pai e a avó materna de J. têm um ótimo relacionamento e demonstram preocupação para com o jovem. Os pais nunca foram casados e separaram-se quando o J. tinha três anos. A medida de proteção do jovem foi renovada por mais 6 meses devido à avó não ter condições de saúde para o receber permanentemente e por não conseguir dar a medicação e o cuidado de que o J. necessita.

No início do encontro foi explicado ao jovem o que iria acontecer e foi realçado a parte da confidencialidade. Explicou-se também o meu papel como observadora e posteriormente como interveniente. O jovem concordou e compreendeu os motivos dados pela Dr.^a. Mafalda. A psicóloga e o J. estavam sentados em cima de dois pufes e eu fiquei na secretaria num canto da sala para não interferir com o encontro. Deu-se então início a entrevista.

O jovem teve uma postura participativa e mostrou-se entusiasmado em continuar com as sessões. Ao longo da entrevista não mostrou resistência em responder às questões. A psicóloga esteve sempre atenta e manteve o contato ocular com o jovem sem se deixar distrair pelos apontamentos de que o modelo de entrevista requer. O tom de voz utilizado foi sereno sem existir oscilações na voz.

Aquando a entrevista, pode-se apurar, no que diz respeito à escola, que o J. apresenta dificuldades na disciplina de inglês, matemática e história. Possui um bom relacionamento com os professores menos com a de educação visual por ela ser injusta com os alunos. Em relação aos colegas de turma, o J. considera-se aceite por todos independentemente do sexo. Admitiu ser preguiçoso nos trabalhos de casa e que não está atento quando os professores facultam as instruções para os mesmos. Contou ter muitos amigos de várias idades, tanto na OSJ como na escola. O jovem tem uma namorada que vê quando vai a casa do pai.

No que concerne a família, o J. ficou mais incomodado ao debruçar-se sobre este tema. Detém uma boa relação com a avó, o primo Filipe e o Pai. Gosta de estar na casa da avó e na casa do pai e mostrou relacionar-se bem como os irmãos e a madrasta. As regras e os castigos aplicados são sempre justos menos os recebidos na OSJ. No que diz respeito ao relacionamento dos pais, o jovem optou por gesticular e fazer sinais para responder. Realçou gostar de ir a casa aos fins-de-semana pois assim encontra-se mais perto da família e amigos.

Foi notório de que a Dr.^a Mafalda não teve dificuldade em estabelecer uma relação de confiança com o J e este esteve bem-disposto, disponível e com uma postura colaborante ao longo de toda a sessão.

Em suma, os objetivos da sessão foram alcançados, detivemos de facto um conhecimento mais aprofundado sobre o jovem, no entanto, de uma forma direcionada visto que existiu o auxílio do instrumento SCICA.

Os objetivos delineados para o próximo encontro são os de concluir a entrevista que ficou mais ou menos a meio, juntamente com a aplicação do desenho da família imaginária. A psicóloga optou por este método mais abstrato e não tao direcionado como o da família real por obter resultados mais aprofundados acerca do jovem que acabará por desenhar a sua família. Se o tempo o permitir, será pedido ao J. para personalizar a sua capa individual onde posteriormente estará repleta com fotografias, desenhos e lembranças de que o jovem considere relevante anexar.

Observação e Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº2 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 10 de Abril de 2014 pelas 18h e durou cerca de 35 minutos. A intervenção individual foi realizada pela Dr.^a Mafalda Malheiro ao jovem J. e teve como objetivo terminar a entrevista SCICA e elaborar o desenho da família imaginária.

Os dois intervenientes sentaram-se nos pufes e deram então início ao encontro. A psicóloga começou por perguntar como estava a correr a semana de férias e após dialogarem um pouco sobre isso começaram então com o restante das questões da SCICA. Durante a entrevista foi notório a preocupação do jovem para com o estado de saúde da mesma, e relativamente à sua própria saúde.

Num segundo momento ocorreu o desenho da família imaginária. O jovem representou uma família num círculo com quatro elementos e escreveu no centro “união da família”. Nesse desenho o jovem mostrou ter uma ideia de família muito tradicional e com um domínio patriarcal. De facto, alegou que a mãe estava responsável pelas tarefas doméstica e por educar e o pai era responsável por sustentar a família, impor-se e educar os filhos. Alegou

de que no desenho o filho porta-se sempre mal, é o mais infeliz porque só faz asneiras e “leva na cara”. Se pudesse ser alguém do desenho o jovem escolheu ser o pai, por ser uma figura que “manda mais”. Acrescentou que se pudesse alterar algo naquela família, mudaria o comportamento do filho, visto este ser muito rebelde. É perceptível a projeção do próprio jovem no filho da família imaginária representada.

Após este momento, o J. desenhou a sua família real na qual representou em primeiro lugar a OSJ, em segundo lugar o pai e as irmãs, em terceiro lugar a mãe e o irmão e em quarto lugar a avó e o primo Filipe. Alegou que apenas a avó materna é responsável pelo afeto e considerou-a a mais importante de todos. Os restantes do desenho estão encarregues por educar e a OSJ por sustentar e educar. O J. admite que mãe sente inveja do pai, que por sua vez tem um carinho especial pela avó materna. Acrescentou que a avó demonstra confiança e amizade pelo pai.

É de ressaltar de que apenas o desenho da família imaginária estava previsto neste encontro e que só foi aplicado o desenho da família real por ter sido pedido pelo jovem. A resposta da Dr.^a Mafalda perante esta situação foi afirmativa, de facto ainda sobrava tempo para a elaboração do mesmo, e esta atitude demonstrava vontade do jovem em abordar a sua própria família.

Com este encontro consideramos pertinente numa fase inicial existir um auto e hétero conhecimento da sua história familiar, sendo assim a aplicação do Genograma dar-nos-á uma compreensão da vida familiar do J. bem como desencadeará numa tomada de consciência por parte do jovem ao visualizar o seu Genograma. Este instrumento rege-se pelo modelo relacional-sistémico, dado este facto, a orientadora local considera pertinente de que a aplicação do instrumento seja implementado pela estagiária com a sua supervisão.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº3 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 30 de Abril de 2014 pelas 17h30 e durou cerca de duas horas. A intervenção individual foi realizada pela estagiária ao jovem J. e teve como objetivo aplicar o Genograma familiar afim de aprofundar a sua história

fornecendo deste modo um auto e hétero conhecimento. Toda a sessão foi supervisionada pela Dr.^a Mafalda Malheiro.

Os intervenientes estiveram sentados numa mesa oval com o material já disposto em cima da mesa. Num primeiro momento a estagiária explicou o que se iria fazer e descreveu as instruções do Genograma. Ao longo do processo o jovem mostrou-se interessado e atento as instruções. O encontro demorou mais do que estava previsto porque a família do J. é extensa principalmente a do lado materno. O jovem optou por não representar as pessoas já falecidas, por não achar necessário, no entanto representou o avô materno. Ao longo da elaboração do Genograma o J. relatou que só conheceu o pai há cerca de dois anos atrás, daí não saber muito sobre a sua família do lado paterno. O jovem também disse que esteve a morar com a madrinha até aos 12 anos. Apresenta uma relação de dependência com a avó materna e destaca-a como a pessoa mais importante da sua família. Esteve a cargo da mesma até ter sido sinalizado pela CPCJ. Mencionou ter uma relação forte com a madrinha e com uma tia que mora perto da Trofa, no entanto poucas vezes está com ela.

Ao longo deste encontro foi notório que o Joel tinha alguma dificuldade em saber os nomes dos familiares nomeadamente os do lado paterno. Pouco se aprofundou sobre os relacionamentos descritos e sobre os elementos da sua família e foi curioso o facto de optar por não representar o “primo Filipe” no seu Genograma alegando que não é seu primo, é só alguém que a avó acolheu.

Em termos de primeira experiência esta foi sem dúvida muito enriquecedora para a nós. De facto, estar no papel de interveniente e não de apenas observadora permitiu-nos desenvolver uma relação com o jovem que não detínhamos até aí. Embora a nossa postura fosse mais direccionada para esclarecer as dúvidas que iam surgindo, foi deveras relevante no nosso percurso académico.

Num próximo encontro serão aprofundadas as histórias familiares que ficaram por esclarecer, nomeadamente tentar perceber as dinâmicas nas quais o jovem estava inserido. É primordial elucidar o jovem sobre os aspetos positivos que vigoram na sua família. Desmistificando a ideia de família perfeita ou imperfeita que o J. tem criado e mencionado ao longo da intervenção.

Encontro nº4 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 13 de Maio de 2014 pelas 16h e durou cerca de 1 hora. Esta sessão teve a supervisão da Dr.^a Mafalda Malheiro. O objetivo geral visava aprofundar as relações descritas no Genograma.

No início do encontro a estagiária começou por perguntar ao jovem como correu a última semana e o fim-de-semana passado. O jovem relatou que foi tudo normal durante a semana mas que no sábado foram todos (OSJ) para a Falperra ver os carros. Após este momento introdutório, a mesma falou sobre o que tinha sido feito na última sessão, relembrando o Genograma. Este alegou que estava muito confuso, e não mostrou muito interesse em aprofundar muito, limitando-se a responder sim ou não às questões efetuadas. Depois de experienciar que esta estratégia não era a melhor, a estagiária pediu ao jovem para lhe contar como se fosse uma história, ou seja relatar momentos que tenha vivido com elementos que mais destaque tiveram aquando da elaboração do Genograma.

Num primeiro momento falou da sua experiência de viver com a Madrinha. O J. foi viver com a mesma, o tio (padrinho) e as três primas quando era bebé e permaneceu até aos 12 anos e ao longo dos anos diz que sempre foi bem tratado, menos quando fazia asneiras. Sempre gostou de estar com elas e só saiu porque a mãe manifestou vontade de viver com ele. Ao longo dos anos, o casamento dos tios deteriorou-se e o padrinho foi viver para o Brasil. O jovem não teve mais notícias e a família desconfia que o padrinho já tenha falecido numa tragédia que ocorreu há uns anos atrás. Hoje em dia, a madrinha mora na casa da filha mais nova Juliana, onde mora também o namorado e a irmã Catarina. Após algum tempo, a Juliana expulsou a Catarina de casa e esta foi viver com a tia Ni. A benjamim do casal encontra-se a viver sozinha com a filha de 6 anos, pois o pai e companheiro encontra-se preso. O J. não demonstra grande proximidade com o tio João pois este encontra-se a morar em França, no entanto, durante as férias comenta passar muito tempo com eles, inclusive ir a eventos de carros aos quais o primo Pedro participa.

Em relação ao tio Carlos, a tia Elsa e a prima Joana, que moram perto da Trofa, o jovem alega sentir-se bem com eles, aliás, quando vai aos fins-de-semana para a avó, a tia e a prima vão frequentemente busca-lo para passear no centro comercial e comprar roupa e entre outras coisas para ele. Ele acrescentou que gostaria que os tios vivessem mais perto dele, pois estes exteriorizam muita preocupação pelo J.

No que diz respeito a tia Eva, o jovem caracteriza-a como a mais problemática, tendo um feitio pouco compatível com o dele. Não apresenta disputas nem com o tio Tone nem com os primos Ruben e João. No entanto o J. considera que a tia é injusta e que esta “pega” muitas vezes com ele. As suas discussões são muito em torno de quem manda nele. O J. não gosta da maneira como ela fala com ele e admite “responder-lhe à letra”.

Não acrescentou muito sobre a sua tia Ni, nem sobre o tio Marco.

Quando se falou na mãe, o jovem teve alguma dificuldade em falar sobre o assunto, diz que gosta muito da mãe mas que ela “não bate bem do caco”. Começou por contar que via a mãe quando morava com a madrinha aos fins-de-semana. O jovem ia para a casa da mãe mas não pernoitava. Descreveu estes momentos como calmos. Aos 12 anos a mãe manifestou vontade de que o J. fosse morar com ela, o companheiro e o filho de ambos. Esta situação manteve-se durante um ano, no qual, o J. assistiu a violência doméstica, onde muitas vezes a policia teve que intervir. Questionei o jovem sobre como ele reagia nestas situações, e ele retorquiu que tirava o irmão pequeno da cena e ia para outra divisão da casa. Quando a discussão tomava outros patamares, chamava a polícia para pôr um fim a situação. Alegou que a mãe é muito depressiva e sente muita dependência do padrasto, e não consegue estar separada dele durante muito tempo. Os episódios ocorriam uma ou duas vezes por mês, quando o companheiro da mãe “se embebedava”. No final desse ano, a mãe foi viver para a casa da avó do J. e o filho mais novo foi viver para a casa dos avós paternos. Pouco tempo depois a mãe voltou para o companheiro e J. preferiu ficar com os avós. O jovem mencionou que quando foi viver com a mãe, esta começou a ter problemas com a sogra. Ele justifica esses problemas pela sua vinda permanente, pois antes estas detinham uma boa relação. Quando questionado sobre se alguém lhe tinha dito isso ou se tinha ouvido isso nalguma conversa este respondeu que não, que apenas sente isso.

No que concerne a avó o J. disse que gostava muito dela e que sente pena de ela “já ser muito velha para tomar conta de mim”.

Quando começamos a olhar para o lado paterno, o J. pediu para ir decorar a capa pessoal dele, algo que lhe tínhamos falado há algum tempo atrás. Esta reação demonstrou que o jovem ainda sente dificuldade em falar sobre esse lado da sua vida. É de salientar que este pouco sabe sobre o pai e que apenas o conheceu há dois anos atrás.

Quanto ao nosso papel, este foi muito mais desafiador do que o desempenhado no encontro anterior. De facto, tivemos que reformular as questões porque numa fase inicial o jovem apenas respondia sim/não e não desenvolvia as respostas. Mas quando optamos por

pedir ao jovem para contar histórias que tenham acontecido afim de nós conseguirmos visualizar e compreender melhor as situações, a sessão começou a correr melhor. Sentimos alguma vergonha nalguns pormenores que o jovem contava. No entanto, tentamos tirar partido desse momento mostrando ao jovem todos os aspetos e relações positivas que possui na sua família.

Num próximo encontro iremos aprofundar o lado paterno representado no Genograma, sempre com o objetivo de reintegrar a sua história familiar e intensificar as relações presentes no desenho.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº5 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 20 de Maio de 2014 pelas 15h e durou cerca de 1hora. Esta sessão teve a supervisão da Dr.^a Mafalda Malheiro. O objetivo geral visava continuar a aprofundar as relações descritas no Genograma.

No início do encontro começamos por perguntar ao jovem como correu o fim-de-semana. O J. disse que tinha estado em casa da avó e relatou o fim-de-semana. Foi visível que o jovem se mostrava satisfeito por ter ido a casa e por não ter acontecido nada fora do normal. Começamos então por aprofundar a relação com o avô materno, este já falecido mas no entanto representado no Genograma. O jovem disse que o avô era muito importante para ele, embora fosse uma pessoa que resmungasse imenso e que apontava sempre os defeitos de tudo e de todos. Quando tentamos aprofundar essas declarações, o jovem mostrou-se resistente e optou por não querer aprofundar.

Passamos desta forma a abordar a família paterna do J.. Como este apenas conhecia o pai há relativamente dois anos, optamos por perguntar como foi conhecer cada elemento da família paterna. O jovem contou que conheceu o pai através do padrinho, este sempre lhe prometera que iria encontrar o pai e apresenta-lo ao J.. Após um encontro no tribunal com os padrinhos e a mãe do jovem, o pai de J. foi até a casa dos padrinhos. O jovem estava dentro de casa e o padrinho chamou-o e disse-lhe que tinha uma pessoa que queria conhecê-lo. Foi para a entrada da casa e perguntou quem era, ao qual o padrinho respondeu: “é o teu pai!”. Após ouvir este relato questionamos o jovem acerca de qual tinha sido a sua reação. O J.

respondeu que foi a correr, feliz, para os braços do pai. Logo de seguida foi com o pai para a carrinha e foram buscar o irmão André a casa da mãe. Depois, seguiram todos para a casa do pai onde o J. conheceu as irmãs gémeas e a madrasta. Alega que gostou muito desse reencontro e de conhecer a sua nova família. Conta que no fim-de-semana seguinte foi para a casa do pai. Nesses dias, conheceu a quinta com os cavalos e houve um jantar para conhecer os seus avós paternos. Estes mostraram-se muito contentes por conhecê-lo.

No fim-de-semana seguinte, o J. foi para a outra vez pernoitar na casa do pai e desta vez tinha uma festa organizada em seu nome “com bolo e tudo” para conhecer a família da madrasta. Alega que todos se mostraram contentes e recetivos com a sua presença.

No decorrer do atendimento questionamos o jovem sobre se em algum momento perguntou ao pai o porquê de ter aparecido só agora. Ele alega que não quer saber, que o mais importante é conhecê-lo e que o resto não interessa. A mãe não reage de forma positiva ao fato do J. ter uma relação próxima com o pai. E cada vez que tem oportunidade aproveita para “falar mal” dele.

Após conhecer mais detalhadamente a história do jovem e após uma reflexão conjunta com a nossa orientadora local e supervisora de estágio optamos por focar o objetivo da nossa intervenção em dois pontos. Primeiro trabalhar a reintegração da sua história pessoal. Segundo, explorar outros apoios além do existente na OSJ que possam possibilitar a sua saída definitiva, nomeadamente intensificando a consistência das suas relações familiares.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº6 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 28 de Maio de 2014 pelas 18h30 e durou cerca de 45 minutos. O objetivo geral visava explorar e compreender o porquê de estar acolhido na OSJ.

A sessão começou com o jovem um bocado alterado por uma chamada de atenção que teve na sala de estudo. De facto, este chegou ao atendimento muito revoltado por uma atitude que uma das educadoras teve com ele. Após abordar esse assunto com o J., este alegou que se sentia preso por estar aqui e que não iria voltar a assinar o papel de prorrogação da medida da CPCJ.

Nesse momento, aproveitamos para esclarecer o jovem sobre essas dúvidas e elucidá-lo sobre os benefícios de estar na OSJ. Optamos por escrever uma linha cronológica juntamente com o J. para ele observar as mudanças que ocorreram na sua vida. Com este exercício conseguimos que o jovem visualizasse as alterações e mostrar o lado positivo de estar acolhido na OSJ. Aproveitamos o conceito de prisão para mostrar ao jovem que por vezes estar fora de casa é conseguir aproveitar as oportunidades que nos dão para voltar mais preparado para casa. O J. acrescentou que ao longo do ano e meio passado no colégio, conseguiu aprender determinadas regras e valores que não tinha “por ser demasiado rebelde” antes do seu acolhimento.

O J. admite estar demasiado preocupado por não estar em casa, no entanto, conseguiu identificar muitos aspetos positivos por estar no Lar, nomeadamente conhecer pessoas novas. Conversamos sobre a sua situação escolar e este decidiu criar uma meta para alcançar o que procura para concluir com sucesso o 9ºano. No final do encontro o jovem demonstrou interesse em começar um voluntariado na associação ABRA em braga.

Este encontro não correu como planeado anteriormente, não prevíamos abordar estas questões tão pormenorizadas com o jovem. No entanto, visto o contexto onde o atendimento é inserido, temos que estar preparados para estes imprevistos e alterações de humor. Desta forma, consideramos que conseguimos escutar e orientar o jovem sobre os aspetos positivos presentes na sua vida não se deixando embarcar pelo negativismo ou pelas birras. Este encontro foi mais curto do que os anteriores porque o jovem estava muito entusiasmado com a ideia do voluntariado que quis logo expô-la ao diretor antes que esse fosse embora. Quando saímos da sessão, o J. disse que iria pedir desculpa a educadora por ter exagerado sem razão aparente. Esta atitude surgiu sem que nós mencionássemos essa questão.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº7 – J.

O encontro teve lugar no “Cantinho da Psicologia” no dia 18 de Junho de 2014 pelas 11h15 e durou cerca de 45 minutos. O objetivo geral visava retomar o objetivo da sessão anterior, ou seja explorar e compreender o porquê de estar acolhido na OSJ.

A sessão começou com o J. um bocado cansado, pois antes de iniciarmos este estava a jogar futebol com os colegas. O jovem começou por contar como correram as duas últimas semanas, alegando que passou a maior parte do seu tempo a estudar para as provas do 9ºano. No meio do seu discurso mencionou que o pai lhe tinha ligado para ele passar o próximo fim-de-semana em sua casa. Acrescentou que o Dr. Serafim teria entrado em contacto com o pai afim de o conhecer. Desconhecendo esses pormenores, tentamos perceber o que o J. sabia acerca do interesse da OSJ em conhecer o pai. Conseguimos apurar que o jovem apenas ficou a perceber que a OSJ queria apresentar as suas instalações para o pai perceber em que contexto o J. vive.

No segundo momento, abordamos os motivos do seu acolhimento. O jovem retorquiu que se tinha informado junto dos responsáveis e que já lhe tinha sido explicado o porquê de estar acolhido. Conversamos um pouco sobre o assunto mas o J. estava já bem esclarecido.

Num terceiro momento, já com a nova informação do contacto do pai, optamos por tentar perceber qual a sua relação com o mesmo. O J. descreveu o pai como simpático, divertido e atencioso e exemplificou com um desenho que retrata um fim-de-semana em casa do progenitor. Optamos pelo desenho visto que o jovem se expressa melhor visualizando as situações. Desta forma, desenhou uma tarde na praia, com o pai, a madrasta e os irmãos. Retratou a hora do almoço onde o pai e a madrasta estão a preparar o churrasco e ele e os irmãos estão a brincar. Salientou que gosta muito desses programas de verão. Reforçou esta ideia e contou uma situação onde ele e as irmãs recolheram estrelas-do-mar e conchas na praia para guardar em casa. Algum tempo depois, o pai criou uma moldura e inseriu as descobertas da praia juntamente com uma fotografia de todos tirada nesse dia para pendurar em casa. Esta atitude demonstrou devoção e carinho do pai para com a sua família.

No final do encontro, a psicóloga Liliana entrou em contacto connosco para nos informar das novidades em relação ao pai. De facto, este retribuiu as chamadas e marcou um encontro onde estaremos também presentes. Aquando de uma conversa com a avó do jovem, esta contou que o pai iria pedir a custódia permanente do filho. Desta forma, estaremos preparados para conhecer e explorar esta eventual possibilidade na sua vinda a OSJ. Num próximo encontro, optaremos por falar ao jovem sobre estes acontecimentos, tentando perceber o que foi explicado ao jovem até a data e esclarecer qualquer dúvida que possa ter.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº8 – J.

No dia 5 de julho por volta das 15h foi-nos possível reunir com o pai e a madrasta de J. durante aproximadamente 2 horas. Este encontro decorreu na sala de reuniões e foi conduzido pela Dr.^a Liliana e pelo Dr. Serafim. Começamos por reunir apenas com o Senhor J. afim de abordar questões que diziam respeito à sua relação com a mãe do jovem para evitar eventuais constrangimentos. O pai do J. começou por dizer que foi toxicodependente durante três anos e que foi nesse período que conheceu a mãe do jovem e que resultou no nascimento de J. Caracterizou a relação como tumultuosa e que conseguiu sozinho passar por um período de desintoxicação. Não se orgulha desta fase da vida, mas desde daquele momento em que ficou livre de drogas, tentou sempre aproximar-se do filho, mas a progenitora nunca o permitiu. Contou que já foi casado e que teve um filho com essa senhora, chama-se A. e tem 19 anos. Foi o seu primeiro filho. Depois veio o J. e desde daí teve duas gémeas com a companheira atual, com a qual partilha mais de 13 anos de vida comum. A sua companheira já tinha 3 filhos de outro relacionamento, dois rapazes e uma rapariga. No total moram sete pessoas diariamente na sua casa, e aos fins-de-semana ou vem o A. ou o J.

Relatou que esteve muitos anos emigrado no Luxemburgo e foi onde conheceu a sua companheira A. Nesse momento, a D^a A. foi convidada a entrar para a reunião. A senhora acrescentou que estava familiarizada com lares de acolhimento pois a sua filha de 17 anos estava numa instituição no Porto. Naquele instante, sentimos um desabar de qualquer esperança em pôr o J. numa família que se apresentava tão destruturada. Contudo, conseguimos perceber que foi a própria mãe a fazer a denúncia, de facto, a filha da A. apresentava problemas comportamentais, absentismo escolar e consumo de drogas leves. O casal não conseguiu melhorar o comportamento da jovem e foi “obrigado” a pedir ajuda. Após um ano num lar do Porto, a jovem que se mostrou relutante no início e que fugiu por diversas vezes, adotou uma postura onde percebeu que a família é mais importante que certas companhias e que determinados comportamentos não a levariam a lado nenhum.

Após observar que esta família, embora numerosa, tem boas capacidades de reflexão em situações de crise o pai do J. contou que quando se reaproximou do filho foi após uma ida a tribunal onde viu que a progenitora não estava “limpa” e não autorizou em que ela ficasse

com a custódia do mesmo. A partir daquele momento, contou com a ajuda da madrinha do jovem para uma reaproximação gradual. Mantém um bom entendimento tanto com a madrinha como com a avó e estas foram sempre as únicas preocupadas com ele. Admite ajudar a avó do neto com 100euros por mês e embora se encontra desempregado, realiza trabalhos por fora para receber mais algum para não faltar nada a nenhum elemento da família.

Durante diversas vezes no decurso da reunião, o pai e a madrasta de J. mostraram vontade em ficar com o J. Desta forma, foi-lhes pedido um contato mais constante com o mesmo, incluindo telefonemas durante a semana e seria então pedido a CPCJ para o jovem começar a ir todos os fins-de-semana a casa. Uma semana na casa da avó e a outra na casa do pai. E dividir de igual forma a férias de agosto. Explicou-se aos presentes, e já com o jovem na sala de reuniões, de que este processo não dependia apenas da OSJ e que teriam que articular com a CPCJ. Caso não houvesse impedimento da parte deles, então o jovem passaria a ir a casa todos os fins-de-semana e consoante o desenvolvimento do processo e priorando o bem-estar do jovem, poderia se, *a posteriori*, estudar a hipótese de sair definitivamente da OSJ para a casa do pai.

Reflexão Intervenção Individual

Encontro nº9 – J.

O último encontro com o J. decorreu no dia 07 de julho 2014 pelas 15h e durou aproximadamente 50 minutos. Durante a sessão, foi explicado ao jovem o que tinha sido falado durante a reunião com o pai e a madrasta, realçando alguns aspetos, nomeadamente a disponibilidade do pai em recebê-lo em sua casa e dinâmica familiar. O J. acrescentou que o pai já tinha conversado com ele durante o fim-de-semana e que lhe disse para ele se aplicar nos estudos para poder voltar para casa. Durante a reunião o pai de J. mostrou-se preocupado com os resultados escolares e disse que queria o melhor para o filho, nem que isso implicasse ficar mais um ano no Lar. Desta forma, o J. mostrou-se ansioso por saber os resultados dos exames mas que era muito difícil transitar de ano. Contudo, acrescentou que se reprovasse teria mais facilidade em passar porque iria voltar a ouvir tudo outra vez. O J. disse que se

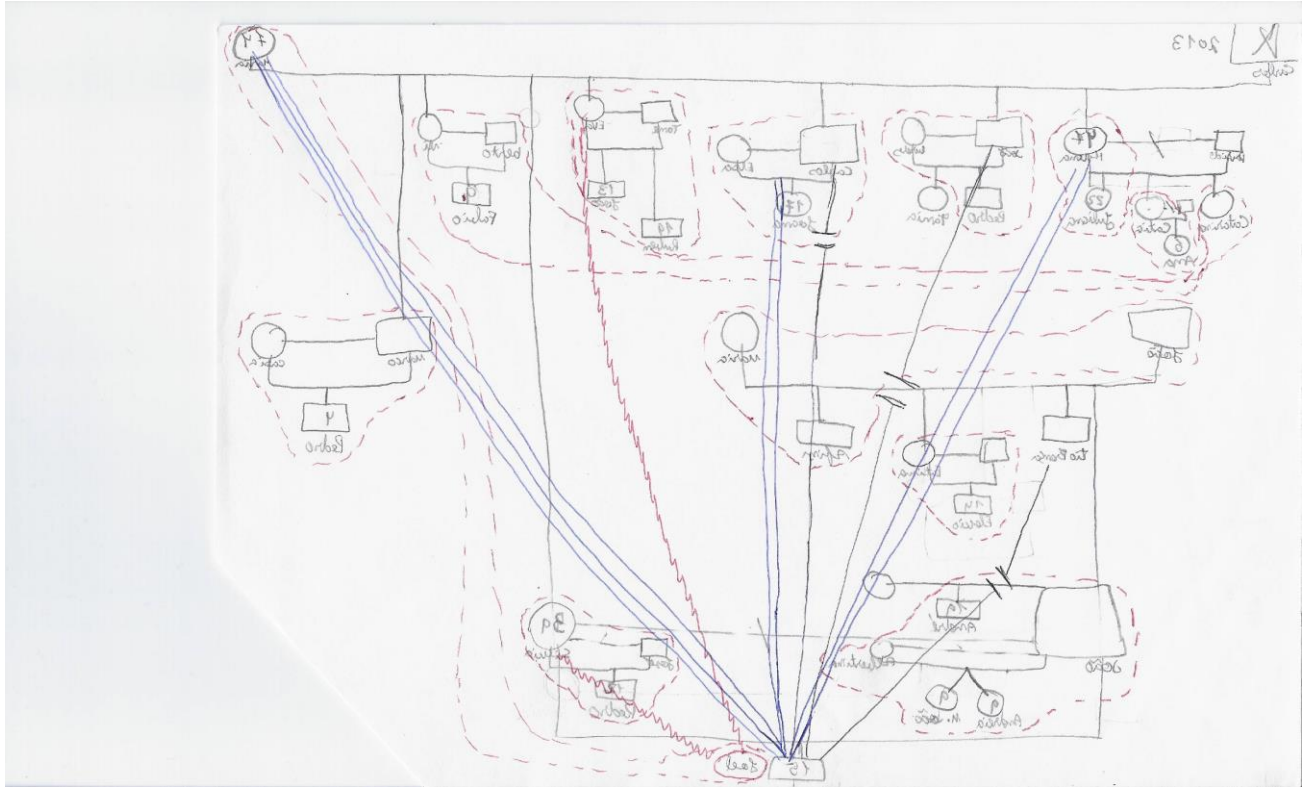
sentiu “mais aberto” durante o fim-de-semana, associamos este sentimento de pertença à presença do pai e da madrasta na OSJ pela primeira vez.

De seguida, esclarecer acerca dos procedimentos habituais da OSJ e demos ênfase ao seu envolvimento nestes encontros connosco, pois foi a partir da partilha dele que conseguimos criar esta ponte com o pai. De facto, não existiam dados nos processos da CPCJ ou nos relatórios da OSJ sobre a figura paterna, apenas a relatavam como ausente. No entanto, após a construção do Genograma, foi-nos possível apurar a sua presença assídua na vida do jovem. Nesse momento, o jovem retraiu-se um bocado e disse que nos tinha mentido uma vez no início do acompanhamento. Após alguma relutância, o jovem admitiu mentir em relação à quinta do pai, este realmente não tinha cavalos nem viva abastado. Ele disse que inventou esta história porque todos os outros colegas têm pais com “coisas fixes”. No nosso parecer, o jovem tinha esta fantasia sobre como seria o seu pai já interiorizada desde da sua mais tenra idade.

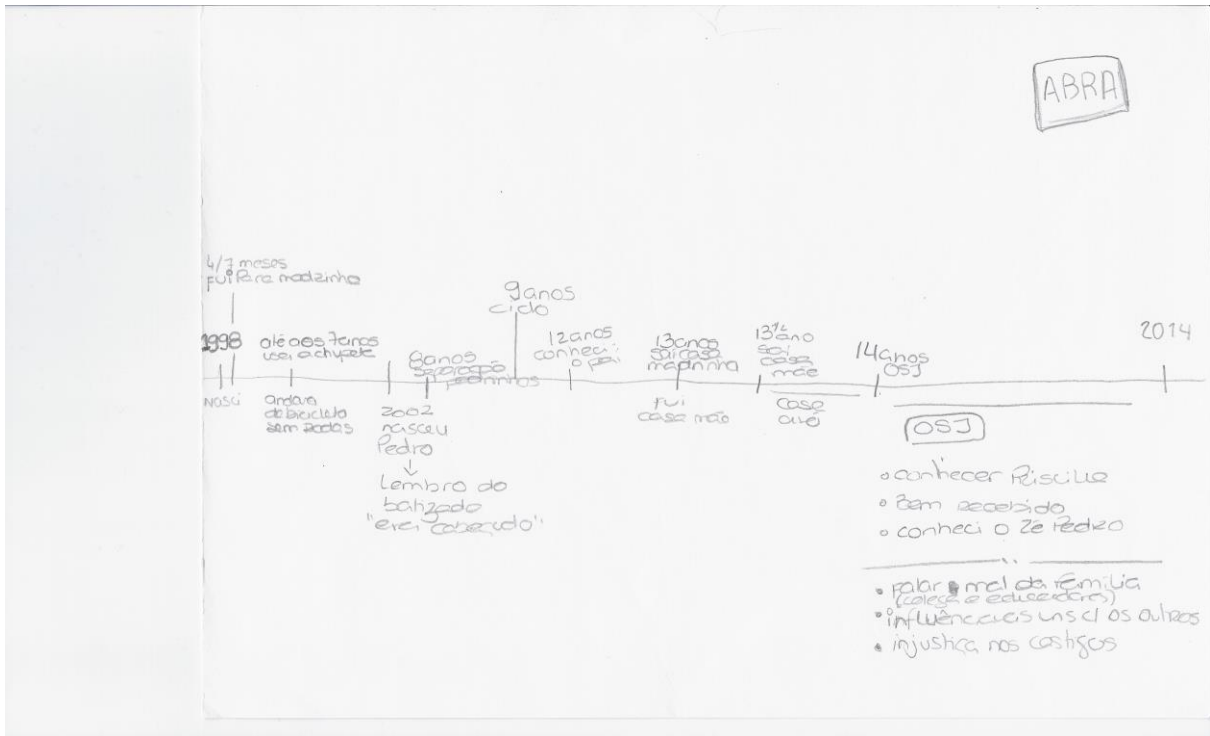
No último momento pedimos ao jovem para fazer um balanço do que foi conseguido nestes encontros, o J. disse que gostava muito de estar connosco e que sentia-se a vontade na nossa presença. Acrescentou que fica triste por não estar mais connosco mas que vê que já tem muitas pessoas que lhe querem bem e estão preocupadas e dedicadas a ele. Reforçamos a ideias dos procedimentos da CPCJ não serem “de um dia para o outro” e que tanto a OSJ como o pai e a madrinha estão “a remar para o mesmo sentido”.

Demos então como concluído a nossa primeira intervenção individual.

ANEXO XV - Genograma



ANEXO XVI – Linha cronológica



ANEXO XVII – Desenho dia na praia

